

DANIEL NASCIMENTO

SANDRA ROSSI



DN pontocom

A Vida Secreta e Glamourosa de um Ex-Hacker



Diretor Editorial e Publisher Rodrigo Coube

Edição de Texto

Maria do Carmo Fortuna

Revisão

Thais Tardivo

Projeto Gráfico e Diagramação

Literando & Afins - literando@literando.com.br Capa

Rafael Victor (rafaelvictor.tk)

1ª Edição – 2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nascimento, Daniel

DN / Daniel Nascimento. -- Bauru, SP : Idea Editora, 2014.

ISBN 978-85-88121-69-0

1. 2. 3.

I. Título.

14-08549 CDD-248.4

Copyright © 2014 Índices para catálogo sistemático: 1.

Todos os direitos desta edição reservados à Idea Editora Ltda. Av. Nossa Senhora de Fátima 7-44, Jardim América

CEP 17017-337 - Bauru - SP

Tel: (14) 3879-0288 - Fax: (14) 3879-0289

idea@ideaeditora.com.br

www.ideaeditora.com.br

A reprodução de qualquer parte desta obra é ilegal e configura uma apropriação indevida Impresso no Brasil

Dedicatória

Aos meus pais Walter e Ivanilde... por sempre acreditarem em mim Ao Walter ... por estar eternamente ao meu lado A Victória e Waltinho... por serem a razão da minha vida Sandra Rossi

Aos meus pais Juarez e Silvia... por nunca desistirem de mim Daniel Nascimento

Agradecimentos

Aproveito esta oportunidade para agradecer pessoas que de uma forma ou de outra contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Quero agradecer em primeiro lugar a Deus que sempre esteve comigo e me mostrou o que é certo. Apesar de muitas vezes eu tentar agir de forma contrária, Ele nunca desistiu de mim.

Agradecer aos meus pais, que também nunca desistiram de mim e que me amaram assim como Deus, incondicionalmente. Aos meus tios Ademir e Vilma, que, talvez sem perceberem, foram muito importantes na minha vida. Ao Nilson, que me proporcionou uma amizade linda de infância e esteve ao meu lado nos momentos difíceis. Ao Alex, que sempre me admirou, e eu aprendi a admirá-lo também. Ao Carlos, que foi um grande amigo em minhas piores fases, e a toda sua família, que sempre estive comigo. Agradeço à Carolina, que me ensinou o significado de companheirismo. À Flávia, que foi muito paciente comigo e me ajudou a enxergar valores como humildade e família.

Agradeço ao meu querido primo Marcello, que sempre esteve comigo. À minha eterna amiga Sandra, que acredita junto comigo nesses ideais. Ao meu amigo de vida Ilvamir Nigro, que sempre me apoiou.

E a todos que fizeram parte da minha vida, fazendo o bem ou o mal. Se não fossem por vocês, eu não seria quem sou. Vocês me formaram. Daniel Nascimento

Prefácio

Ele me dizia que compreendia e que me deixaria trabalhar com tranquilidade... ...no outro dia já estava me ligando novamente. “Oi Sandra, tudo bem?

Estou com saudades! E o livro?”

L

i uma vez na internet que os grandes amigos nós não conhecemos na academia, mas sim em uma mesa de bar. Sei que a maioria dos meus amigos irão se reconhecer nesta afirmação, conheci a maior parte deles em festas, churrascos e em mesas de bar ou restaurantes. Sempre aproveitando o que a vida tem de melhor, companhia de amigos, bate papo, cerveja gelada e muitos planos de futuro, de preferência os que envolva viagens, não é mesmo Re e Carlos?

Com Daniel não poderia ser diferente, nos conhecemos em uma mesa de bar, estávamos juntos quase todos os dias, bebendo e conversando, aprendendo a gostar e confiar um no outro. E, em um desses dias, estava só eu e o Dani na mesa, ele me olhou e disse que gostaria muito de escrever um livro sobre a sua vida, que relatasse o que ocorreu em sua juventude e a superação que o fez se transformar no homem que é atualmente.

Eu fiquei surpresa e sem entender onde eu me encaixa nesta história e então que me pediu para ajudá-lo, que ele acreditava que eu seria a pessoa que poderia transformar este sonho em realidade, que eu conseguiria fazer com que ele contasse por tudo que passou, sem mentiras, sem rodeios.

Eu não fiquei surpresa, realmente percebia que o nosso relacionamento era muito verdadeiro e sabia também que ele confiava plenamente em mim e conseguiria se relatar de forma fidedigna toda a sua história.

Decidi aceitar o desafio, mas não tinha idéia ainda de qual era a história de vida do Daniel, e numa noite, ele me contou parte de sua história, fiquei surpresa, poderia ter imaginado qualquer coisa, mas nunca imaginei que ele tivesse sido um hacker.

Isso só me fez ter mais vontade de escrever.
Estava muito curiosa.

Montamos um pequeno estúdio de gravação em um dos quartos da casa de Dani e começamos a gravar seus relatos. Durante meses o entrevistei e também aos seus amigos, antigas namoradas, familiares. Fui até para Brasília Entrevistar o Delegado da Polícia Federal que prendeu Daniel.

Enquanto recebia todas essas informações fui construindo uma narrativa e tentando entender tudo o que havia se passado na vida dele.

Durante mais alguns meses transformei a minha vida na vida do Daniel, dormia e acordava escrevendo e vivendo essa história. Cada capítulo que escrevia mais envolvida eu ficava, coloquei todos os meus sentimentos em cada fase do livro, em muitos momentos me sentia esgotada, como se não tivesse sobrado coisa alguma dentro do meu corpo, como se o livro tivesse consumido tudo o que eu pensava, me misturava nas entrelinhas do que eu havia escutado nas entrevistas.

Enquanto trabalhava no livro tinha que lidar também com a ansiedade de Daniel, que não consegue esperar, me ligava “dez” vezes por dia e perguntava: “E o Livro?”

Muitas vezes tive vontade de matá-lo. Mas, quem me conhece sabe que eu sou do bem... Com toda calma do mundo explicava novamente ao Daniel que esse era um processo relativamente lento porque eu precisava amarrar todas as pontas soltas que ficaram nos depoimentos, que eu precisava de inspiração para escrever e transformar a história dele em um livro.

Ele me dizia que compreendia e me deixaria trabalhar com tranquilidade...no outro dia já estava me ligando novamente

“Oi Sandra, tudo bem? Estou com saudades! E o livro?”

A vontade de matá-lo ficava cada dia mais forte. Até que entreguei a ele o primeiro rascunho para que ele pudesse ler.

Ali estava a interpretação que eu fiz de uma fase da vida do Daniel que deixou tantas cicatrizes.

E assim nasceu o “dnpontocom”.

Mas não nasceu apenas um livro, mas também uma amizade muito forte, uma cumplicidade que só nós dois entendemos, já que basta um olhar para um saber o que o outro está pensando.

Ele percebe todas as minhas mudanças de humor e se afasta quando necessário, entende minha ansiedade da mesma forma que eu entendo a dele. Formamos uma dupla perfeita... ...ficamos horas conversando e o assunto não acaba, conheço tudo da vida do Daniel e o respeito e admiro por tudo que ele passou.

Mas acima de tudo o agradeço imensamente por ter me devolvido o sonho, ter despertado em mim novamente o desejo de sonhar e arriscar uma coisa diferente.

Sem perceber o Daniel me devolveu a vontade de me atirar novamente para a vida, de descobrir novos caminhos e me mostrou que eu sou capaz.

Hoje, escrevendo essas palavras, penso nele, e fico com uma vontade enorme de telefonar e contar o que eu estou relatando e sentindo, como fiz muitas vezes durante a escrita do livro, mas me contenho, não quero contar, quero apenas que ele leia com tudo já impresso e sinta de verdade o carinho que sinto por ele e acima de tudo que perceba o quanto que ele é importante para mim.

Com amor Sandra Rossi

Sumário

1 - Anorexia e Visões

- 2 - Malandragens de Garoto
- 3 - Contato e a Identificação com a Internet
- 4 - A Conquista do Reconhecimento
- 5 - Internet x Brincadeiras x Trabalho
- 6 - Porto Alegre
- 7 - Festas, Baladas e Descanso Merecido
- 8 - Minha Vida em Hotéis
- 9 - Amor de Adolescente
- 10 - O Show
- 11 - Meus Heróis
- 12 - Liberdade para Agir
- 13 - Fábio, Noturno e Eu
- 14 - Quebrando as Amarras
- 15 - Trabalhando entre Curitiba e Piracicaba
- 16 - Sequestros - e Ameaças
- 17 - De Volta a Porto Alegre
- 18 - A Operação Ponto Com
- 19 - Superintendência da Polícia Federal em Porto Alegre
- 20 - De Volta para Casa
- 21 - Preso em Curitiba
- 22 - Depoimentos e Prisões
- 23 - A Miséria
- 24 - Fuga para Bauru
- 25 - O Recomeço
- 26 - Hacker do Bem
- Considerações Finais

Aos nove anos, eu sentia que a minha vida tinha realmente acabado, tudo se tornou muito difícil e complicado.

S

ou Daniel Lofrano Nascimento, tenho 25 anos. Nasci em Bauru, cidade de porte médio do interior do Estado de São Paulo. Meu pai se chama Juarez, é do Rio Grande do Sul, e minha mãe, Silvia, também nasceu em Bauru.

Sou filho do segundo casamento do meu pai. Tenho três irmãos, dois mais velhos por parte de pai, o Harison e o Saylon, e uma irmã do segundo casamento, a Ana.

Quando eu tinha em torno de seis anos de idade, meus pais e eu nos mudamos para a capital do Estado do Paraná, Curitiba, onde cresci, sempre alternando com Guaratuba, uma pequena cidade do litoral paranaense. Nessa época, eu morava com meu pai e minha mãe. Eu e meus irmãos por parte de pai, que eram mais velhos, não crescemos juntos, por sermos filhos de casamentos diferentes, e minha irmã caçula ainda não tinha nascido.

Minha infância foi muito complicada. Sempre gostei muito de Bauru, onde nasci. Lá estavam os meus amigos, enfim, a minha vida e o lugar que queria passar a minha juventude. Não aceitei a mudança

para Curitiba, cidade totalmente diferente, com clima frio, onde fui obrigado a me adaptar. Iniciei a pré-escola, minha primeira experiência escolar, quando eu não tinha habilidade para relacionar com outros alunos, já que amigos para mim eram apenas os de Bauru. Esse fato influenciou no meu comportamento, quando fiquei mais reservado que de costume, isolando-me em meu próprio mundo.

Aos nove anos de idade, nós nos mudamos para Guaratuba e passamos a morar próximos à minha avó. Meu pai queria ficar mais junto de sua mãe.

Eu já não gostava de Curitiba, mas a mudança para Guaratuba piorou ainda mais a situação, tornando-se um choque fortíssimo, porque, além de não conhecer as pessoas, passei a morar numa cidade de praia, com poucos habitantes, que não tinham o que fazer o dia todo, e uma cultura totalmente diferente da que eu tinha vivido até então.

Aos nove anos, eu sentia que a minha vida tinha realmente acabado, tudo se tornou muito difícil e complicado. Pela primeira vez eu estudava em colégio público, com muitos alunos, e eles faziam muita diferença entre os nativos de Guaratuba e os que vinham de outras cidades, e com essa atitude eles transformaram a minha vida em um verdadeiro inferno. Alguns episódios me marcaram muito nesse início de vida escolar em Guaratuba. Eu me lembro que minha mãe embrulhava quatro bolachinhas em papel laminado para eu levar de lanche para a escola. No recreio, as crianças, só para me provocar, davam um tapa no meu lanche e roubavam de mim. Se eu reclamasse, ainda me batiam para que eu silenciar sobre o episódio.

Eu apanhava dos meninos sem razão alguma, porque sempre implicavam comigo por meu comportamento mais sofisticado. Nunca fui “um deles”, tínhamos “não aceitação” mútua, e por causa disso nunca me adaptei ao modo de vida em Guaratuba.

Não me conformava de estar lá, nunca me conformei em morar em uma cidade que não tinha absolutamente nada relacionado ao meu jeito de viver. Sempre fui sozinho para a escola, não tinha amigos e não fazia questão de consegui-los. Em um tempo em que as pessoas me maltratavam, eu definitivamente jamais as desejei como amigos. Meus interesses sempre foram diferentes das crianças da minha idade, gostava muito mais de ler sobre assuntos interessantes e curiosos, dispensava a prática de esportes, como correr e jogar futebol. Sempre fui muito introvertido e, ao mesmo tempo, procurava o aperfeiçoamento em assuntos de história.

Como não compartilhava dos mesmos interesses que eles, fui rotulado de chato, o arrogante da turma.

O relacionamento com os professores era complicado também, já que me viam e tratavam como um aluno diferente e que queria chamar a atenção, estava sempre em busca de respostas com questionamentos, atrapalhando a aula. Mas eu só queria viver e usufruir do estilo de vida que escolhi, sem ter que agradar todo mundo. Com o passar do tempo, consegui fazer algumas amizades, mas um se tornou especial e convive comigo até hoje, o Nilson.

A nossa amizade teve início na sexta série, estudávamos juntos, ele também não era de Guaratuba, e sim de Francisco Beltrão, uma cidade do interior do Paraná. Ele era fisicamente mais forte que eu, com cabelos compridos e olhos castanho claros, um pouco mais alto que eu e de uma família mais humilde. Nós nos conhecemos em uma briga.

Estávamos sentados lado a lado, e no fundo da sala de aula sentava um garoto que era o valentão da escola e que sempre incomodava os menores e mais frágeis. Comigo nessa categoria, eu sempre era o alvo das gozações. Nesse dia, os meninos começaram a caçoar de mim, me ofenderam e eu fiquei muito nervoso. Nilson tinha amizade comigo e também com esses meninos valentões. Eu pensei que o Nilson fazia parte da gozação e tivesse mandado os maiores me provocar.

Como eu estava com muita raiva, me levantei da cadeira, dei um chute na mesa que o Nilson estava sentado, e ele levantou-se e me empurrou, desde então ficamos muito tempo sem nos falar. Só voltamos a conversar depois de um longo tempo.

Nilson morava perto da minha casa. Um dia eu estava voltando da padaria e ele me chamou para conversar, para esclarecer o que tinha acontecido, relembramos o motivo que tinha levado ao desentendimento, resolvemos o assunto e ficamos amigos novamente.

Acredito que como nós não éramos nascidos em Guaratuba e tínhamos problemas para nos relacionar com os locais, acabamos nos conhecendo melhor e fortalecendo nossa amizade. Estávamos sempre juntos, andávamos de bicicleta, nos divertíamos, mas também trabalhávamos cuidando de carros, entregando panfletos de lojas e ajudávamos meu pai na distribuidora de bebidas que ele tinha.

Nossa infância foi muito simples, e sempre procurávamos maneiras de nos divertir.

Brincávamos muito, jogávamos vídeo game, dormíamos na casa um do outro, enfim, ele era o único amigo que eu tinha e que me entendia. No período fora da aula, mesmo eu não curtindo muito esporte, ia com ele jogar basquete, único esporte que eu pratiquei. Compramos bolas e tênis só para jogar, às vezes na escola ou no ginásio municipal, que era aberto ao público no final de semana.

Mesmo tendo amizade com algumas pessoas, ainda tinha dificuldades para conversar sobre a minha vida, os meus problemas. Jamais confiei nas pessoas para poder desabafar, mantinha todos os sentimentos apenas para mim e sofria calado. Enquanto os adolescentes da cidade procuravam se divertir, beijar na boca, namorar e curtir a vida, eu estava numa *vibe*¹ diferente, lendo, estudando, pesquisando, enfim, em outro mundo.

Eu gostava muito do livro *Robinson Crusoe*², de Daniel Defoe, que foi o primeiro livro que eu li. O personagem estava perdido em uma ilha, isolado no mundo; eu me identificava com o personagem. Eu amava aquele livro, era praticamente meu livro de cabeceira.

Também lia a Bíblia, frequentei a igreja evangélica por vários anos, também participei de grupos, eu cantava no coral, mas lá também não fiz amigos, apenas colegas.

Nessa época, participei do concurso da Igreja Batista dos Embaixadores do Rei, em Foz do Iguaçu, em que as crianças formavam equipes e competiam em diversas categorias: desde esportes e gincanas a conhecimento bíblico. Eu, como estudioso da Bíblia, participei na competição de perguntas sobre os ensinamentos da igreja e conhecimento bíblico. Fiquei em segundo lugar!

O relacionamento com minha mãe sempre foi muito aberto. Com meu pai era um pouco diferente. Na minha opinião, ele teve uma educação familiar mais enérgica e rígida, e essa deve ser a causa de ser

mais enérgico que minha mãe.

Minha família percebia que eu era diferente, mas sempre me apoiaram em tudo. Meus pais viveram e sofreram com meus problemas, sempre me acompanhando e cuidando de mim... Mesmo que à distância.

Nós não tínhamos relacionamento próximo com outras pessoas ou nossos familiares, que encontrávamos apenas em festas de família. Em grande parte do tempo, éramos nós três.

Sempre achei muito interessante a maneira de viver em que as pessoas ganham e gastam dinheiro sem se preocupar com o dia de amanhã, que usufruem de tudo que é considerado como o melhor: dinheiro, luxo, carros, viagens, bebidas, baladas e mulheres.

Ainda muito jovem, eu fui uma dessas pessoas... Vivi intensamente... Aproveitei cada segundo... Vivia como se cada dia fosse o último em minha vida.

Mas também aprendi que tudo tem um preço.
O futuro iria me mostrar muito em breve.

Paguei muito caro por não ter acreditado nos conselhos das pessoas que queriam o meu bem, porque preferi seguir o caminho mais fácil: das malandragens, do oportunismo e das fraudes.

Hoje me pergunto se valeu a pena, se conseguiria experienciar tudo novamente.

Refletindo sobre o que fiz e vivenciei, afirmo que não, jamais teria as mesmas atitudes novamente. Paguei um preço muito alto por pensar apenas em mim, sem respeitar as leis ou me preocupar com a angústia das pessoas que conviviam comigo e me amavam de verdade.

Não valeu a pena, não tem dinheiro que pague poder colocar a cabeça no travesseiro e dormir tranquilamente. Somente quem experimentou tudo que eu vivenciei entende o que estou narrando.

Esta é a minha história.

Anorexia e Visões

Na hora, esse episódio pareceu coisa de criança, saímos correndo da casa, a adrenalina a mil e esquecemos o acontecido.

Q

Quando me mudei para Guaratuba, talvez para chamar a atenção ou mostrar que não queria aquela vida e que aquele mundo não me pertencia, desenvolvi um problema de saúde que ainda me acompanha, a anorexia nervosa³. Eu não induzia o vômito, mas tinha a sensação que tudo que eu comia eu ia regurgitar, ficava muito mal e consequentemente muito fraco.

Como tinha uma série de problemas de relacionamento, a doença para mim tornou-se ainda mais difícil. Eu passava muito mal na escola e pedia para sair da classe, a orientadora ou até a diretora pensavam que eu estava mentindo, criando aquilo somente para ir embora, e não me deixavam sair. Eu acabava tendo o mal-estar em sala de aula, com todos os alunos presenciando. Essa é a pior lembrança que eu tenho da minha infância. Acredito que os meus problemas foram surgindo por causa da anorexia.

Como eu não me alimentava, fui sempre o mais fraco da turma, e por isso os meninos me provocavam a todo instante. Eu me isolei cada vez mais e criei um mundo só para mim, um lugar que eu acreditava ser perfeito. A anorexia também não era aceita com facilidade pelas pessoas, eles diziam que a doença era invenção minha, uma coisa ridícula, e que eu fazia aquilo para chamar a atenção.

Eles não compreendiam e jamais foram condescendentes.

Meus pais procuraram ajuda, fomos a médicos, fizemos exames, procuramos ajuda espiritual em centro espírita, curandeiros, nos apegamos à religião. Depois de algum tempo, uma psiquiatra diagnosticou a anorexia nervosa e prescreveu medicamentos que eram ministrados diariamente. Eu parecia um zumbi, não tinha mais vontade própria.

Andava pela casa esbarrando nas paredes e nos móveis, estava tão dopado de medicamentos que não conseguia ter reação aos acontecimentos. Minha mãe não se conformava, eu era uma criança infeliz e ela percebia, mas não tinha como me ajudar de forma alguma.

Além da anorexia nervosa, outro problema que preocupava muito os meus pais eram as minhas visões. Sempre fui muito espiritual. Uma vez, ainda criança, eu estava passando as férias em Bauru na casa do meu primo Marcelo, filho da irmã do meu pai, a quem aprendi a gostar e respeitar, a tia Neuza. Meu primo sempre esteve ao meu lado e está até hoje, convivemos e nos damos muito bem. Além de primo, eu o considero um verdadeiro amigo. Nesse dia, a molecada invadiu uma casa que estava desocupada no condomínio que o Marcelo morava.

Quando entramos, eu vi o espírito de uma menina, e depois todos viram também e aconteceram umas coisas estranhas no interior dessa casa. Na sala tinha um quadro enorme, eu coloquei a mão no quadro e senti uma sensação aterrorizante, muito forte. Quando toquei o quadro, senti como se alguém estivesse tentando me avisar que algo errado iria acontecer e que eu precisava intervir. Na mesma hora, eu peguei o quadro e rasguei a tela inteira, como se quisesse proteger outras pessoas daquela sensação estranha que senti.

Na hora, esse episódio pareceu coisa de criança, saímos correndo da casa, a adrenalina a mil e esquecemos o acontecido.

Terminaram as férias e voltei para Guaratuba, mas eu continuei a ter visões, só que agora com muito mais frequência e parecia que elas me perseguiam. Eu sofria muito, e por várias vezes minha mãe precisou sair comigo de casa para dar voltas de carro pela cidade, para que as visões sumissem. Eu tinha muito medo das visões, tanto de ficar em casa, porque me assombravam, quanto de sair, porque me perseguiam.

As imagens que eu via quando criança eram duas e bem diferentes, uma muito ruim, que me amedrontava muito, a outra, de paz e tranquilidade.

A que me aterrorizava era dois olhos vermelhos que surgiam na minha porta e pareciam ter dois metros de altura, e eu a tinha antes de dormir, não me deixando mais pegar no sono. Eu chorava e gritava pedindo socorro, para que tirassem aquela imagem do meu quarto.

A visão que me tranquilizava era uma índia, vestida de azul, sempre ao lado da minha cama e me trazia paz, mas só aparecia pela manhã. Até eu encontrar essa paz que ela me transmitia, já tinha sofrido a madrugada inteira.

Eu contava para os meus pais, que tentavam me entender e ajudar, mas também não conseguiam achar uma explicação para as minhas visões. Ele me levavam à Igreja Universal, às quartas-feiras, e assistíamos ao culto e depois eu era atendido pelos pastores. Às vezes, tinha até três em volta de mim, orando, pedindo para que aquelas visões sumissem e que parassem de me atormentar. Mas nada ajudava, elas continuavam a me perseguir.

Eu também conversava muitas vezes sozinho com o pastor Helbert, um alemão, muito bom e paciente, que me ouvia calado, sem conseguir me libertar do que me atormentava espiritualmente. Eu pedia ajuda e explicações do que acontecia comigo. Ele falava que isso não era normal nem natural, e sim uma coisa ruim e que eu deveria orar muito para que essas visões fossem embora. Orei inúmeras vezes, mas elas não me abandonavam.

Essas visões não interagiam comigo, apenas apareciam, e eu tinha a sensação de que eram um aviso sobre algo ruim que poderia vir a acontecer.

Eu estava sempre de sobreaviso, vivendo dia após dia a energia negativa que eu via naquele olho vermelho em minha direção, possuído por uma energia ruim e pesada que me deixava em pânico e tirava o sono. Eu ia para o quarto dos meus pais e chorava muito, e quando conseguia dormir, eu tinha sonambulismo⁴, caminhava pela casa sem saber o que estava fazendo. Às vezes, eu pedia para

ter a visão da Índia, pois ela me transmitia paz e serenidade, era muito bonita, uma imagem que eu gostava de ver e que me acalmava.

Isso durou mais de um ano, foi no mesmo período da anorexia, dos onze aos treze anos, foi a fase mais difícil de que tenho lembrança, quando cheguei a pesar vinte e oito quilos. Minha alimentação era muito complicada, não conseguia comer sólidos, que eram substituídos por gelinho de suco de frutas. Minha mãe fazia o suco e congelava, e eu ficava chupando aquele gelinho com pano de prato para não queimar minha boca e minha mão com o frio. Aquela era minha alimentação.

Minha mãe, antes de ir para o trabalho, sempre deixava alimentos para eu ir comendo durante o dia, mas do mesmo jeito que ela os colocava no meu quarto antes de sair, ela os encontrava quando chegava. E muitas vezes eu tinha que ser atendido no hospital, sempre muito fraco, desnutrido e com queda de pressão.

Meus pais dificilmente me deixavam sozinho, com medo do que pudesse acontecer, mesmo assim eu me isolava, ia para o quarto, me trancava, e ali se transformava em meu mundo.

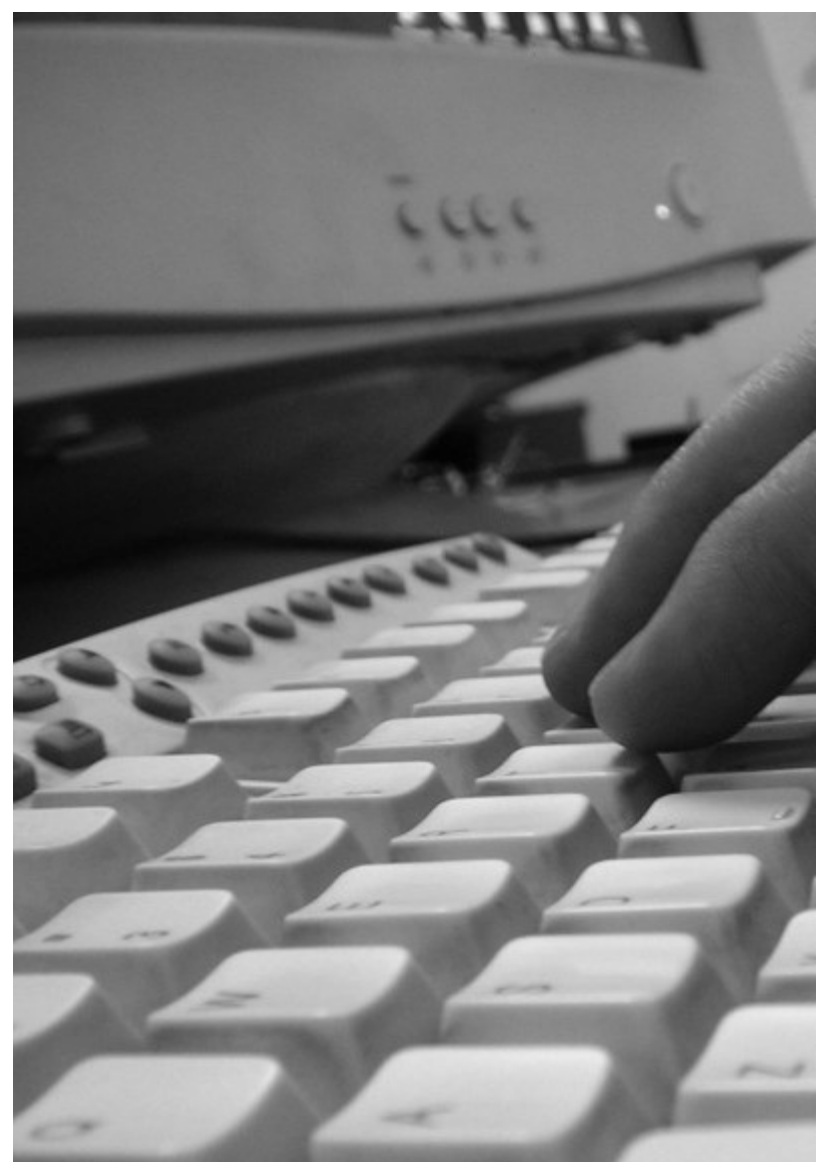
Meus pais sempre me apoiaram e me ajudaram, mas eu tive que superar tudo isso sozinho. Na verdade, eu fui muito mal-agradecido na época, mas atualmente eu sou muito grato aos meus pais, que foram as únicas pessoas que jamais me desampararam na vida e sempre estiveram ao meu lado.

Mas mesmo com todo o apoio que recebi deles, tive que superar tudo isso com as minhas forças. É um momento em que ninguém pode experimentar ou resolver por você.

Só consegui me libertar de todos esses problemas com a internet. Durante longos períodos de insônia, eu passava dias e noites no computador. A internet me proporcionou a aventura e me deu a oportunidade de ser uma pessoa diferente e a que eu queria ser no mundo real, só que no mundo virtual.

Sofri muito tempo, depois, quando comecei a utilizar o computador e acessar a internet, eu me esqueci da anorexia e das visões.

Minha vida começou a ter um novo sentido.



Malandragens de Garoto

E para falar a verdade, atualmente as crianças não fazem dez por cento do que fazíamos...

A

s raras vezes que eu saía com amigos, e sempre acompanhado pelo Nilson, a nossa diversão era fazer baderna pela cidade: nosso alvo principal eram as casas dos professores. Quando colocávamos bombas juninas dentro de batatas ou

tomates e quando elas estouravam, além do barulho, ficava uma sujeira enorme espalhada pela casa. A casa do professor de matemática, que não gostava de mim, era a nossa favorita. Esse professor me perseguia, sempre encontrava erros em minhas tarefas, e, para me vingar, eu usava a casa dele como alvo principal.

Quando estávamos em aula, o professor comentava que uma molecada jogava bombinhas na sua casa, a classe toda ria e não desconfiava de que nós, ali quietos, éramos os verdadeiros autores dos “atentados”. As grandes “ideias” vinham do Nilson, o mais moleção, que arquitetava os planos, porque adorava arte. E não eram bombinhas de criança que ele arranjava para explodirmos, mas sim bombas de grande potência!

Algumas vezes, durante as aulas, eu ou o Nilson pedíamos para ir ao banheiro e colocávamos uma bomba com timer⁵ no banheiro, que consistia de um dispositivo feito a partir de um cigarro aceso junto ao pavio da bomba, que ao queimar acendia o pavio. Nesse tempo entre armar e estourar a bomba, já estávamos de volta à sala de aula.

Em uma oportunidade, resolvemos aplicar um “atentado” mais emocionante.

Fizemos o cálculo do tempo para que a bomba explodisse dentro do banheiro quase no horário do intervalo, e, assim, todo mundo pudesse ver o estrago. Pois bem, aumentamos a potência da bomba, colocamos entre o vaso sanitário e a caixa de descarga, acendemos o cigarro para dar ignição no tempo certo, tudo planejado e testado anteriormente.

Armamos a “brincadeira” e voltamos para a sala de aula. O tempo começou a passar, o intervalo estava chegando e nada da bomba explodir. Comecei a suar frio, estava apavorado. Tocou o sinal, a turma começou a sair, e nada. Eu não sabia o que fazer, e quando estava prestes a gritar para não entrarem no banheiro, a bomba explodiu. Foi uma correria alucinante, cada aluno ia para um lado, parecia um atentado de verdade.

Graças a Deus ninguém se machucou.

Depois que passou o susto, não sabia se eu ria ou chorava. A diretora pediu para ver com os professores os nomes dos alunos que tinham saído da sala um pouco antes do intervalo, mas eram tantos que não conseguiram descobrir qual seria o autor do “atentado”.

E, por ironia, meu nome e do Nilson não estavam entre os alunos que saíram da sala, e na realidade ninguém desconfiava da gente, afinal não éramos da turma da bagunça. Não levantávamos suspeitas. Isso para nós era coisa da idade, mas depois desse dia nunca mais colocamos bomba no banheiro, o susto que passamos valeu como lição.

E para falar a verdade, atualmente as crianças não fazem dez por cento do que fazíamos quando crianças. Nilson e eu, companheiros de aventuras, estouramos um telefone público para poder fazer ligações gratuitas: tiramos o tambor da fechadura e fizemos uma cópia da chave, e quando queríamos fazer ligações sem pagar, abríamos a caixa de controle com a nossa chave e usávamos de graça.

Era uma maneira de fazer a ligação direta, sem usar o então cartão de telefone. Interessante é que inventávamos essas “soluções” e não tínhamos para quem ligar, por isso, ficávamos passando trote para poder passar o tempo e usufruir da nossa armação. Já na adolescência, mudamos as brincadeiras, bom agora era sair de carro pela cidade.

Eu me lembro que na minha casa funcionava o depósito de bebidas do meu pai. Ele tinha muitos veículos para entregas e tinha acabado de comprar um Corsa⁶ vermelho para a minha mãe e o guardava na casa da vizinha, próximo à praia; portãozinho de madeira, fácil de abrir e sair sem fazer barulho.

Eu e o Nilson combinamos de sair no sábado, esperamos meus pais dormirem, empurramos o carro da minha mãe até fora da garagem e chegar à esquina, então, bem longe de casa, é que dávamos a partida e íamos para a praia paquerar as meninas.

Nós aproveitamos os finais de semana por mais de quatro meses, e meus pais não percebiam. Minha mãe conta que ficou desconfiada, mas achava que era exagero seu. Às vezes até quis se levantar e ir lá fora para checar, mas achava melhor ficar quieta na cama, porque, se ela levantasse, meu pai acordaria e aí sim a coisa ia ficar feia.

Ela até comentava comigo que achava estranho, parecia que o carro não estava naquela posição na noite anterior, e eu me fazia de bobo e a convencia que estava vendo coisas, ficava falando que o carro não se movimentava sozinho e que ela deveria ter parado o Corsa assim mesmo e nem se lembrava mais.

Mas nada fazia com que eu e o Nilson desistíssemos de nossa aventura noturna, na volta, colocávamos gasolina no carro para o meu pai não perceber e ficávamos bem quietinhos.

Era a maior delícia, achávamos que nunca seríamos pegos.

Mas um amigo de meu pai perguntou o que ele fazia toda madrugada na rua e, o pior, nem cumprimentava os amigos. Meu pai, que não era inocente, se deu conta do que estava acontecendo e colocou fim à minha brincadeira e do Nilson, e eu fiquei louco da vida com o “fofoqueiro” que

estragou nossa aventura de ficar na frente dos barzinhos com o carro parado e fazendo o maior sucesso. Nenhum garoto da cidade tinha carro, éramos muito novos ainda.

Nossa amizade era assim, amigos confidentes e cúmplices nas artes da idade.

Com o passar do tempo, eu já não queria sair muito, gostava mais de ficar em casa curtindo a internet. Era mais gostoso fazer malandragens pelo computador.

Para mim, era tudo brincadeira, eu não tinha ideia da dimensão do que eu fazia, a que nível eu chegaria e as consequências de meus atos, até então, para mim, de adolescente.

Contato e a Identificação com a Internet

No mundo virtual, eu me sentia diferenciado, porque era alguém especial e reconhecido.

C

Com todos os problemas de relacionamento que já vinham da minha infância, encontrei um porto seguro que me fazia passar muitas horas do meu dia no meu quarto, com o objetivo de aprender a utilizar a internet. É bom

realçar que esse fato ocorreu em uma época em que não havia proliferação da tecnologia como temos atualmente.

Tudo começou porque meu pai tinha uma promessa de trabalho para mim em uma organização de grande porte em Bauru, a Tilibra⁷, empresa renomada no Brasil e exterior. Tínhamos um parente que era funcionário de lá que prometeu ao meu pai que, se eu entendesse de tecnologia, poderia trabalhar na empresa. Com isso, ele se entusiasmou e me inscreveu em um curso de informática para que eu me aperfeiçoasse no sistema Linux⁸, destinado a usuários avançados e profissionais do setor.

Desde o início das aulas, percebi que estava mais preparado que meus professores, então pedi ao meu pai que comprasse um computador para que eu pudesse praticar em casa. Ele aceitou o pedido, acreditando que eu usaria o computador apenas para os fins de aprendizagem. Foi o que eu fiz, aprendi e muito. A internet transformou-se no meu mundo. Eu ficava muito tempo em meu quarto, por horas e horas em frente ao computador. No início meus pais acharam ótimo, afinal, eu estava estudando e me aperfeiçoando.

Com o passar do tempo, eles perceberam que eu acessava a internet para assuntos não tão educativos como o esperado.

Quanto mais eu me aperfeiçoava, mais se tornava divertido o mundo virtual. E a minha primeira “missão” foi facilitar o meu acesso à internet, que era muito cara, e meu pai controlava o uso através da linha telefônica de casa. Mas encontrei alternativas para usá-la sem pagar. Eu clonei o telefone público, quebrei código de provedores para receber ligação a cobrar de internet discada, fiz quase o impossível, mas não deixei de usar o computador e acessar a rede mundial.

Certa vez, para garantir o uso da internet, eu e o Nilson puxamos uma extensão do telefone público que ficava a aproximadamente cem metros de casa. Nós enterramos os fios no chão de terra até chegar à janela do meu quarto, e assim não precisei mais usar a linha telefônica de casa. Chegava a conta de telefone e meu pai checava, via que estava com valor pequeno e ficava tranquilo, pensando que eu tinha desistido de acessar a internet. Um dia, descobriram e chamaram a polícia, peguei a extensão e joguei sobre o muro da casa do vizinho.

A polícia chegou, invadiu o imóvel e recuperou os fios, sorte que o local estava abandonado e não prejudicou possíveis indiciados.

Eu só fiquei observando a cena com cara de surpreso como se não estivesse entendendo o que acontecia. Meu pai olhou para mim, em silêncio, mas estava certo de que a arte tinha sido feita por mim.

Meus pais nunca aceitaram essas coisas que eu fazia com meu comportamento. Eles sempre foram muito corretos, e por isso me reprimiam muito quando viam que eu estava fazendo coisas erradas. E mesmo deixando claro que não aceitavam, eu sempre encontrei meios para enganá-los.

Eu me lembro perfeitamente da reação do meu pai na primeira coisa ilegal que eu fiz, quando invadi o site da Abril Cultural⁹ e assinei todas as revistas que eu gostava, e as que não gostava eu enderecei para meus amigos.

Certo dia, o motoqueiro entregou uma caixa com várias revistas diferentes, como *Isto É*, *Veja*, *Superinteressante*, *Info Exame*, enfim, muitas! Meu pai ficou muito bravo, não entendia como eu fazia para conseguir tudo aquilo. Foi um impacto muito grande para o meu pai, minha mãe e minha família, mas eu não parava. Eu usei o mesmo método na Som Livre¹⁰ para obter CDs de músicas, “comprava” para mim e para os amigos.

As pessoas que eu conhecia passaram a receber encomendas estranhas: ora assinaturas de revistas, ora diversos CDs, sempre com novidades. Tudo era uma diversão para mim porque me fazia sentir superior com aquela atitude! Nilson também era alvo das minhas façanhas, revistas de mulheres nuas eram enviadas para ele.

Posso imaginar o espanto dele e da família quando recebiam mensalmente muitas revistas e nem tinham ideia de sua origem.

Com aperfeiçoamento constante, aprendi a clonar cartões de crédito e fazer compras pela internet. Adquiria de tudo, pares de tênis, perfumes, roupas, relógios. Mas como não podia aparecer com tudo aquilo na minha casa, tinha de esconder ou presentear outras pessoas.

Muitas vezes eu enviava cartões de crédito para meu primo Marcelo, de Bauru, incluindo as senhas para ele distribuir entre os nossos amigos do condomínio. Quando eles receberam os cartões, não tinham ideia de como utilizar, por isso se livraram deles pensando que a polícia viria atrás.

Invadia o sistema do UOL¹¹ e, conseqüentemente, as salas de bate-papo, trocava o *nickname*¹² ou me passava por outra pessoa para poder interagir com os que estavam online.

Eu adorava aprontar com as pessoas via internet, mas a minha maior vítima era o meu primo. Invadi o seu computador e a webcam¹³, e só ficava espiando-o. E era só ele deitar na cama que eu começava a aprontar: abria o CD-ROM, ligava e desligava o computador.

Ele se aproximava, olhava para o computador, fazia aquela cara de espanto, tipo vendo fantasmas, ficava muito nervoso. Demorou para ele perceber que era eu o autor das “peripécias”.

Nessa época, os jovens que usavam o bate-papo na internet acessavam pela BrasIRC¹⁴. Eu derrubava essa rede em Bauru só para deixar o Marcelo sem conexão, e com isso deixava mais de 20 mil jovens sem internet também.

Eu usava meu conhecimento de tecnologia apenas para me divertir.

No começo, nem eu e nem minha família tínhamos noção de que eu ia ganhar dinheiro com isso, já que tudo era uma brincadeira, uma fase que passaria quando eu ficasse mais velho. Eu pensava que era apenas uma forma de me sentir melhor, um desafio, o de fazer algo inédito.

No mundo virtual, eu me sentia diferenciado, porque era alguém especial e reconhecido. Com isso, mesmo sem saber explicar, acredito que o desafio de estar fazendo uma coisa nova, uma coisa que eu sempre gostei e quem ninguém sabia fazer, era meu estímulo.

E fui me isolando dos meus amigos e da minha família. A minha vida agora tinha se tornado o computador. Entrava três ou quatro horas da tarde e saía às seis horas da manhã, não tinha limites.

Nessa época, eu ainda era o Daniel na vida real e outra pessoa no virtual, tinha um apelido, nickname, mas ainda era o garoto que só queria chamar a atenção.

Nos grupos da internet, eu era uma pessoa diferente, nunca me expus abertamente. Mesmo porque eu era muito novo e havia certo preconceito em relação à minha idade, catorze anos, fazendo parte de um grupo de pessoas com vinte anos. Então, diversas vezes eu simulava ser alguém mais velho, que morava em outra cidade; para cada situação um versão diferente. Eu era alguém diferenciado no mundo virtual, mas no mundo real não.

Ainda não me aceitava, mas aprendi a lidar comigo de forma admissível. A minha verdadeira cura foi me aceitar da forma que sou e parar de me julgar pela apreciação dos outros. Não me preocupava mais se me achassem legal ou não. Comecei a me dar valor... Pensava sempre: “sou o que sou e isso me basta”.

Eu costumo afirmar que a teoria não é a prática, que é preciso ter dom para realizar os feitos que consegui obter. Qualquer pessoa pode estudar dez anos em faculdade para aprender sobre tecnologia, mas se não tiver o talento, não há como fazer o que uma pessoa com aptidão faz em seis meses. E isso eu possuía e tinha também tempo suficiente para continuar me aperfeiçoando, sem ser incomodado.

Era notório que estando no meu quarto sozinho, eu ficava mais tranquilo e tinha menos problemas de saúde e de cabeça. Assim, fui me isolando do mundo real e alcançando meu objetivo de ser melhor naquilo que eu sabia fazer, *hackear*¹⁵. Mesmo sendo muito jovem, não tinha formação alguma, precisava compensar a minha inexperiência com dedicação e disciplina no estudo da computação.

Isso para mim era muito fácil. Como eu sempre gostei de me aperfeiçoar e de ler, comecei a buscar cada vez mais informações sobre a utilização de todas as ferramentas disponíveis na internet. Não acessava a internet para bater papo, mas sim para aprender. Quanto mais estudava, mais gostava, afinal, o submundo dos *hackers*¹⁶ e dos *crackers*¹⁷ é muito interessante e me chamou muito a

atenção.

Com o passar do tempo, pessoas que também utilizavam a internet da mesma forma que eu ficaram surpresas com as coisas eu conseguia fazer, e assim, conforme fui evoluindo, chamei a atenção de outras pessoas com mais experiência e comecei a participar de grupos afins e trocar conhecimentos. Meus amigos agora também eram virtuais.

Nem todo *hacker* brasileiro compartilha conhecimento, porque o adquiriram por seus próprios esforços, e quando se atinge um certo nível de conhecimento, as coisas começam a ser mais fáceis, incluindo fazer parte de grupos maiores. Você passa a ser líder e consegue interagir melhor com os que estão em nível superior.

E o interessante é que conforme você atinge níveis superiores, aprende a usar outras pessoas que estão querendo instruir-se.

Os iniciantes ainda não percebem a sua capacidade real e o valor que possuem, mesmo sendo muito bons, mas não tem noção e por isso são tão explorados. E como se fosse uma escalada, fizeram isso comigo e eu fiz com os que estavam abaixo de mim. Minha experiência passou pela BrasNet18, BrasIRC, que eram as antigas redes de IRC19, fui membro da rede BrasNet, entrava em grupos na EFnet20, rede com canais privados direcionada aos diferentes grupos de *hackers*.

Aproveitei para acessar a internet enquanto meus pais não percebessem a gravidade do que eu fazia, mas aconteceu um fato que os deixou muito preocupados, mas já era tarde e eu já havia me tornado outra pessoa. Nesse período, o gerente do Banco do Brasil chamou meu pai para dizer que ele não entendia como eu tinha transferido um dinheiro de uma conta de um cliente do Rio Grande do Sul para a minha. Meu pai ficou furioso, porque tinha aberto a conta pensando na facilidade quando eu estivesse trabalhando em Bauru e precisasse me virar sozinho.

Ele me fez devolver o dinheiro e encerrou imediatamente a minha primeira conta em banco.

Eu fiz essa transferência apenas para testar se era possível, e deu certo. Nem liguei para o valor que tinha transferido, mas percebi que eu era capaz de entrar no sistema financeiro também, mas não me interessava, até então porque foi só como diversão ou um desafio a ser atingido.

Era assim que eu fazia, acessava, adquiria conhecimentos, estudava muito e me destacava neste meio. Com minha evolução, fui chamando a atenção de pessoas interessadas em meu conhecimento para levar vantagem em alguma coisa.

Hoje eu tenho noção de que todas as pessoas que se relacionaram comigo tinham algum interesse, menores ou maiores, mas usufruíram das coisas erradas que eu fazia.



A Conquista do Reconhecimento

...e assim pelo computador que está linkado na rede interna, e por estar com a porta aberta, o hacker invade a rede e obtém informações gigantescas.

D

os pequenos golpes, vieram o prazer pelo que eu fazia e a vontade de me aperfeiçoar continuamente. Junto com o aprimoramento, veio o desejo de ser reconhecido por meu conhecimento e mostrar para todos do meu mundo

que eu era o melhor.

Eu me lembro que em 2004 havia grupos na “EFnet”, que se denominavam os melhores *hackers* do país, e seus apelidos estavam entre as lideranças do ranking²¹ que eu sempre acompanhava e me espelhava.

Como eu me relacionava com pessoas do mundo todo, acabei fazendo amizade com um *hacker* russo na EFnet que era uma das lideranças de um grupo onde participavam do controle de diversas regiões do mundo. Nessa época, eu já encabeçava alguns grupos brasileiros, por isso que consegui fazer parte do “staff” do russo. Depois do primeiro contato, começamos a trocar conhecimentos e tivemos acesso a um *exploit*²², que nos permitia invadir qualquer máquina, servidor ou rede no mundo que tivesse o Half-Life 1.523, todo computador que rodava com o jogo *Counter-Strike*³ na época.

Eu fui o primeiro hacker brasileiro a possuir esse exploit.

Desenvolvi um método que conseguia rastrear todos os computadores do mundo que rodavam com o Half-Life 1.5, com jogo Counter-Strike, assim eu selecionava as máquinas que eu queria invadir, sempre escolhendo computadores com alguma relevância. Com essa máquina conquistada, eu *snifava*²⁴ a rede, ou seja, mapeava essa rede e me infiltrava nela.

Eu costumo dizer que invasão não é só culpa do sistema, mas também do ser humano. Colocando em palavras bem simples, bem fictício, você consegue invadir os dados confidenciais do Palácio do Planalto, por exemplo, que possui todo um sistema de segurança do governo brasileiro, através de uma falha que existe no computador de algum funcionário na sua hora de folga jogando Counter-Strike, e assim pelo computador que está *linkado* na rede interna, e por estar com a porta aberta, o *hacker* invade a rede e obtém informações gigantescas.

Nas invasões que eu fiz, peguei muitas máquinas. Eu me lembro que eu tinha mais de cinco mil máquinas invadidas pelo mundo, e como não eram máquinas comuns, eram máquinas selecionadas, grandes servidores, grandes empresas, máquinas governamentais e assim, aumentei muito meu poder de ataque.

Na época e ainda hoje, existe um ataque chamado de DDoS²⁵ ou pacote. Eu juntava máquinas do mundo inteiro, onde os *links* eram superiores (Estados Unidos, Alemanha, Europa) e vinha para o Brasil, que estava começando com a era da tecnologia, e derrubava tudo por aqui.

Após diversos ataques que fiz, houve um fato que me intrigou. Em uma rixa dentro da BrasNET, o meu *nick* e os meus privilégios foram retirados. Eu não me conformei e exigi a sua devolução ao comando da rede. A rede não deu importância à minha solicitação.

Nessa época, a BrasNET era a maior rede de bate-papo do Brasil. Toda sua estrutura estava hospedada na Telemar²⁶, que rodava no nordeste. Foi quando eu programei o ataque para derrubar a BrasNET. Nesse ataque, eu não consegui derrubar a BrasNET, então conclui que, para derrubá-la, precisaria derrubar toda a empresa que a hospedava.

Foi quando eu reuni mais de mil máquinas e ataquei todos os alvos-chave da Telemar do nordeste. Com três horas de ataque, a empresa ficou instável por mais de uma semana. Logo em seguida, a Telemar se retirou da BrasNET.

Com a magnitude desse ataque e as máquinas que eu tinha em meu poder, fruto de quatro anos de muito estudo, busca de conhecimentos e noites em claro, em 2004, com quinze anos de idade, eu vim a ser reconhecido por lideranças brasileiras (*hackers*) e algumas do exterior como o maior *hacker* naquele período no Brasil.

Consegui chegar ao auge da minha carreira como *hacker* e atingido o posto que tanto almejei, mas ainda não tinha idéia que poderia, em algum dia, fazer dinheiro com isso.

Eu comprava revistas, CDs, mas não considerava isso uma fraude. Para mim, eu estava apenas brincando.

Mas quando eu alcancei o posto de maior *hacker*, eu comecei a chamar a atenção de pessoas interessadas no meu trabalho e recebi propostas de toda parte do país.

Não entendia ainda o que estava acontecendo, afinal, tinha feito tudo aquilo só porque queria o meu status de volta na BrasNET. Foi apenas um capricho, e se não me dessem por bem, eu ia conseguir a força, e no final foi esse ataque que solidificou o meu reconhecimento, a minha fama.

E comecei a entender que podia fazer mais.

Abandonei tudo, escola, amigos, igreja. Acreditava que tinha uma nova personalidade, o DN, e era aquele cara que me motivava e ia conseguir tudo o que achava que sempre merecia.

Surgia então o DN imbatível, insuperável. Eu me trancava no meu mundo e vivia a minha nova personalidade, sempre muito objetivo, sempre buscando informação, não utilizava a tecnologia para brincar, mas sempre para expandir e aperfeiçoar meu conhecimento.

Eu não tinha ideia de onde eu poderia chegar, nem quanto eu poderia lucrar e a que isso tudo me levaria. E veio à tona a ambição de ser alguém diferente e importante. E foi nessa oportunidade que

descobri que trabalhar como *hacker* poderia me proporcionar tudo que sempre tinha sonhado e almejado.

Internet x Brincadeiras x Trabalho

Eu me lembro muito bem dos detalhes dos carros, porque sempre foi algo que me fascinou... D

epois que alcancei o posto de um dos maiores *hackers* do Brasil, fiquei em evidência, e muitas pessoas entraram em contato via internet e afirmavam não acreditar no que eu tinha feito. E na proporção que as pessoas me

enalteciam, mais eu me considerava o máximo.

Curti essa conquista por muito tempo, isso fez com que as pessoas ligadas à internet me respeitassem. Tornei-me conhecido também pelas pessoas que utilizavam a internet para aplicar golpes em terceiros, verdadeiras artimanhas criminosas. Eu já sabia sobre esse grupo de pessoas que estavam obtendo muito dinheiro com os conhecimentos que tinham de tecnologia, mas sempre pensei que eles estavam bem distantes de mim.

Mas me enganei, eles estavam mais próximos do que poderia presumir.

Um rapaz de aproximadamente vinte e cinco anos, moreno, mais baixo que eu, muito simpático e atencioso, conhecido pelo nome de Linux, mas na época o seu *nickname* era L1N5X, me procurou para pedir que fizesse um trabalho, um *spam*²⁷, técnica de enviar e-mails em massa. Como eu tinha muitas máquinas à minha disposição e sabia que não teria dificuldade em fazer esse trabalho, recebi as listas de e-mail e toda a engenharia social²⁸ necessária para facilitar o desenvolvimento do trabalho.

Para exemplificar de forma bem simples, a minha função era enviar e-mails para várias pessoas com determinada propaganda, chamando a atenção para o aviso de que haviam ganhado um concurso (carro, casa, algo interessante e que aguçasse a curiosidade). Quando a pessoa acessava a propaganda, ela conectava-se a um *link*²⁹, ou *sublink*, onde tinha um vírus chamado *keylogger*³⁰, e assim eu invadia o seu computador.

Essa era a parte técnica, mas eu não sabia na época o que eles faziam depois que eu realizava o meu trabalho.

Eu me lembro que o Linux era de Curitiba e foi para Guaratuba me encontrar, e como eu ainda escondia essas atividades de meus pais, tudo era feito às escondidas. Quando ele chegou, só consegui prestar atenção no carro que ele tinha, era um Audi S2³¹.

Quando ele chegou com o Audi e tranquilamente me ofereceu a chave para que eu o dirigisse. Não pensei duas vezes, eu me acomodei no banco do motorista, acelerei, e viajei para outro mundo, outra dimensão, e só pensava: “esse é o cara”.

A partir daí, eu soube que precisava me igualar a ele. Aquela era a vida que eu precisava ter e seria a recompensa por todo o sofrimento que tive na infância, por todas as noites que passei acordado com medo, por toda a humilhação que passei por ser mais fraco que os outros meninos, por ser diferente. Para mim, a reparação tinha chegado em forma de poder, eu seria muito respeitado também.

O Linux foi claro e objetivo, me disse que eu teria tudo o eu desejasse na vida se fosse trabalhar para ele, e o meu trabalho seria bem descomplicado: só teria que enviar e-mails, simples assim.

Na época, eu lembro que ele tirou quinhentos reais do bolso e me deu, o que para mim foi o máximo. Eu nunca tivera tanto dinheiro na minha mão, e só pensava em onde e como iria gastar o grande montante. Eu estava acostumado a ter dinheiro para comprar salgadinhos, refrigerantes, sorvetes, então como é que eu ia torrar de uma hora para outra todo aquele valor?

Ele me deu o dinheiro e combinou de pagar semanalmente o mesmo valor para eu continuar trabalhando naquele esquema. Eu não acreditava no que estava acontecendo e imediatamente calculei que ganharia dois mil reais por mês para fazer um trabalho sem dificuldade alguma. Para mim, aquilo parecia não acontecer de verdade.

Em 2004, um garoto de quinze anos, ganhando dois mil reais por mês, era praticamente impossível.

Peguei o dinheiro, fui para casa me sentindo muito bem. Acho que foi nesse momento que começou a despertar toda a arrogância que conviveu comigo por um período da minha vida, porque comecei a me sentir imbatível, o todopoderoso, eu podia tudo, ninguém iria me deter. Eu era o melhor... E comecei a trabalhar para o Linux, enviava e-mails em massa.

E enquanto eu recebia dois mil reais por mês, ele com certeza lucrava milhões. É a vida.

Eu me encontrei com o Linux pessoalmente mais umas duas vezes, e depois disso só nos falávamos pela internet. Mas tem uma coisa muito engraçada nesse meio que eu estava entrando, sempre tem quem pague mais pelo seu trabalho, e comigo não aconteceu diferente.

No primeiro mês que eu estava trabalhando para ele, recebi outra proposta, ainda melhor, de uma pessoa conhecida como GR, um baiano que morava no Sul. Ele era baixinho, muito alegre e brincalhão, sempre levando a vida na brincadeira. Ele foi me encontrar com um Marea Turbo³², e quando chegou, chamou muito a atenção, era um cara muito estranho para estar dirigindo um carrão daqueles. Na minha opinião, não combinava.

Eu me lembro muito bem dos detalhes dos carros, porque sempre foi algo que me fascinou, eu sempre fui apaixonado por carros, era dessa maneira que eles me seduziam.

E começou uma nova negociação, só que o GR me pagou mais que o Linux, e eu fui jogando com os dois. Para quem pagava mais, eu trabalhava. Recebi muito dinheiro, mas ainda não tinha noção do tamanho da fortuna que eu estava fazendo para eles, valores tão altos que era inimaginável. Estava contente com o que eu ganhava, que para mim já era muito. O dinheiro não era o mais importante para mim, o importante era a fama que eu estava conquistando. O DN já era um nome respeitado no mundo

dos *hackers*.

Eu trabalhava para o Linux e para o GR, eu ficava leiloando os dois e apareceu uma nova pessoa interessada no meu trabalho, o Noturno.

O Noturno era um *hacker* assim como eu, tinha uns vinte anos, muito simpático e de bem com a vida. Era alto, magro, de cabelo loiro e olhos claros e se vestia com roupas caras e de marcas famosas. Onde ele entrava, chamava a atenção e atraía todos que queria com a sua conversa cativante e histórias fantásticas, era um conquistador nato.

Ele chegou até mim através do GR, que havia comentado sobre a minha capacidade. Eu só tinha convivência com Noturno pela internet, não o conhecia pessoalmente, mas sabia da fama de ser um *bon vivant*³³, de curtir a vida adoidado. Havia uma história de que ele fez uma festa com muitos artistas e pessoas famosas que durou vinte dias.

Essa festa foi no Hotel Copacabana Palace³⁴, no Rio de Janeiro, e circulava pelo submundo dos *hackers*. Fama, dinheiro e poder sempre chamou a minha atenção, e não importava a que grupo pertencia. Não sei se a história era verdadeira ou se cada um que a contava aumentava um pouquinho, mas para nós que a ouvíamos tornou-se o símbolo do poder.

Mesmo sabendo dessas histórias, eu não o conhecia pessoalmente. Como todas as pessoas da internet, a convivência é principalmente virtual e raramente com contato pessoal. Nós fazíamos trabalhos e ganhávamos dinheiro juntos, mas tudo pela internet.

Mas com o Noturno o trabalho era maior, ele foi até Guaratuba com uma proposta diferente, porque já conhecia meu trabalho, sabia do meu potencial e me propôs uma sociedade.

No começo eu acreditei que era uma sociedade, depois eu descobri que nunca foi.

E quando fiquei sabendo a verdade, tornou-se um dos momentos mais difíceis da minha vida, em julho de 2004, um dia muito frio, com uma garoa fina e persistente. Nós nos encontramos na praia central de Guaratuba, que estava vazia, não sei se por causa da temperatura ou do horário, porque era muito cedo para as pessoas estarem na rua.

Nesse encontro, estavam o Noturno, um primo dele e eu. Ficamos em pé, próximo ao carro deles, conversamos por horas. Esse carro não me impressionou, porque era comum e do primo dele, o Noturno não queria chamar a atenção naquele momento.

Ele me disse que havia muitos empresários em Porto Alegre, a capital do Rio Grande do Sul, interessados em ganhar dinheiro às custas do trabalho que nós fazíamos. Ele já fazia serviços para esse pessoal e disse que eu poderia trabalhar com eles também, que iríamos arrebentar de conseguir dinheiro. Ele dizia que Porto Alegre era uma mina de ouro prontinha para ser descoberta, e eu seria o cara perfeito para fazer isso, só que tinha uma condição, eu teria que me mudar para a cidade com ele.

Minha cabeça deu mil voltas, eu tinha só quinze anos, nunca havia viajado sozinho, nunca tinha saído

de casa, eu teria que enfrentar os meus pais, com certeza, não seria fácil. Com a idade e a maneira de pensar que eu tinha, acreditava que eles não tinham o direito de me proibir e, principalmente, não poderiam estragar o meu futuro! Cabeça de adolescente tem uma objetividade muito complicada, “se é para o meu bem, nada mais importa”. O EU é muito forte e poderoso para o adolescente, o resto do mundo gira ao seu redor.

Cheguei em casa decidido a seguir meu caminho, arrumei uma mala com minhas coisas, conversei apenas com minha mãe, porque meu pai não estava em casa. Nesse momento, quase voltei atrás, porque bateu a insegurança e não tinha mais a certeza definitiva de que estava fazendo a coisa certa.

Minha mãe ficou desesperada, chorava muito, mas também sabia que não podia mais me controlar, e estava ciente que já havia algum tempo que eles haviam perdido o controle sobre mim e que não tinha mais volta. Foi muito difícil para ambos a separação, mas alguma coisa me falava mais forte, talvez a vontade de ser alguém diferente, de sair daquele mundinho em que eu vivia, precisava experimentar uma aventura. Foi tudo muito rápido. Noturno me encontrou, conversamos sobre o assunto, eu aceitei e segui meu destino.

Em São José dos Pinhais, cidade muito próxima a Curitiba, onde fica o Aeroporto Internacional Afonso Pena, peguei um avião para Porto Alegre.

Nunca tinha viajado de avião, nunca tinha saído de perto da minha família.

Já no balcão da companhia aérea que iríamos embarcar, a atendente pediu meus documentos e achou estranho um garoto tão jovem estar viajando sozinho. Entrou em contato com a polícia para que eles verificassem se eu tinha autorização para embarcar.

Os policiais se aproximaram e fizeram várias perguntas do tipo para onde eu ia, o que faria lá, quem estava em viagem comigo e se meus pais sabiam.

Eu respondi que estava indo a passeio para Porto Alegre com um amigo da minha família. Eles então ligaram para o meu pai para se certificar que eu estava autorizado a viajar sozinho, e mesmo sem saber de nada, ele autorizou a minha ida. Nesse momento, ele percebeu que tinha perdido a autoridade sobre mim, como ele mesmo diz, “o passarinho criou asas e voou”. Como era tarde para tentar me impedir, ele também percebeu que o melhor era deixar que eu vivesse aquela experiência.

Foi muito difícil para a minha família, eu não tinha noção do estrago que estava fazendo na vida deles, mas enfrentei a todos. Eu me preocupava com a tristeza que estava causando na vida deles, mas mesmo assim quis partir, era o desafio que me movia, a novidade que me dava vida.

Enfim, entrei no avião e parti rumo a Porto Alegre.

Meu primeiro voo foi inesquecível, mesmo querendo parecer mais experiente, acabei me comportando como qualquer pessoa que entra em um avião pela primeira vez. O Noturno me deixou sentar na poltrona da janela e fui observando o voo por completo. Eu me lembro que o Noturno tinha uma agenda com inúmeras passagens aéreas de viagens que ele tinha feito. Eu achei aquilo o máximo,

fiquei muito impressionado. Ele usava aquela agenda como uma forma de mostrar as suas conquistas, um troféu. Afinal de contas, em 2004 não era comum as pessoas viajarem de avião, isso era apenas para alguns privilegiados, e naquele momento eu era um deles e me sentia muito bem assim.



Porto Alegre

Eu era um garoto que nunca tinha morado sozinho, que não bebia e nem estava acostumado com luxo e ostentação.

M

esmo sendo a minha primeira ida a Porto Alegre, o trabalho não era novidade, já que atuava na mesma função em Guaratuba. E com certa autonomia financeira, já me sustentava fazendo transações na internet.

Mas, na capital gaúcha, nada se comparava ao que eu já tinha vivido, porque encontrei um mundo totalmente novo.

Eu era um garoto que nunca tinha morado sozinho, que não bebia e nem estava acostumado com luxo e ostentação.

Em Porto Alegre, fui apresentado ao domínio dos adultos, pulei uma etapa da minha vida quando me apresentaram a um mundo maravilhoso, repleto de mulheres lindas à disposição, baladas e festas das mais diferentes, bebidas sofisticadas e caras, hotéis e restaurantes de luxo, carros importados e muito dinheiro sem limites para utilizar.

Conhecia e conversava com pessoas ricas e famosas com a mesma facilidade que conversava com o sorveteiro da esquina. Lembro-me de que em um dos hotéis que eu me hospedava, o Hotel Master³⁵, eu encontrava a cantora Pitty³⁶, e conversávamos na madrugada como se fôssemos grandes amigos.

Minha vida tornou-se repleta de glamour, e eu não tinha como voltar atrás. Enfrentei todos que tentavam abrir os meus olhos em relação ao caminho que eu estava tomando. Resisti a todas as tentativas e avisos, e eles foram cedendo, não havia argumentos que me persuadissem. Aquele estilo de vida havia me enfeitado totalmente.

Em Porto Alegre, realmente pude sentir o que era o poder e suas possibilidades, e eu me sentia seguro, amparado, soberano, mas na verdade estava fora de controle. Na chegada, ainda no aeroporto, fui tratado como uma pessoa especial. Ainda lembro que esperavam por nós em um Stratus³⁷ da Chrysler maravilhoso, veículo para pessoas de destaque e que chamava a atenção por onde passava. Uma das ferramentas de ostentação era também o veículo que usavam no dia a dia, isso os tornava respeitados perante os demais.

Nesse dia, eu conheci Fábio, o Big Boss³⁸, chefe da organização, de mais ou menos 40 anos, alto, magro e com cabelo e pele bem claros, olhos escuros e marcantes. Tinha o olhar de quem possuía o poder, forte e firme. Encarava as pessoas sem desviar o olhar. Isso em alguns momentos me incomodava muito. Às vezes, mesmo estando de costas para ele, podia-se perceber que ele estava

olhando, parecia que vigiava cada um a todo instante.

Ele se vestia com muita elegância, sempre ternos de marcas famosas ou feitos sob medida em um alfaiate local, que só atendia pessoas importantes da capital. Fábio era uma pessoa cativante, era impossível não gostar dele logo no primeiro contato.

Conheci também o Renato, uma espécie de faz-tudo do Fábio, um cara bem alto, mais ou menos 30 anos, muito forte, cabelo e pele escura. Percebia-se rapidamente que sua função principal era atender a todos os caprichos e desejos do poderoso chefe. Ele nos acompanhava em todos os lugares e sabia de tudo o que acontecia e facilitava a vida de todos nós, qualquer coisa que qualquer um do grupo precisasse, era só pedir para o Renato que ele atendia a necessidade. Adorava festas, luxo e principalmente mulheres.

Entramos no carro, e de imediato perguntaram com qual *notebook*³⁹ eu queria trabalhar, escolhi o Sony Vaio⁴⁰, e eles forneceram também dois celulares V300⁴¹, o mais caro e moderno na época.

O que mais me impressionou, naquele momento, foi que pela primeira vez eu utilizaria a internet móvel (lembrando sempre que o ano era de 2004), e enquanto íamos para o hotel, eu, o Noturno e o Fábio acessávamos a internet móvel em nossos *notebooks*, enquanto o Renato dirigia o carro pelas ruas de Porto Alegre.

Já de imediato, eu me apaixonei por tudo aquilo que era o máximo para mim.

Percebi, no trajeto entre o aeroporto e o hotel, que o Fábio estava fazendo transações financeiras em seu *notebook* com a maior facilidade, o que chamou minha atenção. Pelo canto dos olhos, tentando parecer que não estava olhando, vi que na tela do *internet banking* os valores eram muito altos e significativos. Jamais havia visualizado tantos zeros na minha frente!

Chegamos ao Hotel Master, o primeiro hotel em que me hospedei, e nem precisei fazer o *check-in*⁴², o pessoal do Fábio já havia cuidado desses detalhes, fomos direto para o quarto em que eu ficaria.

Quando percebi que estava sozinho no meu quarto, pude agir normalmente, pois até o momento estava me segurando para parecer que tudo aquilo era normal para mim. Então curti cada detalhe do que estava ao meu redor, a fechadura eletrônica que ainda não tinha tido contato, o frigobar repleto de chocolates, castanhas e refrigerantes, a TV a cabo com diversos canais abertos, ar-condicionado, ducha a gás, uma sacada maravilhosa com vista para a cidade e os barzinhos da região da cidade baixa.

Fiquei por um tempão curtindo tudo aquilo.

Meu quarto era bem grande, com uma cama de casal enorme, uma escrivaninha para o *notebook* e uma mesa posicionada próxima à janela para fazer as refeições, caso eu quisesse. Uma poltrona em tom marrom, imponente e confortável, com um abajur de leitura ao lado, era uma local perfeito para eu trabalhar em paz.

Tomei uma ducha e me deitei um pouco para curtir tudo aquilo. Mais tarde, no final da noite,

jantamos e fizemos nossa primeira reunião de trabalho, quando fui apresentado a um grande amigo que me acompanha desde então, o bom e velho Johnnie Walker⁴³ Black Label. Conversamos por horas, e comecei a ter uma pequena noção do trabalho que iríamos desenvolver conjuntamente.

Nesse hotel, conheci um cara chamado Cash, um *hacker*, bem jovem, um pouco baixo e gordinho. Se ele dependesse da aparência, não chamaria a atenção de nenhuma mulher, mas era também quem mais ganhava dinheiro na organização do Fábio. Ele não fazia questão de esconder suas posses, sempre desfilava e ostentava com carros, joias, mulheres e tudo que o dinheiro pode pagar. Ele realmente precisava de toda aquela ostentação, que mantinha para chamar a atenção de alguém.

Quando nos conhecemos, ele me disse que eu tinha a mesma capacidade que ele, me encheu de elogios e me fez acreditar que eu era realmente bom. Eles todos agiam dessa forma comigo, uma lavagem cerebral usando como argumento tudo o que eu poderia conseguir se continuasse trabalhando com eles, é lógico.

Eles sabiam muito bem como fazer para impressionar os iniciantes.

No início dessa minha nova vida, era tudo muita diversão, frequentávamos bares, casas noturnas, os melhores restaurantes, o melhor da gastronomia e bebidas de alto padrão, um luxo que eu não conhecia. Eles me prometeram uma vida diferente e realmente cumpriram, e a todo momento me falavam que trabalhando com eles teria somente o melhor de tudo, teria acesso a um mundo que eu nem tinha noção que poderia existir.

Quando começamos a trabalhar de verdade, foi uma fase de aprendizagem para mim, porque eu estava acostumado com a internet, mas não a fazer o que faziam e na velocidade que implementavam. Eu era mais calmo e tranquilo, mas havia pressa para os resultados, afinal, tempo é dinheiro, não é mesmo?

Conforme trabalhava, eu ia conquistando meu espaço no grupo de início. Não adquiri bens materiais, isso porque eu não usava o dinheiro a que tinha direito, porque eles pagavam as minhas contas e não davam grandes quantias nas minhas mãos, apenas alguns trocados para gastos simples do dia a dia.

Aprendi rápido a gostar de coisas boas, e conforme elas eram me apresentadas, mais eu queria participar da organização, e como tinha o objetivo de ser poderoso, trabalhava muito. Com o passar do tempo, aumentou a confiança pelo meu trabalho, mas eu tinha que provar meu valor constantemente. Mesmo sabendo da minha capacidade, eles me faziam provar que o investimento deles tinha valido a pena.

No início, conforme eu produzia, eles me forneciam o que eu precisava, e eu explorava essa situação, pedia aparelhos celulares de última geração, roupas e sapatos de marcas, e principalmente computadores modernos e de configurações atualizadas.

Depois, esses objetos tornaram-se insignificantes para mim, e então passei a pedir o que eu mais gostava, carros esportivos. Era só eu escolher que no outro dia estava na minha mão, mas na realidade esses carros nunca foram meus, porque quando eu enjoava deles, eles me davam outro, mas nunca foram meus de verdade. No primeiro trabalho grande que eu fiz, eu pedi um Golf⁴⁴, que não dei

muito valor, já que eu trocava pelo meu trabalho, e para mim o carro tinha o mesmo valor que um par de tênis, já que eu pedia e eles me forneciam.

Nosso acordo sobre o pagamento funcionava da seguinte maneira, eu pedia o que quisesse, mas tinha que trabalhar um tanto para merecê-lo. Como no caso do Golf, que eu tive de trabalhar no mínimo uma semana para pagá-lo. Na realidade, com o dinheiro que eu os fiz lucrar naquele período, eu poderia adquirir mais dez carros, mas me contentava com o que vinha, que para mim era o máximo.

Tudo era muito fácil, sair, ir para a balada, havia camarotes. Se eu quisesse mudar de hotel, eles disponibilizavam vários para minha escolha; se quisesse uma garota, várias chegavam para me paparicar. Eu não tinha a mínima noção dos preços de tudo aquilo e nem me preocupava com o valor do dinheiro ou de quanto era difícil para ganhá-lo.

Eu era tão ingênuo que nem percebia o quanto eu era manipulado para agir de acordo com a necessidade deles, vivia uma vida supérflua, sem dar valor ao que realmente importava. Recebia hoje para gastar tudo no mesmo dia, o amanhã nem existia para mim. Dessa forma me mantinham subjugado ao grupo.

Todas essas pessoas eram mais velhas que eu, e isso me dava certa vantagem em relação aos outros, porque os mais jovens não sabem normalmente o que é o medo, e eu era audacioso e isso só melhorava o meu trabalho. Além disso, tinha muita disposição física, passava as noites em claro e isso não me afetava, bastavam poucas horas de sono e eu já estava pronto para o trabalho novamente.

Eles não me viam como um garoto de quinze anos, e sim mais velho, que podia produzir muito e com isso abusavam da minha capacidade e ingenuidade.

Enriqueci muita gente, e como exemplo posso citar o meu primeiro trabalho com o Noturno: foram mais de mil contas captadas, e supondo que cerca de mil reais por conta, pode-se imaginar quanto eles lucram em poucas horas de trabalho. Eram verdadeiras fortunas em apenas um dia de trabalho realizado.

No início, eu e o Noturno ficávamos no mesmo hotel, mas ele não participava do meu trabalho por causa da minha necessidade de autonomia e independência, já que não gostava de pessoas me observando. Nunca consegui operar o computador com alguém próximo de mim.

Mas só no trabalho era assim, nos outros momentos eu estava sempre com Noturno, Fábio, Renato e todo um pessoal que nos protegia e outros que aproveitavam do momento e luxo proporcionados, num jogo de interesses, na vida boa, com muito luxo e ostentação bancada exclusivamente pelo Fábio. As pessoas que formavam o grupo tinham funções diferentes, sendo uma peça nessa engrenagem.

Uma equipe de programadores era responsável por criar programas e vírus, o chefe era inglês e trabalhou na Microsoft.

O pessoal de invasão, conhecidos como *hackers*, que eu fazia parte e tinha papel de destaque, era responsável por invadir computadores e enviar e-mails em massa, alteração de sistema e *autoinfect*. O pessoal da engenharia social buscava maneiras para enganar as pessoas, criando mensagens que

aguçariam a curiosidade, ambição ou outro sentimento que fizesse a pessoa “morder a isca”, como, por exemplo, se clicasse em um determinado lugar, estaria concorrendo a um carro, participando de um sorteio, ou seja, atrativos para enganar o usuário final da internet, e quando o usuário abria o e-mail, seu computador era infectado pelo vírus.

Para entender como funcionava toda a estrutura técnica, é necessário que se compreenda alguns pontos que para nós eram muito simples: para invadir uma conta bancária, existia um *keylogger*, que é um vírus instalado na máquina da vítima, para capturar informações como tipo de agência, a conta e a senha de acesso. Esses dados eram enviados para outra máquina em que os *hackers* tinham acesso.

Como eu não era um programador com grande experiência, os *keyloggers* eram entregues prontos para mim, e eu deveria descobrir os caminhos de como instalar o *keylogger* na máquina da vítima, seja por e-mail, invadindo um site ou colocando o vírus para que a pessoa entrar e se autoinfectar.

E eu me realizava nessa atividade, porque antes de mim, o maior volume de spam era de dois a três mil usuários infectados num dia, e eu chegava a dez mil no mesmo período. Eu me destaquei porque era complicado me acompanhar.

A grande maioria das invasões que eu fazia eram na plataforma Linux, que era usada por sites e provedores de grande porte, porque na maioria das vezes quem usa Windows é o usuário final. Rodam em Linux a maioria das estruturas de organização da internet, por exemplo, as rotas, sites, servidores, hospedagens, etc. Como eu invadia Linux, tinha acesso a muitos sites.

Depois que a gente invadia, eles usavam a conta da vítima para pagar boletos, fazer transferências bancárias, TED dos clientes deles com o dinheiro do usuário de computador infectado.

Muitos empresários eram clientes do Fábio, que pagava os boletos deles com a conta que foi invadida

e depois a organização recebia.

Fábio cobrava um valor bem menor do que o cliente deveria ter pagado na realidade. Todos recebiam pelo trabalho que tinham feito, e o restante do valor ficava para o chefe. Na proporção recebida, de acordo com sua responsabilidade e participação, cada um ficava feliz com o que tinha ganhado. Pode-se imaginar que, em inúmeras transações bancárias, pagamento de imposto, DARF, GPS, ISS, pagamento de títulos, transferências, TED, DOC, entre outras transações, o montante que os clientes economizavam e o valor que o grupo recebia de lucro, enriquecendo todos que faziam parte dele.

Voltando a falar da estrutura organizacional, Fábio era o chefe de toda a organização. Possuía muitas empresas diferentes, como agência de carros, de veículos náuticos, imobiliária, imóveis (casas e apartamentos em Porto Alegre e em outras cidades, casa na praia em Jurerê Internacional), lanchas e muitos veículos importados.

Ele era um cara da classe alta em Porto Alegre e um reconhecido empresário, mas descobriu uma maneira de enriquecer mais rapidamente juntando toda esta equipe para fazer dinheiro de forma fácil,

e para isso ele criou uma doutrina que impressionasse todo mundo.

Resumindo o esquema: Fábio era o topo da pirâmide, o chefe, depois vinham os *hacker*, os programadores, e por trás disso existia a equipe de apoio da organização, pessoas que nos davam suporte nesse negócio. Por último, vinham, um em cada extremo, os empresários, nossos clientes, e os bancos, nossos alvos.

Esse esquema bem prático e muito organizado se tornou uma grande empresa com faturamento milionário e que empregava várias pessoas. Fábio controlava tudo e a todos, e para que essa empresa andasse tranquilamente, sem a interferência da polícia, ele tinha muitas pessoas “de bem” na sua folha de pagamento. Ele tinha pessoas nas esferas estaduais e federal e muitos conhecidos na política, que lhe davam suporte e retaguarda.

Ele era muito bem relacionado. Esse sempre foi o talento do Fábio, o de encantar, seduzir e envolver. Não só a mim, mas a todos que faziam parte de sua equipe.

E eu me acostumei rapidamente com tudo isso, vivi nessa vida por um bom tempo até perceber que podia e queria mais. Agora, já ganhava muito dinheiro e possuía bens.

Foi então que percebi que não conseguia administrar minha vida pessoal sozinho, que quanto mais conseguia bens e dinheiro, mais precisava ter uma pessoa de confiança que pudesse trabalhar para mim, organizando todos os detalhes da minha vida particular. Como eu trabalhava muitas horas e dias seguidos, não conseguia administrar os detalhes de entrada e saída do meu dinheiro.

Chamei então o Nilson para me auxiliar. Além de um grande amigo, ele sempre foi uma pessoa em quem confiei inteiramente.



Festas, Baladas e Descanso Merecido

Depois desse dia, todos em Guaratuba me conheciam, passei a ser respeitado na cidade que me ignorou quando criança.

V

ários momentos foram marcantes nessa época. Com a facilidade financeira que a organização me proporcionava, comecei a desfrutar de muitas coisas que até então não tinha acesso.

Uma noite, em Porto Alegre, eu estava no auge da minha vida profissional e trabalhando com toda a equipe. Foi um dia de muito sucesso, e como premiação aos grandes resultados que atingimos naquela noite, o Fábio organizou uma festa em sua casa na praia de Jurerê Internacional⁴⁵, em Florianópolis (SC).

A festa começou no caminho. Estávamos todos de caminhonete L 200⁴⁶, da Mitsubishi, que acabara de ser lançada no mercado nacional, parando em bares para um “pré” do que seria ao chegar à praia. Já na casa, estavam por lá muitas pessoas que faziam parte do relacionamento pessoal do Fábio, da alta sociedade do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, modelos e artistas conhecidos e nosso grupo, que jamais levantou suspeita sobre nossas reais atividades.

Quando a festa acabou, ainda de madrugada, e os convidados foram embora, Fábio nos levou para pilotar suas lanchas. Numa delas, estavam Fábio, eu, Nilson, Renato e algumas meninas; na outra lancha, Noturno, outros *hackers* da nossa organização e também muitas mulheres.

Quando estávamos em alto mar, Fábio me passou o controle da lancha e comecei a apostar corrida com o Noturno. Foi a primeira vez que pilotei uma embarcação e já parecia que me pertencia há muito tempo. Cheguei à conclusão que nos acostumamos facilmente com as coisas boas.

Quando retornamos do passeio de lancha, todos foram dormir, apenas eu e o Nilson continuamos com a noite. Saímos de L200 pelas avenidas e praias movimentadas de Florianópolis. Na praia dos Ingleses⁴⁷, quando já amanhecia, eu estava dirigindo pelas dunas e curtindo o nascer do sol, acabei encalhando a L200. Não pensei duas vezes, abandonei a caminhonete e fomos embora de táxi.

Com a vida fácil, louca e irresponsável que eu levava, não me preocupava com nada, sempre havia alguém para consertar aquilo que fazia de errado.

Tudo era muito divertido, trabalhava demais, mas aproveitei intensamente a vida durante esse período. Comecei a fazer viagens, frequentar baladas e festas. Todos os eventos em que fui ou organizei foram maravilhosos, mas a comemoração que mais me marcou foi a dos meus 16 anos, que

foi muito importante, não pelo motivo em si, mas pelo que representou para mim.

Durante a semana, ainda em Porto Alegre, eu e o Nilson fomos a uma boate para festejar com os amigos, comemorar em alto estilo, curtimos a noite inteira. Decidi então que iria comemorar meu aniversário em Guaratuba. Era o meu retorno triunfante à cidade que vivi muitos anos.

Quando chegamos ao hotel, depois de uma das comemorações, não conseguíamos dormir. Pegamos o carro e fomos para Guaratuba, ainda anestesiados pela festa da noite anterior. Na cidade, começamos a preparar minha festa de 16 anos, alugamos um sobrado próximo à praia e compramos de tudo. Convidamos um monte de gente, a cidade inteira quase, tínhamos que lotar a casa para ser uma festa legal.

Essa festa significaria a minha consagração.

Eu poderia mostrar para todos que me perseguiram durante a infância que agora eu era alguém na vida, e que eles estavam ali porque eu queria e podia pagar por tudo e para todo mundo estar lá e curtir a noite inteira. Nessa festa aconteceu de tudo, nada diferente das festas que os jovens fazem, muita bebida, paqueras, tudo muito fácil e disponível. Eu andava entre meus convidados com ar de superioridade, fazendo questão de que eles soubessem que a festa era minha, que eu mandava e pagava pelo que eles estavam usufruindo.

A festa durou três dias, vários convidados dormiram por lá e outros iam e voltavam durante toda a comemoração. Só sei que a festa começou na sexta e terminou no domingo.

Nessa festa, nós colocamos um segurança na porta para ver quem podia entrar e barrar quem a gente não queria que estivesse lá, com o objetivo de mostrar que eu era poderoso, que só entrava quem eu havia convidado.

O Nilson, que cuidava de tudo para mim e era o meu braço direito, controlava quem podia ou não entrar, mandava repor as coisas que acabavam e supervisionava tudo o que estava rolando. Era encarregado de cuidar de todos os detalhes para facilitar o meu trabalho e a minha diversão.

Depois desse dia, todos em Guaratuba me conheciam, passei a ser respeitado na cidade que me ignorou quando criança.

Em uma outra festa muito louca que fui com o Fábio como convidado, eu realmente fiquei surpreso com o poder que o dinheiro pode comprar. Foi em uma chácara, nos arredores de Porto Alegre, que pertencia a um jogador de futebol muito famoso. O local era cinematográfico. O caminho de entrada, logo depois do portão de acesso, era formado por uma estrada estreita com árvores ao redor.

Ao chegar na casa, que na verdade era uma mansão, pintada de um tom de terra, com janelas e portas enormes de madeira maciça, a decoração sofisticada formava uma mistura perfeita de móveis rústicos de fazenda com um toque sutil de modernidade.

Não sei afirmar com exatidão, mas a casa deveria ter mais de quinze suítes para acomodar os amigos e familiares do jogador que o visitavam com frequência. Na parte externa havia uma enorme piscina arredondada, com cadeiras enormes e almofadas em listras azul e branco em toda a sua volta.

A festa foi na parte externa da mansão, entre a casa e a piscina. Com certeza havia mais que duzentos convidados nesse dia.

Na entrada da festa havia vários seguranças, e todos os convidados eram obrigados a deixar com eles todos os seus equipamentos eletrônicos, controle necessário para evitar que alguém fotografasse ou filmasse cenas dos convidados.

Na festa, drogas não eram aceitas, uma das exigências do jogador, mas de resto tinha de tudo, mulheres lindas, pessoas famosas, bebidas e comidas sofisticadas à vontade. Ficamos lá a noite toda e dormimos em um dos quartos que eram destinados a pouquíssimos convidados especiais.

No dia seguinte, na hora do café da manhã, conversamos bastante com o jogador e fomos embora antes do almoço. Tínhamos muito trabalho a fazer no dia seguinte. Eu me encontrei com esse jogador em outro momento, quando a seleção brasileira se concentrou em Porto Alegre, no hotel que eu também estava hospedado.

Ele me reconheceu e me apresentou aos outros jogadores que se preparavam para um jogo amistoso da seleção.

Outra festa muito marcante para mim foi na cobertura do Noturno, que morava em um triplex. Nos dois andares de baixo era o apartamento, e em cima era a piscina, sala de jogos e área de lazer do apartamento. Depois de uma semana cansativa de trabalho, ele resolveu fazer uma festa de arrebentar.

Convidamos muitas pessoas, muito mais de cem. A cobertura ficou lotada, as pessoas se espremiavam para andar pela festa. Desses convidados, oitenta por cento eram mulheres, lindas por sinal. Garotas que conhecíamos dos bares e das baladas que frequentávamos.

O Noturno contratou uma banda de rock para animar a festa, e na piscina colocou sais de banho para fazer muita espuma e transbordar, e assim a festa teria o ar do clipe da música que ele adorava, *Want You Bad*⁴⁸, da banda The Offspring.

A festa rolou a noite toda. Como estávamos na cobertura e embaixo era o apartamento do Noturno, acredito que abafava um pouco o som e não houve reclamações de vizinhos.

Enquanto a festa rolava, o uísque e o champanhe também. Alguns convidados, na realidade a maioria, entraram na piscina e jogavam espuma em todo mundo.

Foi uma loucura.

Realmente acabou ficando semelhante ao clipe que o Noturno tanto gostava.

Mesmo com todo o glamour das festas que eu participava em Porto Alegre, na realidade era em Guaratuba que eu me divertia.

Lá, eu e o Nilson andávamos à vontade, só na curtição, e além das festas que fazíamos em casa alugadas, ainda tinha a agitação de verão, quando a cidade ainda fica superagitada, e aquilo para nós

era o que bastava.

Tínhamos dinheiro, carro, mulher e bebida, de que mais precisávamos? Nossa turma ia aos shows que aconteciam praia, O Rappa⁴⁹, Jota Quest⁵⁰, Skank⁵¹, a galera sempre junta, e eu pagava para todo mundo, era uma curtição generalizada.

As pessoas que estavam próximas a mim sabiam o que eu fazia em Porto Alegre, porque eu não fazia questão de esconder, e elas achavam o máximo.

Guaratuba era uma cidade pequena, e de repente aparece um cara super jovem, com uma Audi RS2⁵², o carro mais caro do local, esbanjando muito dinheiro, impossível não se tornar muito conhecido, um personagem que todo mundo sabe quem é e é alvo dos comentários.

Todo mundo me conhecia, os mais jovens e os mais velhos queriam sair comigo. Todos sabiam quem eu era, mas não tinham a menor noção do que eu me tornara e o que fazia: um *hacker*.

Mesmo estando em uma cidade de praia e tendo casa alugada, eu me hospedava em hotéis, só para ficar na piscina o dia todo e ter alguém para me servir bebidas a todo momento, sem preocupações, não tinha horário para dormir e nem para acordar.

Quando chegava a noite, íamos para as festas em um lugar chamado Caribbean, onde eram os shows, e ao Café Curaçao⁵³, outro local de badalação. Eu sempre estava acompanhado por muitas pessoas que sabiam que, onde quer que eu estivesse, teria diversão e bebida para todo mundo. Das baladas, eu já ia para a praia, sempre com meninas, carros, ouvindo música, e esperava o dia amanhecer.

Curtição de todo adolescente que está passando a temporada na praia, só que com poder financeiro de adulto, sem limite para gastar.

Sempre havia casas ou apartamentos à disposição para fazer nossas festas, e eu não gostava de fazer festas sempre nos mesmos lugares. Essas casas ou apartamentos eram alugados por vários meses, pagos adiantado para não ter que fazer contrato, e ficavam fechados para usar quando eu quisesse, o que acontecia com certa frequência, afinal, todo fim de semana tinha algum agito diferente.

Mesmo tendo casa alugada em Guaratuba, eu ia para o Hotel Candeias⁵⁴ para descansar. Precisava de sossego, porque em todo lugar que eu estava, sempre tinha muita gente atrás de mim, e muitas vezes eu queria me isolar e relaxar um pouco, curtir a tranquilidade de Guaratuba. Mesmo nessa vida louca, em muitos momentos me sentia angustiado com toda aquela gente em volta de mim, que traziam recordação e traumas da minha infância. Por isso, precisava me isolar.

Quando me sentia angustiado, o melhor lugar de praia para mim era em Matinhos, uma cidade também do litoral do Paraná. Aluguei um apartamento de frente para a praia muito bonito e decorei da forma que eu gostava, para poder me sentir em casa.

Coloquei um aquário muito grande como divisória entre a sala de visitas e a sala de jantar, muitas almofadas enormes espalhadas pelo chão e um sofá enorme para poder deitar e assistir televisão.

Esse apartamento tinha uma porta de vidro de correr que pegava toda a extensão da sala e que dava acesso a uma sacada maravilhosa, com vista para o mar, e eu ficava sentado na sacada só para ver o dia amanhecer, eram os poucos momentos que eu tinha em paz.

Lá em Matinhos, eu tinha dois apartamentos, um de frente para o mar, que era onde eu ficava, e um outro apartamento no centro da cidade, que era muito feio, velho, escuro, sem janelas, bem pequeno, cheirava mofo, dava até medo de entrar nele. Mas era naquele lugar que eu deixava o meu material de trabalho e aonde eu ia apenas para trabalhar e não era do conhecimento de outras pessoas, por isso, eu ia sozinho, entrava, trabalhava e ia embora.

Para chegar ao apartamento, eu deixava o carro em outro lugar e ia andando para lá, era uma maneira de me esconder e não ser seguido.

Matinhos sempre foi o meu refúgio. O apartamento de frente para o mar poucos amigos conheciam, porque era um lugar para descanso e ao mesmo tempo paradisíaco. Nunca vi um lugar tão calmo e tranquilo como aquele.

Quando o Fábio nos liberava por alguns dias para descanso, eu aproveitava para viajar e descansar. Nunca viajei para o exterior, não tinha vontade na época, os passeios que gostava de fazer eram em praias brasileiras mesmo.

Eu me lembro de que, no carnaval de 2005, nós fomos para a Ilha do Mel⁵⁵, eu, o Nilson, e o Christian, e eu tinha acabado de fundir o motor da Audi, por isso estava com um Toyota Corola alugado.

Deixamos o carro em Pontal do Sul⁵⁶, local de onde saem as embarcações para a Ilha do Mel, e de lá fomos de barco. Ficamos três dias curtindo a paisagem, fizemos trilha em montanha, passeamos no meio do mato, coisas assim, tranquilas, sem a agitação da cidade. À noite, íamos a barzinhos ouvir música ao vivo e relaxar.

Do mesmo jeito que a gente resolveu ir, decidimos voltar, mas eram umas duas horas da madrugada e não era horário para o barco, sem outra opção de acesso.

Então, contratamos um barquinho de pescador, pagamos duzentos reais para ele transportar a gente até o outro lado, até onde estava o carro estacionado.

Embarcados e na maior escuridão, ao nosso lado passavam navios enormes que iam para o porto de Paranaguá, no Paraná.

O motor do barco começou a falhar, aquele navio enorme passando ao nosso lado, e o pescador falou que era assim mesmo e que podíamos ficar tranquilos, que não tinha problema nenhum.

Não dá para explicar o medo que sentimos naquela escuridão, e quando chegamos à outra margem, era só adrenalina, estávamos a mil, superagitados. Pegamos o carro e fomos beber e zoar até as sete horas da manhã.

Sem dormir e depois de beber a noite toda, subimos a serra para Curitiba e chegamos umas dez horas da manhã no hotel, tomamos o café e fomos dormir, para depois trabalhar.

Ou seja, minha vida era assim, essa foi a minha rotina por um período.

Em outra ocasião, eu, o Nilson, a Larissa e a Joana estávamos voltando de Guaratuba com uma BMW, barbarizando no trânsito e subindo a serra na BR 277⁵⁷, que passa por Paranaguá. Chegando a Curitiba, fundi o motor da BMW e fiquei revoltado, não por causa do motor avariado, mas porque tinha acabado de ser ultrapassado por um Peugeot 207. Para mim, aquilo era um absurdo. Indignado, larguei a BMW na rodovia e fomos de táxi embora.

Eram muitas aventuras, eu realmente vivia a mil por hora. 66



Minha Vida em Hotéis

A bagunça era tanta que fomos expulsos do hotel, registrados na lista negra de toda a rede Ibis e impedidos de hospedar em seus hotéis.

M

inha vida era uma aventura, eu me orgulhava muito disso, e para manter esse padrão, eu trabalhava muito, porque sempre soube aproveitar tudo o que conquistei.

Gastei muito com festas, baladas e carros importados, aproveitava intensamente os momentos de folga, mas também sempre soube me divertir nos momentos de trabalho. Usava os hotéis em que me hospedava para trabalhar e como continuação da minha vida cheia de aventuras e totalmente sem limites.

Sabia da vantagem que tinha de não ser incomodado pela gerência dos hotéis em que me hospedava, mas em alguns momentos eu exagerei um pouco e abusei do privilégio.

Uma vez, em um hotel em Porto Alegre, nós estávamos num dos últimos andares. Nós escolhemos esse quarto só para poder jogar as coisas nas calçadas. Comprávamos bexigas, enchíamos de água e fazíamos tiro ao alvo nas pessoas que passavam pela calçada.

Nos hotéis, nossos quartos sempre ficavam na maior sujeira. Por causa do meu trabalho e do receio que alguém mexesse no meu computador, eu não permitia que a camareira fizesse a limpeza.

Conforme o lixo ia aumentando dentro do quarto, copos, pratos, restos de comidas e um monte de outros tipos de lixo se acumulavam.

Mesmo não permitindo a limpeza, eu não queria aquela sujeira no quarto. E de vez em quando era feita uma limpeza, jogando pela janela ou no lixo tudo o que estava espalhado, isso sim poderia ser chamado de limpeza instantânea. Tudo era levado na brincadeira.

Quando ficamos no Hotel Ibis⁵⁸ em São José dos Pinhais, eu, o Nilson, o Cazuzza e o Alex, que não tínhamos responsabilidade na cabeça, mas sim muito dinheiro para gastar, não nos preocupávamos com nada, a vida era pura diversão. E nesse dia nós não tínhamos o que fazer, então começamos a maior bagunça numa guerra nos quartos: um batia na porta do quarto do outro, e quando abriam a porta jogavam espuma do extintor de incêndio, não dando tempo para se defender. A sujeira no quarto era imensa. Os quartos ficaram todos imundos, chão, parede, móveis, não tinha como limpar.

Quando a camareira entrou para limpar o quarto e viu a bagunça que estava, chamou a gerência. Nós tentamos disfarçar e argumentar que nós não havíamos feito aquilo, mas não adiantou. A bagunça era

tanta que fomos expulsos do hotel, registrados na lista negra de toda a rede Ibis e impedidos de hospedar em seus hotéis.

Uma outra vez, eu e o Nilson estávamos hospedados no Hotel InterCity⁵⁹, de Porto Alegre, e nesse dia teria show no Gigantinho⁶⁰ com a banda norteamericana Pearl Jam⁶¹. E hospedado estava Marky Ramone⁶², baterista da banda Ramones⁶³, que veio ao Brasil junto com os integrantes da banda Pearl Jam. Eu estava exausto de trabalhar e descii para a área de lazer do hotel, e Marky estava lá, sozinho, tomando uísque. Eu e o Nilson nos aproximamos com uma garrafa também e começamos a beber juntos. A gente acabou se divertindo muito, porque meu inglês era ruim e o português dele era inexistente, mas mesmo assim a gente estava se entendendo.

Outros músicos da banda foram chegando e começaram a tirar um som e cantar. Eu e Nilson ficamos com eles cantando e bebendo a tarde toda, e para finalizar nosso dia, ganhamos convites VIPs para assistir ao show. Depois, voltamos ao hotel e ficamos até o dia amanhecer bebendo e conversando com o grupo. Foi fantástico.

Depois que comecei a aplicar golpes na internet, aprendi muita coisa para deixar minha vida mais fácil. Uma delas foi aprender a fraudar hotéis e companhias aéreas, fazia isso para voar e me hospedar de graça. Eu invadia uma rede de agência de turismo internacional e comprava passagens aéreas e fazia reservas em hotéis, quando eles descobriam que aquela pessoa que tinha feito a reserva não tinha efetuado o pagamento, eles derrubavam a compra, mas como demoravam muito para fazer essa conferência, eu já tinha viajado de avião ou me hospedado no hotel.

Às vezes acontecia de eles descobrirem antes, e quando eu chegava ao balcão de embarque ou no hotel, eu disfarçava e colocava a culpa na minha agência de turismo que não tinha feito a reserva, às vezes ia embora, outras vezes pagava e viajava ou me hospedava mesmo assim.

Foram momentos marcantes.



Amor de Adolescente

Ela se aproximou do grupo, e eu imediatamente me apaixonei. Foi amor à primeira vista.

Eu adorava festas e ostentar que possuía muito dinheiro, e me sentia muito bem voltando a Guaratuba para mostrar o que tinha conquistado na vida.

Mas em uma dessas minhas idas, eu conheci uma pessoa especial, a Carolina, ela também tinha 16 anos e foi uma pessoa muito importante para mim. Nosso romance adolescente durou um bom tempo, e ela me acompanhou em diversos momentos da minha vida. Momentos bons e momentos muito ruins.

Nós nos conhecemos em uma noite que eu estava em Guaratuba. Eu estava com uma caminhonete Courier⁶⁴, que comprei só para carregar as compras de bebidas que fazíamos para as nossas festas.

Estávamos eu, Nilson e Cazusa. Esses amigos me faziam retornar aos tempos de infância, porque eu podia sair daquela vida de adulto que vivia em Porto Alegre e me comportar como um garoto da minha idade, só que como eu tinha carro e dinheiro, curtíamos de uma maneira mais intensa.

Nesse dia, eu estava dirigindo, Cazusa e Nilson estavam atrás, na carroceria, e passeávamos pela avenida da praia mexendo com as meninas. Caminhando pela calçada, tinha duas meninas, Patricia e Victória. Nós as abordamos e começamos a trocar umas ideias. Nisso, aproximou-se do nosso grupo a Carolina, garota linda, loira, de olhos azuis, cabelos compridos e encaracolados, um corpo escultural e um rosto de anjo.

Ela se aproximou do grupo, e eu imediatamente me apaixonei. Foi amor à primeira vista.

O que me encantou em Carolina foi que ela não se abalava com o que eu possuía, não se impressionava com o que eu fazia. Comecei a me aproximar mais dela, pedi o número do telefone, e para impressionar coloquei crédito no celular dela sem ela saber. Mandava músicas e mensagens todo o tempo.

Amor adolescente é uma delícia. Eu estava tão apaixonado que não conseguia deixá-la em paz. Trabalhava em Porto Alegre com a cabeça em Guaratuba. Em cada segundo que eu tinha de folga, pensava, falava ou estava com Carolina. Passei a ir para Guaratuba em todas as folgas que tinha no trabalho.

Nosso namoro era super legal, adorávamos ficar sozinhos, mas gostávamos também de estar com a turma e curtir com os amigos.

Ela começou a me acompanhar em todos os lugares que antes eu ia só com os amigos, sentíamos estar

na mesma sintonia, curtindo a vida.

Mesmo me namorando, a Carolina continuava o mesmo estilo de vida de sempre, a escola, a família, os amigos. E eu com minha vida dupla. Mas quando estávamos sozinhos, um completava o outro, além de ser minha namorada, ela era também a minha melhor amiga.

Ficamos juntos por muito tempo, amadurecemos juntos.

Ela vivenciou momentos marcantes da minha vida.



O Show

Quando anoiteceu, minha ansiedade fazia meu peito explodir e meu coração bater forte, com aquele calor dentro do meu peito, não conseguia me controlar.

D
e
todas as festas, noitadas e agitos que participei, nada se compara com a emoção que senti no dia do show do Marcelo D2⁶⁵.

Estava em Curitiba, voltando para o trabalho em Porto Alegre. Fui até o aeroporto e comprei a passagem no balcão na hora de viajar, porque eu ainda não “raqueava” companhias aéreas. Durante toda a vigem, comi barrinhas de cereal e tomei cerveja, estava com o Nilson, que dessa vez viajou comigo.

Descemos no aeroporto Salgado Filho. Lá estava nos esperando o Mauro, um africano do nosso grupo que acabou se tornando muito importante para mim. Ele era negro, muito grande e forte. Tinha um jeito especial de lidar com todo mundo, era realmente um amigão. Estava junto também o Renato.

Eles nos levaram ao Hotel Master, o que eu mais ficava em Porto Alegre. Eles já tinham feito as reservas, eu nunca precisava me preocupar com isso.

No caminho, Mauro estava falando do show do Marcelo D2, no Chalaça⁶⁶, uma balada muito famosa em Porto Alegre, na Cidade Baixa, perto do Rio Guaíba, só que eu e o Nilson nem imaginávamos que também iríamos ao show. Depois de muita fantasia, meu mundo tornou-se real, e foi Fábio que, para me impressionar, reservou um camarote no Chalaça para ver o Marcelo D2. Eu quase morri, porque o Acústico MTV⁶⁷ tinha sido recém-lançado, e nele tinha uma música composta com o Will, *do The Black Eyed Peas*⁶⁸.

Quando anoiteceu, minha ansiedade fazia meu peito explodir e meu coração bater forte, com aquele calor dentro do meu peito, não conseguia me controlar.

E o pessoal foi chegando, Renato com uma Pathfinder⁶⁹, Mauro com uma Cherokee⁷⁰, e todos estavam me esperando. E mesmo não tendo comido quase nada, só bebido o voo inteiro, tomei um banho e fui me encontrar com eles no saguão do hotel para irmos ao Chalaça.

Quando eu desci (lembrando que eu sou apaixonado pela BMW Z3⁷¹, e todo mundo sabia do meu desejo e grande sonho), vi uma Z3 prata estacionada na frente do hotel. Eu a olhei vidrado, quando o Mauro chegou e me disse com um sotaque meio misturado: “Você não vai andar na Z3?”. Eu, sem acreditar no que estava acontecendo, perguntei: “É para eu ir ao show com essa Z3?”. Rindo da minha ingenuidade, eles me falaram para aproveitar que a noite era só minha. Eu parecia uma criança

que acabou de ganhar seu primeiro presente de Papai Noel. Não esperei por mais nada, entrei no carro, com a capota aberta, e então me senti meio Renato Mendes, personagem de uma novela da Rede Globo. Nilson sentou no banco do passageiro, partimos e entrei na Avenida Farrapos com o pessoal ao meu lado indo para pegar o acesso para a Cidade Baixa. Eu não resisti toda aquela máquina em minhas mãos, pedindo para ser descoberta, e simplesmente acelerei, passei pelo acesso, sem me preocupar com os outros que estavam junto comigo, acelerei, como jamais tinha acelerado um carro na minha vida.

Parecia que tudo com o que eu tinha sonhado até aquele momento estava se tornando realidade, era a compensação por todo o meu trabalho, era o pagamento por todas as coisas ilegais que eu fazia, e sinceramente eu não estava nem um pouco preocupado com isso.

Apenas curti cada segundo do momento, respirava fundo e curtia a sensação com medo que aquele momento maravilhoso deixasse de existir. E assim me dei conta de que os caras estavam desesperados atrás de mim, porque eles não me deixavam estar sozinho em oportunidade alguma. Voltei ao trajeto e na velocidade normal, e seguimos para nosso destino.

Quando chegamos ao Chalaça, tinha uma fila enorme pra entrar. Toda Porto Alegre foi ao show, o Marcelo D2 estava em evidência, e me lembro que tinha muita gente para entrar. Quando chegamos, todos naquela fila enorme olharam para mim, um garoto cabeludo, com cara de criança, chegando ao Chalaça com uma BMW Z3, escoltado por um monte de gente. Era claro que estava chamando a atenção.

Isso para mim foi o auge, minha consagração, eu me sentia como um deus, só pensava comigo: “Eu sou o cara”, “Eu sou o cara”, “Eu sou o maior *hacker* do Brasil”.

Com os caras todos ao meu lado, eu entrei na parte superior onde era o camarote, o show rolando e eu me sentindo realmente o cara.

Quando entrei no camarote, várias pessoas esperavam por mim. Tinha um sofá enorme e várias mesinhas cheias de bebidas, uísque, vodca, energético, champanhe, tudo para mim, eu nem imaginava quanto deviam ter gastado só para me deixar feliz.

Em um canto do camarote, estava escrito em letras enormes “RESERVADO DN”. Era eu, o famoso DN, dono de tudo aquilo, podia fazer o que eu quisesse, podia ficar com a garota que quisesse, estavam todas à minha disposição, bastava fazer um movimento que já tinha alguém ao meu lado perguntando o que eu queria. A noite foi fantástica, curti muito o show. A cada música que o D2 cantava, mais o pessoal se agitava, eu estava aproveitando mais o show do que aquele monte de coisas que eles pagaram para nossa distração.

Eles faziam tudo para eu me sentir poderoso, ninguém podia chegar perto de mim, eles tinham planos para me impressionar. Eu estava no auge e tudo ficava cada vez mais fácil. E depois de um tempo, ficou tudo muito explícito, não havia comentários, mas estavam cientes do “Pessoal do Fábio”, então eles não mexiam ou arrumavam problemas com o nosso grupo. E por causa disso, tínhamos certa autonomia para fazer o que quiséssemos. Não tinha lei, regras, bons modos, não existia isso para nós, o que imperava era o dinheiro, muito dinheiro que pagava por tudo isso, ou seja, pela casa, pelo

silêncio, e pelas pessoas.

Um determinado momento do show, Marcelo D2 parou de cantar, olhou e apontou para mim dizendo “Essa música eu vou mandar para o DN, que está bem ali no camarote”, e começou a cantar uma música que era a minha predileta, que ele gravou com o Will, que diz: “Do lado de cá faço a conexão, Do lado de lá só pinta sangue bom, Chego no fim do caminho nem que vá a pé, Então me diga com que andas, E te direi quem é...”⁷². O pessoal do camarote cantava junto e fazia gestos apontando para eles e para quem trabalhava para mim quando o refrão da música dizia “só pinta sangue bom”, e quando falava “faço a conexão”, eles apontavam para mim.

Nossa... Que loucura... Foi um dos momentos mais marcantes que tive em minha vida, era adrenalina pura.

Não dá para explicar tudo o que eu senti naquele momento. Eu não conseguia distinguir a vida real da fantasia. Imagine na época, um garoto que tinha seus ídolos (e o Marcelo D2 era um deles), e eu estava ali com o próprio cara cantando para mim. Ele era o cara, e eu só pensava: “Cheguei lá. Eu sou o cara também”.

Eu sou invencível. Eu sou imbatível. Eu sou indestrutível.

Quando o show acabou, saímos de lá e a festa continuou, eu com aquela Z3 para todos os cantos em Porto Alegre e ninguém ligava. Passamos pelo McDonald's, cada um com uma garota, alguns deles com mais de uma garota. Eles puxaram um bolo de dinheiro e mandaram o Renato ir lá buscar lanche para todo mundo.

Como já foi dito várias vezes, dinheiro nunca foi o problema. E para terminar a noite em alto estilo, fomos para a casa de uma das garotas, e assim cada um curtiu como quis o seu fim de noite.

Até hoje, quando ouço essa música do Marcelo D2, eu me lembro da sensação de poder que senti naquela noite.



Meus Heróis

Na verdade, meu desejo era poder ser alguma coisa mais que um garotinho mimado e rico, filhinho de papai, como as pessoas me confundiam

e achavam que eu era.

M

inha vida sempre se assemelhou a um grande roteiro de filme, pelo menos era assim que eu me sentia. No início, ainda morando em Guaratuba, eu costumava assistir as novelas da Rede Globo, que para mim sempre

delineavam um objetivo a ser atingido: uma vida de sucesso, dinheiro e poder.

Uma vez assisti uma reportagem mostrando que muitos brasileiros são influenciados pelo luxo que existe nas novelas da Rede Globo e se mudam para São Paulo ou Rio de Janeiro tentando ter o mesmo padrão financeiro dos personagens. Acho que eu fui iludido por essas novelas também.

O primeiro personagem que me espelhei foi o Renato Mendes, interpretado pelo ator Fábio Assunção na novela *Celebridade*⁷³, exibida na TV Globo. O personagem era editor da revista *Fama*, era ambicioso, intrigante, sarcástico, venenoso, refinado, culto e inteligente, e tinha uma BMW Z3; vem daí o meu desejo incontrolável de possuir uma também.

Eu me imaginava um Renato Mendes na vida real, rico, poderoso, inatingível, e eu precisava possuir uma BMW, queria me parecer com o personagem que tanto admirava, nem que para isso eu precisasse quebrar algumas regras, isso não importava desde que atingisse meu objetivo.

Quando consegui minha primeira Z3, eu revivi aquele sonho de menino, e meu comportamento passou a ser como o do personagem, uma pessoa que estava acima de todos e que não media esforços para atingir o poder e obter dinheiro. Dirigia com a capota do carro rebaixada, sentindo o vento no rosto e olhando para as pessoas com ar de superioridade, que na realidade era o meu sentimento naquela época.

Outro personagem que sempre admirei foi no cinema, o 007⁷⁴, que assisti a todos os filmes. Sua elegância sempre me fascinou. Ainda me lembro dos ternos que ele usava, corte refinado, discreto, luxuoso, superelegante e também dos relógios e das mulheres. Seu estilo de vida tornou-se meu objetivo, então passei a me vestir como James Bond.

Nessa época, eu já trabalhava em Porto Alegre para o Marcos, e ele sempre usava terno, dificilmente usava traje casual, e eu quis me vestir igual a ele também. Não sabia nem dar nó em gravata, mas como o dinheiro pode comprar tudo, inclusive elegância, fui ao shopping, entrei em uma das lojas da

Hugo Boss⁷⁵ e comprei blazer, ternos, gravatas, camisas e calças sociais, e comecei a usar. E então, por onde eu andava, estava sempre vestido assim, podia estar calor ou frio. Eu me sentia o próprio 007 em ação, elegante e charmoso.

Outra aquisição que fiz foi um Omega Seamaster⁷⁶, aquisição bem cara na verdade. Na época, paguei pelo relógio cerca de onze mil reais.

Imagine um garoto de 16 anos, cara de criança, cabelo comprido, pilotando carros importados, sempre hospedado nos melhores hotéis, frequentando os restaurantes mais chiques, acompanhado de mulheres bonitas, realmente não tinha como ficar anônimo, então eu era o cara.

Só que o mundo do cinema e da televisão é muito diferente, onde não sentem calor, por exemplo. Então, tente me imaginar, em Porto Alegre no verão brasileiro, usando terno. Acabei me cansando, porque era muito quente usar aquele tipo de roupa.

E para encerrar de vez a minha história de 007, uma vez eu estava viajando de Porto Alegre para Curitiba, parei em um posto para abastecer, e o frentista me perguntou se eu estava vestido daquele jeito para ir a um casamento.

Desânimo total, e percebi que não parecia mesmo com 007.

Na verdade, o que eu queria era ter uma imagem diferente e mais forte, que representasse um homem mais velho e poderoso. Eu era muito jovem, e todo mundo me julgava pela idade, como se eu não tivesse experiência profissional.

Na verdade, meu desejo era poder ser alguma coisa mais que um garotinho mimado e rico, filhinho de papai, como as pessoas me confundiam e achavam que eu era.

Depois do estágio do terno, veio a fase de outro personagem que eu idolatrava, o Neo, ou Thomas A. Anderson, dos filmes da trilogia Matrix⁷⁷, interpretado por Keanu Reeves. No filme, Neo vivia uma vida dupla. Em suas atividades legais, ele era um tranquilo programador para a “respeitável companhia de software” Metacortex, mas também era um *hacker*, que invadia sistemas de computador ilegalmente e roubava informações sob o apelido de Neo.

Essa história era a minha vida, era assim que eu me sentia, em dois mundos paralelos, a minha vida real e a minha vida virtual.

Nessa época, eu me sentia como o Neo, então contratei dois seguranças, que me protegiam o tempo todo, sempre posicionados um pouco atrás de mim. E eu é claro, comprei um sobretudo e andava sempre de roupas pretas e óculos de sol bem escuro. Por onde eu andava, as pessoas olhavam sem entender muito bem quem eu era ou o que fazia.

Era mais uma vez o mundo da ficção fazendo parte do meu mundo real.

Liberdade para Agir

O *hacker* foi solto imediatamente.

T

rabalhando para o Fábio, sempre tive muita liberdade para fazer o que bem entendesse, dirigia sem habilitação por toda Porto Alegre e nunca fui incomodado por bloqueios ou policiais.

Mesmo sendo menor de idade, eu me hospedava em hotéis, passava dias trancado no quarto e também nunca tive problemas, e o mesmo acontecia quando frequentava casas noturnas e fazia uso de bebidas alcoólicas, principalmente meu uísque, como se já fosse maior de idade.

Em muitos momentos, cheguei a pensar que era inatingível, porque todos sabiam que eu era o protegido do Fábio, que fazia parte da organização, e por isso ninguém ia contra as minhas vontades.

No início, achei tudo isso muito normal, mas depois foram acontecendo alguns casos que me fizeram pensar que alguma coisa acontecia a mais, para que eu e o restante do grupo tivéssemos toda essa proteção.

Uma vez um *hacker*, também da organização, estava em Porto Alegre e atropelou um casal em uma das avenidas principais da cidade.

Como ele estava dirigindo embriagado e o acidente foi muito grave, além da polícia, estavam também no local a imprensa e muitos curiosos.

O *hacker* era também um dos protegidos em quem Fábio estava investindo no trabalho para trazê-lo ao nosso esquema. Ao saber do acidente, o chefe foi até o local pessoalmente acompanhado por um homem que não conhecíamos, mas todos sabiam que era de muita influência no meio policial.

Os policiais, que já estavam levando o causador do acidente para a delegacia, pararam e foram para o lado para conversarem com esse senhor, que disse para liberarem o *hacker*, pois esse problema seria resolvido por ele.

O *hacker* foi solto imediatamente. Os policiais entraram no carro e foram embora como se nada tivesse acontecido, e os chefes pagaram todas as despesas do acidente, indenizaram o casal, e o caso foi arquivado como se nunca tivesse ocorrido.

Esse tipo de coisa acontecia a todo momento, não só acidentes de carro, mas também brigas em bares e baladas.

Nosso grupo sempre ostentava muito e acabava se envolvendo em brigas com alguém no final da noite, mas sempre fomos encobertos, e nenhuma balada ou barzinho de Porto Alegre nos incomodava, os próprios donos resolviam a situação e nos deixavam ir embora sem problema algum.

Com o tempo, descobri que toda essa segurança era porque o Fábio pagava as contas de muitas pessoas importantes de Porto Alegre, pessoas de influência que conseguiam persuadir a polícia para nos deixar em paz, mesmo com nosso comportamento.

Esses homens eram pagos pelo Fábio com a fraude que fazíamos pela internet. Eles enviavam seus boletos de IPVAs de muitos carros, impostos de suas casas, enfim, todas as contas que eles precisavam pagar usando o sistema bancário.

Essas contas eram pagas pelo nosso grupo, nossa organização, e em troca desse pequeno favor eles nos defendiam.

Nunca soube os valores que o Fábio pagava para cada um, mas sei que era um valor mensal também, além dos pagamentos em bancos que fazíamos a eles.

Enquanto trabalhei para o Fábio, nunca tive problemas na cidade, porque ele sempre se responsabilizou pelo nosso conforto e segurança e cuidava de nós como se fôssemos seus filhos.

Sempre me senti protegido em Porto Alegre.



Fábio, Noturno e Eu

No início estávamos sempre juntos, no trabalho e nos momentos de diversão, isso porque nessa época eu ainda não representava perigo para as suas ambições.

A

Algumas pessoas que conheci modificaram toda a minha vida, uma delas foi o Fábio. Hoje, quando penso nele, ainda sinto muito respeito por tudo que aprendi com a nossa convivência.

Sempre acreditei na sua sinceridade, e ele foi para mim uma espécie de pai, aprendi muita coisa boa com ele.

Nós conversávamos muito, ele era uma pessoa extremamente culta e tinha muito bom gosto. Ele se arrumava com classe e me ensinou a me vestir e comportar com estilo também.

Fábio conhecia muito de gastronomia e apreciava comidas sofisticadas e exóticas, sabia se colocar à mesa e a se comportar em eventos requintados, a usar os talheres e copos adequados para cada ocasião. Quando íamos a restaurantes sofisticados, ele me ensinava a me comportar e como utilizar talheres, copos, e sobre o serviço que era oferecido no local.

Ele também conhecia e apreciava boa música, bons filmes, bons livros, e me ensinou a apreciá-los também.

Nossos interesses eram muito parecidos, ficávamos horas conversando sobre os assuntos mais variados possíveis, tínhamos uma relação de respeito e admiração.

Convivi com a família do Fábio e aprendi a respeitá-lo e entender que ele também, como eu, tinha duas personalidades. Um homem exemplar, esposo e pai de família presente, muito bem-sucedido e respeitado por toda a sociedade de Porto Alegre, mas no nosso mundo ele era o chefe de uma quadrilha que fraudava bancos e corrompia policiais para sua proteção.

Eu o admirava muito e brigava por sua atenção, sabia que quanto mais e melhor eu fizesse o meu trabalho, mais eu teria a atenção do Fábio. Noturno também sabia disso e queria a mesma coisa que eu.

Quando conheci Noturno, ele era uma pessoa extremamente simpática e amiga. Logo que comecei a trabalhar na organização, percebi que ele era o melhor *hacker* do grupo, e ele soube aproveitar muito bem esse posto.

No começo, nem eu nem ele percebemos que seríamos um problema na vida um do outro, mas com o tempo ele mostrou-se ambicioso e não tinha limites para atingir seus objetivos. Não tinha amigos, pisava em qualquer um que entrasse no seu caminho, e eu demorei a perceber que ele também não era meu amigo.

No início estávamos sempre juntos, no trabalho e nos momentos de diversão, isso porque nessa época eu ainda não representava perigo para as suas ambições.

Conforme fui crescendo e ocupando espaços no grupo, atingindo resultados superiores aos dele, passei a ser um problema e tornei-me seu inimigo.

A partir daí, viramos concorrentes, ambos buscando nos destaques conseguir a atenção do Fábio, que percebeu e jogou com os dois, conseguindo retirar o melhor de cada um, e depois usufruiu e se beneficiou com nossas disputas pelo poder.

Enquanto eu e o Noturno trabalhávamos muito para chamar a sua atenção, Fábio se aproveitava da situação e nos explorava cada vez mais, e o pior é que nem percebíamos e continuávamos no joguinho elaborado por ele.



Quebrando as Amarras

Fiz com eles o que fizeram comigo, estipulava metas para produzirem para mim.

D

e tanto eles me tratarem com respeito e cuidado, fazendo todas as minhas vontades, realizando todos os meus desejos, comecei a perceber a minha importância dentro da organização e ter mais acesso ao dinheiro,

fazendo me sentir independente. Uma outra coisa me fez constatar meu prestígio foi o receio que eles tinham de me perder, e por isso nunca me deixavam sozinho, talvez por medo que outras pessoas interessadas no meu trabalho me assediassem.

Eu já sabia da minha capacidade, que eu era o melhor no grupo, e eles, com todo esse cuidado que tinham comigo, acabaram me mostrando o poder que eu tinha em minhas mãos.

Não tinha dinheiro no mundo que pagasse a satisfação que eu tinha em estar ciente de que era o melhor, a realização de ter vencido os meus desafios, principalmente o de conseguir fazer o que ninguém havia conseguido, o desafio de ir além. O dinheiro foi a consequência disso tudo, mas não era o meu objetivo, foi acontecendo e me trouxe coisas fantásticas e incríveis, mas a realização pessoal foi maior que todo o dinheiro que eu já tinha lucrado.

As pessoas que faziam parte da organização estavam em contato comigo diariamente, tínhamos reuniões para definir estratégias, como íamos fazer e quais eram os nossos objetivos.

Quanto mais eu produzia, mais eles me exigiam; quanto mais eu mostrava minha capacidade, mais eles me traziam coisas diferentes para fazer. As metas estabelecidas a mim aumentavam a cada instante, e existia muita cobrança. E em muitos momentos eu me senti como um escravo, subordinado a todas as regras estabelecidas e que só tinha direito a descanso e diversão quando terminasse de fazer tudo o que havia sido determinado.

Só que nessa época eles também tinham me acostumado muito mal. Eu já experimentara o sabor da vida fácil, o luxo, a diversão, estava acostumado com tudo que o dinheiro podia comprar. E não queria perder o que alcançara e também ainda queria curtir a vida também.

Mas cada dia ficava mais difícil cumprir minhas metas. Decidi mudar o jogo e, sem que eles soubessem, eu também montei a minha equipe.

Busquei no meu passado os garotos que ensinei, que me admiravam e seguiam meus passos. Fiz com eles o que fizeram comigo, estipulava metas para produzirem para mim.

Para atrair esses *hackers* que estavam começando, eu usava a mesma estratégia de persuasão que

fizeram

comigo no passado.

Marcava encontro com eles em lugares sofisticados das cidades que eles moravam e aparecia com carros importados, como uma BMW Sedan 550⁷⁸ preta que possuía na ocasião. Esse carro chamava muito a atenção, porque somente pessoas muito poderosas tinham carros como esse, e eu também estava sempre muito bem vestido e ostentava um cordão de ouro maciço da Cartier⁷⁹ com um pingente com a inicial D. Era evidente que aquela era uma joia caríssima.

Esses meninos, da mesma forma que eu no passado, ficavam impressionadíssimos e começavam a trabalhar e a produzir na mesma hora. Sabiam que se estivessem ao meu lado, também poderiam ter seus objetos de desejo no futuro.

Quando eles já estavam treinados por mim e cientes de como eu queria o trabalho feito, eu os deixava nos hotéis finalizando o que tínhamos começado, e eu saía para me divertir. Quando voltava, cobrava resultados deles.

Eu comecei a terceirizar o serviço para conseguir atingir as metas que eram colocadas para mim, sem que ninguém soubesse disso.

Essa foi a minha grande sacada, porque eu tinha um grupo de sete ou oito *hackers* que eram bem melhores do que eu era quando comecei, e agora eles estavam trabalhando para mim.

E trabalhavam comigo por causa do meu nome e da minha fama, por causa do mito que foi criado ao meu respeito: conhecido como o *hacker* que tinha conquistado fama e poder, o cara que tinha muitos carros, vida luxuosa, e que fazia coisas na internet que ninguém havia feito anteriormente.

Trabalhar comigo significava sucesso junto com um curso intensivo de como ser *hacker*. Esses caras queriam estar perto de mim da mesma maneira que eu quis estar perto do Noturno, do Cash, do Linux, tempos atrás.

Só que agora eu tinha alcançado um posto muito mais elevado na organização e queria um destaque maior, por isso montei uma equipe muito forte, liderada por mim e que cumpria as minhas ordens. Resumindo: ela fazia tudo o que eu mandava, e eles me respeitavam e me viam como um ícone.

Com isso, eu ganhava mérito dentro da organização e subia no conceito do Fábio. Quanto mais eles exigiam de mim, melhor e maior era a minha produção. Então, a idolatria aumentava e constataavam a minha importância para a organização.

Foi aí que percebi que eu já tinha a minha organização e que não precisava mais deles para ser alguém na vida. Afinal, eu era o dono da minha própria empresa.

Fui embora de Porto Alegre e montei minha organização em Curitiba, do mesmo modo que o Fábio tinha a sua empresa em Porto Alegre, só que agora eu era o Big Boss e recrutava pessoas

para trabalharem para mim.

Trabalhando entre Curitiba e Piracicaba

Era um verdadeiro parque de diversões para mim.

C

om a minha nova empresa em Curitiba, comecei a organizar todas as minhas novas ações e a prestar serviços para empresários em Curitiba. Como era uma pessoa reconhecida pelo trabalho desenvolvido, não faltaram

oportunidades de trabalho.

Fui procurado por um empresário que se chamava Rodrigo e possuía uma grande Indústria Têxtil, empresa estabilizada no mercado, mas ele queria ter um pouco tranquilidade no setor financeiro, ou seja, pagar menos impostos e saldar algumas dívidas sem se descapitalizar, coisa que eu fazia muito bem.

Na época, esse empresário possuía uma BMW 318⁸⁰, e eu o tinha conhecido recentemente. Nossa reunião foi agendada em uma pista de patinação no gelo, porque sempre gostei muito dessa atividade.

Quando cheguei, ele já estava me esperando. Conversamos sobre vários assunto até chegar ao que realmente nos interessava, acertamos alguns detalhes, mas não iniciei meus trabalhos de imediato, queria aproveitar umas semanas de folga na praia para depois reiniciar as minhas atividades.

Para eu não voltar atrás no combinado, garantindo que eu voltaria e iria trabalhar para ele, Rodrigo me deu as chaves da BMW para que eu viajasse para Guaratuba.

Eu fui, curti todas, barbarizei com a BMW. Na volta para Curitiba, fundi o motor do carro, e sem me preocupar com o que eu tinha feito, liguei para ele, disse que a BMW estava parada na rodovia, que iria para casa de táxi e que na manhã seguinte estaria na empresa para conversarmos.

No dia combinado, iniciamos nosso trabalho, e nem houve comentários sobre o carro. Ele não parecia preocupado com isso, porque tenho certeza que ele lucrou o valor de muitas BMWs com os meses que trabalhei para ele.

Nosso esquema era sempre o mesmo, ele me enviava guias de impostos e eu pagava pela internet utilizando as contas bancárias que foram invadidas. Com o passar do tempo, ele adquiriu mais confiança em mim e começou a me enviar boletos bancários de fornecedores para que eu pagasse também.

A empresa pagava altos valores em impostos e boletos de fornecedores. Com a minha ajuda, ele economizava muito com esses pagamentos, e sua fortuna cresceu rapidamente.

Eu tornei-me o seu braço direito, sabia de todas as suas malandragens, porque fazia parte delas. Ele

pagava muito bem pelo meu trabalho, e como parte do nosso acordo, eu tinha à minha disposição o carro que eu quisesse.

Em outra ocasião, como parte do pagamento pelo meu trabalho, recebi um Audi A4⁸¹, que bati dias depois de tê-lo ganhado, o que não foi problema, porque minha sabida paixão por carros importados fez com que ele imediatamente me desse outro Audi, só para não interferir no meu desempenho profissional.

Com o passar do tempo, nossa relação começou a se deteriorar, porque, em alguns meses, ele já tinha conseguido fazer um capital muito maior do que obteria em sua vida inteira trabalhando honestamente como empresário, e resolveu vender o meu serviço para outra pessoa.

Nesse período, tivemos um problema muito sério de confiança. E confiança, em qualquer âmbito, é tudo.

Tudo aconteceu porque esse empresário tinha um guarda-costas há muitos anos que percebeu o volume de dinheiro que o patrão fraudava com a minha ajuda. Soube então que não precisaria ter uma empresa tão sólida como a do patrão, que poderia montar uma empresa de fachada e com a minha ajuda poderíamos aplicar os mesmos golpes.

Incentivado pela ambição, arquitetou um golpe no próprio patrão. O primeiro passo foi me convidar para trabalhar com ele. Achei isso uma tremenda sacanagem e contei ao Rodrigo o que estava acontecendo. Foi a pior decisão que eu poderia ter tomado. Além de ele não acreditar em mim, deu créditos à versão de seu guarda-costas e deu ordem para que me matassem.

Descobri o plano deles por causa do aparelho de celular que tínhamos para contato, quando ainda éramos da mesma equipe, com tecnologia Nextel⁸². Ele possuía gravador de voz. Eu liguei o meu aparelho e gravei uma conversa entre o Rodrigo e o guarda-costas combinando de me matar.

A princípio, eu não sabia o que fazer, depois decidi que a melhor maneira de escapar dessa emboscada era inverter o jogo: mostrei uma cópia da gravação ao Rodrigo, falei que a original estava guardada com pessoas de minha inteira confiança, e que eles a usariam caso algo acontecesse comigo ou com alguém da minha família.

Deixei bem claro que daquele momento em diante seria melhor eles fazerem de tudo para me proteger, e se algo me acontecesse, ele seria acusado mesmo não sendo culpado do ato.

A partir desse dia, nossa relação que já não era boa, tornou-se ainda pior. Nosso relacionamento, até então amistoso, se deteriorou, mas Rodrigo ordenou ao guarda-costas que me esquecesse, e nunca mais nos encontramos.

Depois de tudo isso, e como se eu fosse uma mercadoria, ele imediatamente vendeu meu serviço, de forma literal, para outro empresário também de Curitiba, de forma parcelada, em três cheques.

Mesmo já tendo recebido pela minha venda, ele me pagou em partes: o primeiro cheque eu consegui

sacar no banco, os dois últimos ele sustou, não consegui receber pela minha própria venda. Rodrigo sabia que eu não teria para quem reclamar e nem como explicar os cheques sustados, então achei melhor esquecer, mesmo porque não queria mais nenhum tipo de contato com aquele tipo de gente.

Eu tinha consciência que fazia coisas ilegais, mas nunca me envolvi com bandido que brinca, literalmente,

com a vida de outras pessoas.

Comecei a trabalhar com outro empresário, só que esse agora era proprietário de uma grande rede de farmácias, uma pessoa muito boa, que se tornou um grande amigo. Minhas atividades eram as mesmas que já tinha feito anteriormente, como quitar impostos e boletos bancários, invasões alterando bancos de dados dos grandes fornecedores das farmácias, conseguindo saldar uma conta e utilizar as contas bancárias invadidas anteriormente.

Lembro-me de que ao lado da farmácia principal havia uma garagem, e depois um prédio comercial enorme que pertencia ao empresário; cada andar possuía mil metros quadrados. Lá funcionavam os escritórios de suas empresas e, junto, o nosso escritório. Porém, o local que eu gostava era a garagem, porque era apenas para guardar nossos carros: BMW 540⁸³, BMW 550, BMW Z3M, três caminhonetes F250 Tropical⁸⁴, um Audi A3 Turbo⁸⁵, e vários caminhões e outras caminhonetes de uso da empresa.

Era um verdadeiro parque de diversões para mim. Os carros ficavam nessa garagem para que não chamassem muito a atenção, e eu os usava para passear em Curitiba, descer para a praia, enfim, curtir a vida. Eles eram escolhidos de acordo com o compromisso a ser atendido; se ele fosse mais formal, eu utilizava o BMW 540; mais esportivo, o Z3 era a escolha; e assim eu vivia e curti a vida em Curitiba.

A convivência com esse empresário despertou o meu lado administrador.

Nos momentos em que eu não estava na internet, eu o auxiliava no gerenciamento de suas farmácias, ajudava a controlar toda a entrada e saída de mercadorias em cada uma de suas lojas.

Passei a ajudá-lo também a identificar em cada um de seus gerentes quem estava trabalhando com honestidade e quem o estava roubando, porque eu tinha uma facilidade muito grande de reconhecer nas pessoas quem estava sendo desonesto. Por minhas atitudes, passei a ser o braço direito do Estéfano na administração de sua rede de farmácias.

Certa vez, ele disse que eu era um administrador nato e que tinha uma liderança e uma capacidade profissional que ele apenas tinha visto em pouquíssimas pessoas até aquele momento. E ele afirmou também que líder não se cria: o líder já nasce com a vocação. Gostei muito do que ouvi, pela primeira vez alguém estava me valorizando pelo meu trabalho e não pelas fraudes que fazia.

Aprendi muito com ele e acredito que se sou hoje um empresário, devo muito aos meses que passamos juntos trabalhando na administração de sua empresa.

Nessa época que trabalhava com o Estéfano, tive a oportunidade de conhecer uma pessoa que acabou se tornando uma grande amiga. Uma funcionária de uma das farmácias foi encarregada de me auxiliar na administração que eu estava fazendo em toda rede. Seu nome é Alexia, uma moça muito linda, cabelos castanho claros, quase loiros, lisos e muito compridos, olhos verdes, estatura mediana e um corpo escultural. A princípio, ela se mostrou muito reservada e discreta, mas como passávamos muito tempo juntos trabalhando, começamos a conversar e conhecer um pouco mais da história de vida um do outro.

Já de imediato, eu me simpatizei com ela.

Discreta, sincera, batalhadora, determinada, sempre comentava sobre a dificuldade que tinha para trabalhar e estudar, já que era de uma família muito humilde.

Seu objetivo com o pouco que sobrava de seu salário, quando sobrava, era poupar para iniciar uma faculdade, com sonho de trabalhar com moda, e era perceptível o seu talento e vocação, já que, mesmo sendo uma pessoa muito simples, estava sempre muito bem-arrumada, vestia-se de maneira simples, mas que transformava em algo muito original e chamava a atenção das outras por seu modo de se vestir, elegante e discreto. As colegas de trabalho sempre pediam sugestões para combinar acessórios, roupas e sapatos, por exemplo.

Por causa dessa convivência, ficamos amigos. Ela sabia que do meu padrão de vida elevado, mas não tinha a menor ideia do que eu fazia na verdade para o Estéfano. Todos na empresa acreditavam que eu trabalhava de forma honesta, recebia um bom salário e assim mantinha meu padrão de vida elevado. Nem suspeitavam das fraudes que eu fazia para o Estéfano.

Começamos a sair quase todos os dias depois do trabalho. Era uma relação muito estranha, não estávamos apaixonados, de início até tentamos nos relacionar com mais intimidade, mas não deu certo. Percebemos que eu e ela precisávamos na verdade era de amizade sincera e nos tornamos verdadeiros amigos.

Eu sempre conversava e discutia sobre minha vida com ela, excluindo os assuntos relacionados a fraudes, não queria envolvê-la nisso, de resto falávamos de tudo, e ela era recíproca comigo, falava de sua vida, seu trabalho e principalmente dos seus sonhos, quando seu olhar brilhava, se empolgava e ficava como uma criança falando do primeiro encontro com o papai Noel.

Aprendi a admirar aquela mulher e decidi que precisava ajudá-la: pesquisei em Curitiba qual seria a melhor faculdade de Designer de Moda, fui até lá, sem ela saber, pesquisei todas as informações necessárias, como teste para admissão, duração do curso, horário das aulas, valores da mensalidade. Enfim, fui conversar com a Alexia munido de todas as informações para praticamente obrigá-la a fazer a inscrição.

De imediato, ela se recusou e me disse que de nada adiantaria conseguir entrar no curso e não ter condições de se manter nele, mas eu argumentei que era para ver se ela conseguiria entrar, e que depois nós tentaríamos uma bolsa de estudo, um financiamento pelo governo, qualquer coisa, mas primeiro ela teria que conseguir entrar no curso. E assim a convenci a ir pelo menos tentar, e ela acabou conseguindo a vaga. A partir daí era um problema meu.

Fui à faculdade e pedi que me fizessem um valor do curso completo com desconto, que eu faria o pagamento à vista, não me lembro quanto foi, mas sei que era muito mais caro que um dos carros que eu possuía. Chegando em casa, entrei na internet e paguei o boleto que eles me deram com uma das contas que eu fraudava.

Foi o melhor investimento que eu fiz em todos esses anos, e pela primeira vez usei meu dom para ajudar

alguém de verdade.

Ela nem imaginava como foi que eu paguei o seu curso e a princípio nem queria aceitar, mas eu respondi que não tinha mais retorno, já estava quitado o curso todo, e que se ela não aceitasse, não haveria ressarcimento e não havia como aproveitar para mais ninguém.

Falei também que dinheiro para mim não era problema, que aquele valor não me faria falta e que pela primeira vez na vida eu havia aplicado meu dinheiro em uma coisa boa.

Depois de muita discussão, ela aceitou, na condição de um dia, com o próprio trabalho, me devolver tudo que eu investi no seu sonho de vida. Eu realmente gostaria que isso acontecesse, não pelo valor, mas se um dia ela conseguir me devolver o dinheiro da faculdade, significa que conseguiu realizar seus sonhos e ser uma designer de moda de sucesso, torço muito por isso.

Continuamos amigos, mas não nos encontramos mais, continuei acompanhando sua vida para ter certeza que ela se formaria, que não teria nenhum problema na faculdade, afinal de contas, paguei a mesma com dinheiro de fraude. Mas deu tudo certo, nunca ninguém nem suspeitou. Ela se formou, já recebeu o diploma e está trabalhando no que sempre sonhou.

Fiz tudo isso por gostar demais da determinação de Alexia.

Porque o tempo que passamos juntos, trabalhando na empresa do Estéfano, e as nossas conversas depois do trabalho me fizeram acalmar um pouco e deixar de lado um pouco a ostentação.

Quando Alexia iniciou suas aulas no curso de moda, passou a ter menos tempo para mim, e eu logicamente comecei a sair de novo só com meus amigos. Agora, trabalhando e recebendo dinheiro honestamente nas empresas do Estéfano, sentia que não era o suficiente para conseguir manter meu padrão de vida que sempre foi muito alto, então precisava continuar com o meu trabalho como *hacker*.

Ainda me encontrei muitas vezes com Alexia, mas também continuava com minha vida de aventuras, as festas e baladas em Curitiba e nas praias em Guaratuba e Matinhos.

Estéfano me alertava que eu estava em evidência e que precisava ficar mais tranquilo e quieto, eu também sabia disso, mas era muito jovem e não dei importância aos avisos e preocupações de quem estava sempre ao meu lado.

Recebia e gastava muito dinheiro, conseqüentemente chamava muita atenção, e depois de perder a

proteção que tinha em Porto Alegre, comecei a perceber que para trabalhar tranquilamente teria que pagar pela minha proteção.

E então tive que pagar por tudo.

Eu conseguia muito mais dinheiro em Curitiba, mas gastava exageradamente para poder trabalhar em paz. Com isso, eu me transformei em escravo do meu próprio trabalho. Era extorquido pela polícia, e onde eu fosse tinha alguém na minha lista de pagamentos.

Quando a perseguição policial em Curitiba se tornou insuportável, resolvi dar um tempo em Piracicaba, cidade do interior de São Paulo. Resolvi recomeçar, nova equipe, novos planos e também novos golpes. Entrei em contato com o Vinicius, um cara da minha equipe antiga, que para mim era o melhor e morava em Campinas. Começamos a trabalhar com moderação para não ter novamente a polícia no nosso rastro, aplicávamos golpes menores e assim aprendemos a ganhar dinheiro discretamente, sem levantar suspeitas.

Tirávamos uns quarenta mil por mês, era muito pouco em relação ao que estava acostumado a levantar, mas era um negócio discreto. Depois dividíamos o dinheiro e com isso cada um de nós podia levar uma vida tranquilamente.

Tinha acesso a quase todas as coisas boas que eu tinha antes, sem ter a polícia me perseguindo. Não ganhava tanto, mas consegui ter um pouco de paz. Foi um período de muita tranquilidade na minha vida, mas como tudo que é bom dura pouco, começamos a ter problemas. Vinicius começou a se envolver com um monte de amigos interesseiros de Campinas e entrou no mundo das drogas.

Depois disso, Vinicius se transformou, começou causar muitos problemas com o tipo de vida que ele levava, acabou se destruindo profissionalmente, não conseguia mais produzir o mesmo de antes. Ele seguiu por uma estrada sem volta.

Um dia eu estava em Itapoá⁸⁶, Santa Catarina, e Vinicius foi para Salvador com um cara extremamente sujo, um *hacker* chamado Pato. Eles estavam sempre drogados e foram presos com cocaína e sem roupas na praia, jogando dinheiro na rua. A polícia suspeitava que eles fossem traficantes.

A mãe do Vinicius me ligou pedindo ajuda para tirar o filho da cadeia. Fomos para lá e presenciei uma das cenas mais tristes que se possa imaginar. Ele parecia um bicho, algemado no corrimão da escada, não falava coisa com coisa, sem comer, e gritava a todo o momento que era *hacker*, não era traficante, que ganhava dinheiro roubando bancos.

Comecei a ficar preocupado com o que ele falava, e, além disso, prisão na Bahia é outra coisa, eles estão acostumados a lidar com turista baderneiro que despreza as leis e as normas locais. Eu tinha medo que eles fossem mais a fundo na história do Vinicius e descobrissem alguma coisa. Não estava tranquilo, queria sair de lá o mais rápido possível.

Conseguimos convencer o delegado que ele tinha problemas mentais e tinha fugido do tratamento que fazia em Campinas; por sorte eles nos liberaram para trazer o Vinicius de volta. Mas ele nunca mais

se recuperou, as drogas o deixaram totalmente louco. Tentei fazer de tudo para ajudá-lo, não só porque ele era meu amigo, mas também porque eu precisava muito dele, já que fazia uma parte do trabalho que eu não conseguia.

Sem poder trabalhar em Piracicaba, comecei a me sentir muito sozinho, tinha perdido meu amigo e sócio e não queria continuar mais ali. Decidi retornar para Curitiba e continuar o trabalho com os empresários, mesmo sabendo que voltaria a receber ameaças e perseguições.

Mas, pelo menos naquela cidade, eu também tinha meus amigos para me amparar.

Sequestros e Ameaças

Mesmo com muito medo, acatei suas ordens

A

decisão de voltar a trabalhar em Curitiba trouxe muito mais noites de desespero do que diversão. Logo que cheguei, aproveitei a vida e os amigos que reencontrei, mas quando a polícia percebeu que eu estava de volta, voltaram a me perseguir, porque já sabiam que eu era uma mina de dinheiro, e assim usufruíam do que eu podia proporcionar a eles em troca da minha proteção.

O contato mais direto que tive com eles foi traumatizante. Eles me sequestraram e exigiram dinheiro para me soltar. Foi assim que tive certeza do perigo que eu estava vivendo.

Em 2005, na véspera do feriado de independência, aconteceu um show dos Paralamas do Sucesso⁸⁷. O Herbert Vianna já estava em cadeira de rodas e emocionou todo mundo.

Quando terminou o show, eu e Carolina voltamos para Guaratuba para namorar um pouquinho, e quando chegamos, tocou o meu telefone, atendi e ninguém respondeu. Mais tarde, em torno das quatro da manhã, fui levar a Carolina para a casa e percebi que estávamos sendo seguidos, mas não dei importância ao fato.

Na noite seguinte, busquei Carolina em casa e fomos a um barzinho. Quando saímos de lá, andamos umas três quadras e um Gol G3 branco começou a nos perseguir, depois nos abordou e mandou parar o meu carro, dizendo que era a polícia. Eu parei, fiquei desconfiado por não estarem em carro identificado, mas por ser uma cidade muito tranquila, não me preocupei muito, achei que era uma averiguação rotineira.

No Gol estavam três policiais. Eles desceram e um foi se aproximando, como eu pensei ser apenas uma averiguação, separei os meus documentos e os do carro para mostrar a ele.

Olhei pelo retrovisor e vi que um agente da polícia estava se aproximando com uma pistola na mão. Nesse momento, eu fiquei muito preocupado, mas não tinha o que fazer. Ele se apoiou na janela e olhou para mim. Ainda tenho na lembrança como ele me olhava, com superioridade e desprezo. O policial se chamava Amarildo Pereira, muito jovem, de uns vinte e cinco anos no máximo, era alto e muito forte, cabelo bem curto e pele bronzeada pelo sol.

Ele se aproximou de mim, encostou a arma na minha cabeça e disse que precisava levar um papo comigo.

A partir desse momento, a minha preocupação aumentou, aquela definitivamente não era uma atitude normal de policial.

Eu estava com um Vectra Challenger⁸⁸, e Amarildo mandou que eu descesse e fosse com os outros policiais no Gol e que ele iria dirigindo meu carro até um local mais tranquilo e que pudéssemos conversar.

Pedi a eles que me deixassem levar Carolina para casa, mas não permitiram e afirmaram não ter coisa alguma a esconder dela, que já sabia do assunto que eles tinham a tratar comigo. Mandaram que eu ficasse calmo e fizesse o que eles estavam pedindo.

Mesmo com muito medo, acatei suas ordens. Ele foi dirigindo meu carro com Carolina no banco do passageiro, e eu fui no Gol com outros policiais, chamados Paulo Germano e Valdomiro Barbosa.

Paulo era um policial mais velho, aparentava ter uns quarenta anos, estatura mediana, um pouco calvo e mais gordo que os outros. O Valdomiro também era mais velho, da mesma idade de Paulo, baixo e bem magro, cabelos grisalhos e pele bem clara.

Entrei no carro e perguntei para onde eles estavam me levando. Eles apenas me olharam sem proferir uma palavra, um silêncio assustador me deixava preocupado, mas Carolina era a minha maior aflição, já que estava no outro carro apenas com um policial.

Só tive certeza que eles eram mesmo policiais quando percebi que estavam nos levando para a sede da Polícia Civil.

Chegamos lá umas duas horas da manhã. Paulo desceu do carro e deu ordens aos outros, assim percebi que ele comandava a operação. Amarildo desceu segurando a Carolina pelo braço e fomos conduzidos para uma sala mais reservada, na sede da polícia.

Eles nos mandaram sentar, eu em uma sala e a Carolina em um banco na entrada. Fiquei sozinho por um tempo na sala, depois Paulo entrou com uma pasta que parecia ter muitos papéis. Ele a jogou na mesa, olhou para mim e disse que não adiantava eu ficar com aquela cara de inocente e tentar enganá-los, porque eu sabia muito bem o motivo de eu estava ali, que eles já sabiam de tudo e que eu era vigiado há muito tempo, e que ninguém estava ali por diversão.

Falaram que seriam breve porque não existia isso de enganação. Eles me ofereceram duas opções: a Polícia Federal seria acionada para me levar preso por todos os meus crimes, ou eu pagava cem mil reais e o assunto seria esquecido completamente.

Eu fiquei apavorado, não havia argumentos possíveis para que eles acreditassem que tinham apanhado a pessoa errada ou que eu não tinha conhecimento sobre o assunto. Mas, como Carolina também estava naquela situação, Amarildo usou o assédio sobre ela para me amedrontar, fazendo gracinhas para deixá-la nervosa e a mim também.

Achei melhor não tentar mais me defender e falei que se levassem Carolina em segurança para sua casa dela, nós poderíamos chegar a um entendimento. Eles concordaram e a levaram para casa, e quando eles voltaram, eu liguei para ela confirmando se estava tudo bem e avisando-a de que já tinha resolvido tudo.

Voltei a negociar com eles e pedi um tempo para conseguir todo o valor pedido, afinal, não tinha toda aquela quantia à disposição, porque seria impossível conseguir o montante em apenas uma noite.

Eles diziam não acreditar em mim, riam na minha cara e afirmavam que eu estava de brincadeira, já que eu desviava milhões todos os dias e era impossível não ter cem mil reais disponíveis.

Fiquei sozinho na sala durante a madrugada toda, e, de período em período, eles me ameaçavam e me deixavam mais amedrontado do que eu já estava.

Na cadeia, tinha uma carceragem com alguns homens detidos. Paulo passava o revólver nas grades das celas acordando os presos e deixando-os irritados, e depois falava para acordarem porque tinha chegado carne nova no pedaço.

Eu argumentei que eles não poderiam me manter preso porque eu era menor de idade, e se eles me dessem uma semana eu conseguiria arranjar todo o dinheiro que queriam. Eles riram da minha cara e responderam que eu não teria tempo extra, que as leis lá dentro eram feitas por eles e que não estavam preocupados se eu era menor ou não, afinal, eles que decidiriam o que fazer comigo caso eu não cooperasse.

Eram oito horas da manhã, eu já esgotado com toda discussão, disse que daria um jeito. Liguei para meu pai explicando que estava preso e que ligasse para o empresário, da rede de farmácias que eu prestava serviços, e conseguisse um adiantamento para me tirar de lá. Eles levantaram cinquenta mil, e eu tinha o restante guardado no cofre do hotel em que me hospedava em Curitiba. Com o valor em mãos, vieram me encontrar na delegacia.

A viagem de Curitiba até o local em que eu estava demorou muito, e eu fiquei em uma sala da polícia com Amarildo me vigiando.

Eu sentia no seu olhar a inveja sobre mim, acho que por eu ser um cara mais jovem que ele e ter tudo o que eu tinha.

Era uma mistura de inveja com ódio, e isso me deu muito medo. O que eu passei ali com ele foi muito forte, os minutos, as horas pareciam uma eternidade, principalmente porque ficou evidente o seu ódio.

Sofri muito até meu pai chegar.

Meu pai chegou e entregou o dinheiro para o Paulo, que conferiu o valor para depois me libertarem, mas eu sabia que a partir daquele momento nunca mais teria paz no meu trabalho, deveria me acostumar em ter a polícia me vigiando a cada passo que dava.

Tudo que passei me deixou transtornado.

Já em Curitiba, eu me hospedei por um tempo na casa do Estéfano, uma mansão perto do Parque Barigui⁸⁹. Ele era um empresário bem-sucedido e um grande amigo também. De todos os caras que foram presos, ele é o que eu sinto mais pena, porque apesar de ter ganhado muito dinheiro comigo,

ele é um cara de bom coração.

Ele era um cara diferente, já era rico e não enriqueceu comigo e, quando foi preso, perdeu quase tudo. Isso me deixou muito chateado, porque ele foi a pessoa que sempre quis me defender e me ajudar.

Fiquei na casa do Estéfano um bom tempo, não conseguia me recuperar do trauma do sequestro. A sensação de ter uma arma apontada para minha cabeça foi a pior coisa que eu me lembro daquele dia.

Aprendi uma coisa naquele dia: quando encostam uma arma na sua cabeça, o gelo do cano fica em você, não tem como esquecer, a sensação do metal na testa vai acompanhar quem a sentiu para sempre.

Depois de me recuperar, decidi me entregar. Entrei em contato com um agente da Polícia Federal, não me identifiquei, mas falei que não suportava mais e que tinha muita coisa acontecendo comigo e tinha uma culpa por estar prejudicando muita gente. Eu fazia parte de um grupo que cometia crimes virtuais e que queria me entregar.

Sabia que eles estavam investigando o assunto, pois estávamos cometendo muitas fraudes envolvendo o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal. Esses dois bancos fazem parte do governo, e qualquer tipo de fraude que envolve o Governo Federal é consequentemente investigado pela Polícia Federal.

Marquei um encontro com o agente no Shopping Estação⁹⁰ em Curitiba, mas eu não tive coragem de ir.

Passaram-se alguns dias, consegui me recuperar do susto e voltei a trabalhar novamente. A polícia continuou a me extorquir, mas consegui acertar um valor fixo para que eles me deixassem trabalhar em paz, e todo início de mês alguém recebia por eles aquilo que tinha sido combinado, até que outros policiais resolvessem também reivindicar “sua” parte do meu negócio.

Uma vez no aeroporto, no embarque para Porto Alegre para resolver uns assuntos pendentes, pediram que eu fosse até uma sala, na presença de um policial, que revistou a minha mala e pegou trinta mil reais em dinheiro. Depois, o grupo disse que um garoto da minha idade não poderia carregar tanto dinheiro e que eles ficariam com aquela quantia para me proteger, riram de minha situação e me deixaram continuar viagem. Eles sabiam que eu não poderia tomar atitude alguma no aeroporto para reaver meu dinheiro, por isso, fiquei quieto e parti.

A lista de policiais para me proteger aumentou mais um pouquinho, mas ainda iria “crescer” um pouco mais. Como em outra noite, quando voltava da balada, uma viatura me parou e encaminhou para um Distrito Policial de Curitiba.

Fui levado para uma sala, e um policial com patente e muito bem relacionado em Curitiba me falou o mesmo que os outros, que sabia o que eu fazia, que me entregaria se eu não colaborasse colocando-os também na folha de pagamento. Eu não tinha opção a não ser concordar. Dessa vez, além de ficar preso por algum tempo, eles me bateram e ameaçaram as pessoas que eu gostava.

Foi muito difícil não reagir.

Depois de ter tantos policiais envolvidos no meu esquema, começamos a achar que estavam nos perseguindo para queima de arquivo. Eu e o Nilson estávamos tomando muito mais cuidado, mas mesmo assim não conseguíamos ficar longe deles. Tinha medo, porque eu sabia muito sobre eles e eles sobre mim.

Ainda estava muito vivo na minha memória o sequestro que Paulo fez comigo e Carolina em Guaratuba, e mesmo assim mais uma vez ele nos perseguiu. Até certo ponto foi estranho, já que estava pagando muito dinheiro para a polícia e, no meu entender, não tinha porque ele nos perseguir.

Eu, a Carolina, o Nilson e a Ana estávamos dando voltas quando comecei a perceber que tinha um carro nos seguindo. Era uma Parati branca, e eu não sabia quem poderia estar dirigindo o carro. O nosso era um Vectra, e então acelerei desesperadamente para fugir daquela perseguição, foi uma loucura.

Dirigia feito um louco, subia na calçada, invadia sinal vermelho, fazia curvas quase capotando o carro, e tudo mais, para escapar da Parati. Nessa hora, pedi para o Nilson ligar para o meu pai e dizer que estavam nos perseguindo, e o seu conselho, já desesperado com a situação, foi para que eu dirigisse até a base da Polícia Militar. Foi o que fiz, e quando avistei o prédio, segui em frente e quase entrei com o carro lá dentro.

Parei, e imediatamente os policiais militares vieram até nós. E então percebi que o motorista da Parati era o Paulo. Ele desceu do carro, veio na nossa direção e disse aos policiais militares que eles podiam ficar tranquilos, que ele também era policial e queria apenas conversar com o grupo.

Os policiais militares entraram, e Paulo, com aquele jeito irônico de sempre, ficava tirando sarro de nós, perguntando por que tínhamos fugido, ele só queria nos encontrar, disse que eu estava sumido, que era para passar lá no comando para uma conversinha.

Na realidade, ele estava fazendo mais uma pressão, querendo dar mais um susto usando a pressão psicológica, e isso ficou marcado em mim, tanto quanto o gelo do revólver na minha cabeça.

Não aguentei mais tanta pressão. Já tinha tentado mudar de vida em Piracicaba, não havia dado certo; em Curitiba tudo continuava um inferno.

Resolvi voltar para Porto Alegre e novamente trabalhar com Fábio, porque lá eu teria paz.

De Volta a Porto Alegre

Ele me tranquilizou, dizia que eu estava louco, me mandou tomar meu uísque e depois ir dormir.

E

m Porto Alegre, pedi ao Fábio para voltar ao trabalho. Ele concordou e já me reintegrou ao grupo, mas restringiu muitas das vantagens que eu tivera, uma punição por ter abandonado a organização tão de repente.

Agora, novamente trabalhando juntos, o clima já não era o mesmo de antes, e eu sentia alguma coisa acontecendo, que me incomodava. Hoje penso que a minha intuição⁹¹ estava tentando me avisar que algo poderia acontecer.

Em 30 de novembro, pouco mais de duas semanas da minha volta, seria iniciada uma grande operação da Polícia Federal, a Ponto Com.

Dias depois, estávamos em uma reunião no Hotel InterCity⁹², próximo ao aeroporto. O relacionamento entre Fábio e eu tornara-se estritamente profissional, não havia a amizade ou aproximação de antes. O que existia era uma mágoa por tê-lo abandonado e tentado carreira sozinho em Curitiba. Ia demorar muito para voltarmos a nos relacionar como antes, claro, se isso algum dia voltasse a acontecer. Por isso, nosso relacionamento se resumia em patrão e empregado e sobrando apenas o respeito mútuo pela capacidade que cada um tinha em sua área.

Nessa reunião, seriam decididas as estratégias de trabalho para o mês que se iniciava. A maioria dos prazos para quitação de boletos e de impostos vence antes do dia 10, época em que o trabalho era muito intenso, por isso que havia esses encontros, para distribuição de trabalho.

Todos agiam normalmente, mas eu não estava tranquilo. Falei para o Fábio que pressentia que a organização estava para acabar, porque acreditava que estávamos sendo vigiados, sempre afirmava que era assim que me sentia.

Fábio não deu importância a essas minhas sensações, e sempre disse que éramos blindados com um esquema de segurança sempre a postos para nossa proteção, e que essa garantia de impunidade se estendia até as esferas estadual e federal.

E eu não tinha como explicar que o sentimento era mais forte que eu, e que, como se fosse um aviso, eu insistia que iríamos cair, e por causa desse pressentimento, eu queria fugir dali.

Toda essa angústia me acometeu dois dias antes da Operação Ponto Com. Fábio ligou para um

delegado, e este fez um levantamento de todos os participantes do grupo, nada constava em qualquer um dos nomes, nem inquérito, nem investigação. Ele me tranquilizou, dizia que eu estava louco, me mandou tomar meu uísque e depois ir dormir.

Eu não conseguia, estava preocupado, aprendi por experiência a respeitar a minha intuição. Resolvi sair do hotel e ir para um apartamento em Canoas, pertencente a um dos integrantes do grupo.

Não queria ficar em hotel, não me excitava mais porque tudo estava muito tenso. Minha vontade era apenas de ir embora, voltar para Guaratuba, ter paz e organizar minha festa de 17 anos.

Hoje, quando me recordo de tudo o que aconteceu e que tentei avisar, mas ninguém acreditou.

Na realidade, eu também, muitas vezes, desprezei esses avisos, porque em muitos momentos eu também achava um exagero. Ainda tenho pressentimentos e os respeito muito, e foi por acatar os avisos que eu realizei negócios que deram certo e desfiz alguns que não considerava legal.

Consegui também me livrar de problemas e de pessoas que poderiam trazer aborrecimentos, mas também passei a ser pessoa extremamente desconfiada de tudo e de todos. Quando chego a lugares diferentes, observo todos os detalhes e também as pessoas que estão no local. Estou sempre muito atento a tudo e a todos, e quando pressinto que algo não está bem, mudo de lugar imediatamente.



A Operação Ponto Com

Não conseguia entender o que estava acontecendo.

M

esmo pressentindo que alguma coisa não estava legal, continuei trabalhando normalmente. Estava produzindo muito durante a madrugada, acredito que eu tenha subtraído mais de um milhão de reais. Eram quase seis

horas da manhã, eu ainda estava acordado, chapado de tanto tomar energético, hábito que desenvolvi para me manter acordado por longos períodos de tempo.

Nilson estava comigo no apartamento, e me lembro que o filme que ele estava assistindo na TV da sala era *A Paixão de Cristo*⁹³. Foi quando ouvi um estalo na porta, em seguida uma pancada mais forte, depois me lembro apenas de ter virado para o lado e imediatamente já estava no chão, deitado de bruços, com as minhas mãos para trás, posição que dificultava eu me virar e poder ver o que estava acontecendo.

Não conseguia entender o que estava acontecendo. Na hora, eu cheguei a pensar que era a polícia novamente, mais um sequestro, mais uma extorsão. Uma eternidade se seguiu até que eles falaram que a casa tinha caído. Eles eram da Polícia Federal e perguntaram qual de nós dois era o Daniel Lofrano Nascimento.

Eu olhei para eles e confirmei que eu era o Daniel. Eles me levantaram, sentaram-me no sofá, só então pude perceber a quantidade de agentes federais que estavam no apartamento. Muitos agentes, muitas armas (pistolas e submetralhadoras), todos circulando pelos cômodos e revirando o que encontravam pela frente.

Mesmo muito nervoso, consegui observar que entre os agentes da Polícia Federal havia uma agente muito bonita, chamava a atenção mesmo, fiquei olhando para ela enquanto reviravam e destruíam tudo, CDs de música, DVDs, quebraram objetos, jogaram tudo no chão, minhas roupas, pertences de uso pessoal e simplesmente tudo o que eu tinha estava ali jogado e eu não podia tomar atitude alguma contra aquela ação.

Todos os computadores foram levados, e tudo o mais que para eles poderia conter alguma informação foi para os carros da polícia em direção à sede da Polícia Federal.

Ainda em choque, eu e o Nilson olhávamos um para o outro sem ter coragem de falar coisa alguma, já que nem permitiriam que nos comunicássemos.

Comecei a me acalmar um pouco e perguntei o que estavam querendo e porque eles estavam procurando por mim. Um deles, que parecia ser o chefe da operação, respondeu-me de maneira muito

irônica: “Estávamos passeando por aqui”; e completou: “Deixe de ser idiota, isso aqui é uma operação contra *hackers*, que coincidência, né?”.

E começaram a me perguntar sobre várias pessoas que estavam na lista para serem presas também, e conforme eu ouvia os nomes, eu respondia que não os conhecia. Alguns nomes eu realmente não conhecia, mas alguns eu sabia muito bem quem eram, como o Fábio, o Noturno, o Renato, o Mário, parte de uma lista enorme.

Nesse momento, minha ficha caiu, e eu só conseguia falar para mim mesmo que tinha terminado. Aí bateu o desespero, percebi que estava sendo preso e que ia para a cadeia, que todo mundo tinha caído. Fábio, que sempre foi para mim o inatingível, tinha caído.

E agora, quem iria nos proteger?

A operação foi deflagrada toda ao mesmo tempo, as equipes se deslocaram individualmente para um determinado endereço e prenderam todos os envolvidos simultaneamente. Não haveria tempo para um avisar o outro, estávamos todos na mesma situação.

Eram mais de oito horas da manhã quando entramos em uma Meriva⁹⁴ com placa de Minas Gerais e começamos a seguir rumo à sede da Polícia Federal de Porto Alegre, trajeto que pareceu uma eternidade. Estávamos todos num silêncio mortal, ninguém falava, e eu menos ainda.

Conforme íamos passando, os batedores livravam a rua para que os carros da Polícia Federal pudessem passar. Eles paravam o trânsito, e a viatura passava. Era algo cinematográfico, e eu ainda com a minha mania de superprodução, até minha prisão tinha que ser coisa de filme.

Chegamos à Superintendência da Polícia Federal em Porto Alegre. Quando descemos do carro, a imprensa estava inteirinha na porta nos esperando. Emissoras de televisão, jornais, rádios, jornalistas em geral estavam lá, foi uma operação muito grande, não havia assunto mais divulgado naquele dia.

Chovia muito, e a porta por onde iríamos entrar tinha um corredor enorme com a imprensa todinha ao redor. Cada um que descia dos carros jogava uma camiseta por cima da cabeça e entrava no prédio de forma a não ser reconhecido.

Mas eu não, porque jamais perderia a oportunidade de mais uma vez aparecer. Por isso, eu não iria passar de cabeça baixa, já que a minha empáfia não permitiria. Mesmo algemado, eu olhei para o Nilson e falei que não ia abaixar minha cabeça, que não ia me esconder.

Então, quando descemos da Meriva, com a cabeça erguida, afrontando as pessoas e a própria situação, a imprensa inteira veio na nossa direção. Eles não podiam imaginar que éramos menores de idade, e então tivemos nossos rostos estampados ao vivo nos telejornais. Eram muitas câmeras de televisão, máquinas fotográficas, todos registrando a nossa imagem.

Conforme caminhávamos, os jornalistas perguntavam se nós fazíamos parte da operação, e isso foi para mim a consagração dos meus atos como *hacker*. E, naquele momento, eu tinha a plena certeza de

que todo mundo ficaria sabendo o que eu fazia, saía do anonimato para entrar na história.

Afinal de contas, não é isso que todo *hacker* quer?

Ser reconhecido por seu trabalho?

E foi assim que todo mundo ficou sabendo como eu era bom naquilo que eu me propunha a fazer.

Superintendência da Polícia Federal em Porto Alegre

Com o tempo, eu fui entender um pouco sobre a grandiosidade da Operação Ponto Com. Q

Quando entramos na Superintendência da Polícia Federal de Porto Alegre, minha paciência tinha se esgotado, não imaginava que o assédio da imprensa seria tão intenso e me rebelei. Em um movimento brusco, com a mão direita que estava livre, dei um tapa na câmera que estava ao meu lado e gritei que não aguentava mais, que era para parar com aquela filmagem.

Como já estávamos no interior do prédio, nem percebi que não havia mais repórteres e que a câmera que continuava nos gravando era da Polícia Federal. Toda operação que fazem eles gravam para arquivo, então acabei atingindo a cinegrafista que era uma agente em serviço.

Em uma fração de segundos, outro agente me chamava de moleque prepotente e que eu deveria calar a boca e não agir mais daquele jeito ou ele iria me arrebentar pessoalmente.

Conforme o tempo passava, os policiais foram se dando conta da grandiosidade da operação, e também descobriram que éramos menores de idade e que eles não poderiam nos tratar da mesma maneira que os outros integrantes do grupo, maiores de idade. Os policiais procuravam, na legislação, como agir em relação a mim e ao Nilson.

Nesse dia, foram expedidos diversos mandatos pela justiça de Curitiba, porém nós estávamos em Porto Alegre, e então deveriam ir até a fonte para cumprir. Eu não entendia coisa alguma, e nem sabia que seríamos levados até a capital paranaense para que os mandatos de prisão fossem cumpridos. Por isso, ficamos à disposição dos trâmites da lei. Eles nos colocaram em uma sala na parte subterrânea do prédio, embaixo da Superintendência.

Esse local tinha uma parede de vidro, e eu ficava observando o movimento por horas, sem poder conversar, e com o tempo passando, o medo do que poderiam fazer conosco só aumentava.

Estávamos incomunicáveis (sem celular, sem contato algum), e não havia como confiar em alguém. Resumindo, eram eu e o Nilson sem saber o que ia nos acontecer.

Depois de algum tempo, eu já tinha conhecimento de que quem comandava toda a operação era o delegado da Polícia Federal da época, chamado Fernando Francischini, e presidindo a operação estava o Delegado Daniel Madruga, lotado em Porto Alegre.

Com o tempo, eu fui entender um pouco sobre a grandiosidade da Operação Ponto Com. Ela consistia do seguinte: o Banco do Brasil, por causa de todas as fraudes que sofrera, fez uma denúncia em Brasília na sede da Polícia Federal, que comandou toda a operação; em Porto Alegre havia muita gente envolvida, gente de poder e que poderia revelar detalhes da operação para proteger os envolvidos.

Francischini chegou de surpresa com todo o aparato de Curitiba para comandar a estrutura da Polícia Federal de Porto Alegre, podendo utilizar de seus métodos, em conjunto com Daniel Madruga.

Eles chegaram de madrugada para deflagrar a operação imediatamente, 280 agentes da Polícia Federal estavam envolvidos. Não tinha como alguém contar o que iria acontecer, não havia tempo hábil, todos os agentes vieram de fora, cada detalhe foi muito bem planejado.

Como qualquer operação de grande porte, o elemento surpresa seria fundamental, porque sabiam que se vazasse qualquer detalhe do trabalho para um agente corrupto de Porto Alegre, certamente os envolvidos com a quadrilha teriam fugido, não haveria flagrante, apreensão de provas e prisões em massa.

E no posterior julgamento, seria mais fácil ter todas as evidências aceitas como prova da ações ilegais realizadas.

A Polícia Federal tem uma equipe denominada COT⁹⁵, preparada para vasculhar e descobrir tudo que pode ser considerado evidência. São policiais treinados para não se deixarem abater por nada e por ninguém. Essa equipe é acionada somente quando o suspeito representa algum perigo iminente. Depois de feito um estudo antecipado do local e do criminoso, a prisão é feita, e junto eles buscam todas as provas para incriminá-lo. Havia comentários de que nessa operação eles usaram até C4⁹⁶ para derrubar paredes da casa do Fábio, que era muito bem protegida.

Conforme fui compreendendo um pouco mais a operação, percebi que precisava saber quais as acusações que havia contra mim, então pedi para falar com Francischini. Depois de algum tempo, eles me conduziram até a sala dele.

Tive a infelicidade de pegar o elevador com o pessoal do COT. Esse foi um momento muito tenso, porque eles estavam armados até os dentes. Eu olhava para aquela submetralhadora pequena apontada para nós e depois olhava para o Nilson, mas ele tinha o semblante calmo, para me tranquilizar, parecia estar me dizendo que tudo estava bem.

Nilson sempre foi mais calmo do que eu, e na minha cabeça só passava a imagem daqueles caras com o dedo no gatilho, olhando-nos com ar de braveza, apertados naquele cubículo.

Meu pensamento imaginava coisas ruins, como a ideia de a arma disparar ali, e nós não termos para onde fugir.

Pode parecer loucura, pois sempre fui ciente de que isso era quase impossível, por causa do treinamento que eles recebem. Mas como convencer meu coração que batia mais acelerado do que nunca que isso tudo que eu estava imaginando não ia acontecer? A subida ao último andar pareceu uma eternidade, mas enfim chegamos.

Fábio estava sendo interrogado, Noturno algemado sentado com um agente ao lado. Nenhum de nós podia andar livremente pelo prédio, um agente sempre nos acompanhava, e mesmo estando na mesma sala, nós nem nos olhávamos.

Eu estava muito tenso com a situação toda, então o agente que estava me escoltando passou a conversar comigo, enfim encontramos uma pessoa simpática. Eu me acalmei, e ele relatou que tinha uma escuta telefônica há muito tempo no pessoal do nosso grupo. Eles já nos monitoravam há algum tempo e tinham conhecimento de todos os nossos passos, e ao mesmo tempo se mostrava surpreso pelas minhas habilidades, pelo montante de dinheiro envolvido na nossa operação e por eu ser tão jovem e com tanto talento. Naquela época, isso não era comum.

Depois, um pouco mais relaxado, pedi para ele me deixar fumar um cigarro. Fomos para a sala de Daniel Madruga, próximo às janelas, acendi um cigarro e comecei a tragar. Nisso, entra pela porta o próprio delegado, que veio em minha direção e mandou que saísse de sua sala!

Ele gritava que estava colaborando, mas invadir a sala dele para fumar era abuso. Eu achei o máximo o que aconteceu. Apesar de ter sido interrompido bem na hora do meu cigarro e do meu momento de relaxamento, eu não consegui me conter e achei aquela cena fantástica.

O homem tinha ficado muito bravo, e eu vibrava com a situação.

Tive vontade de rir da sua reação, mas achamos melhor sair da sala e deixá-lo curtir toda a sua raiva em paz.

Com a demora do depoimento de Fábio, eles me levaram para almoçar, e então percebi que tinha certas regalias porque era menor de idade. Fiz a refeição com os agentes e, por um espaço de tempo, pude conversar como se nada tivesse acontecido.

Eles queriam saber como eu conseguia fazer tudo aquilo, e até preso na Polícia Federal eu me sentia “o cara”. Eu e o Nilson estávamos conversando animadamente com os agentes, enquanto a maioria do nosso pessoal já estava preso nas carceragens.

Mas aquilo tudo era apenas ilusão, nosso depoimento ainda não tinha sido tomado. Terminamos o almoço e voltamos para a sala de Francischini para aguardar o momento em que seríamos ouvidos.

Quando ele chegou até mim, já foi me falando que a minha casa tinha caído, que sabia tudo sobre mim e o que eu fazia. Também me comunicou que era o fim da linha para mim, e que meu mandado de prisão já estava na sua mesa.

Ele parou de falar comigo e começou a conversar com o Nilson. Nessa hora, eu tentei argumentar sobre o que ele havia me dito e me fazer de coitadinho e que não entendia aquela situação. Ele olhou para mim com uma cara de raiva e me disse: “Eu te perguntei alguma coisa? Eu mandei você falar? Você só fala comigo quando eu te perguntar alguma coisa. Enquanto isso, você não se dirija a mim, fique quieto, você só fala quando eu mandar, entendeu?”.

Rapidamente consenti afirmativamente, e, sem entender, fiquei ainda mais surpreso quando ele chamou o Nilson para entrar e conversar com ele antes de mim. Ficaram por mais de uma hora conversando, parecia uma eternidade, eu esperando sem saber o que estava acontecendo lá dentro, sobre o que estavam falando. Passaram um milhão de suposições pela minha cabeça, só depois eu fui entender o que na realidade o Francischini queria.

Ele sabia que eu era o *hacker*, só que não queria me tratar como alguém especial e nem dar importância aos meus conhecimentos para poder arrancar as coisas de mim. Ele chamou o Nilson porque sabia que ele não tinha ligação com os golpes e que o trabalho dele era me acompanhar, cuidar da minha vida particular, ou seja, ele trabalhava apenas para mim.

Na verdade, ele queria informações para poder me chamar posteriormente, e assim ele fez. Nilson saiu, e ele me mandou entrar.

Durante o interrogatório, ele me mostrava todas as evidências que foram apreendidas no apartamento em que fui preso e as escutas realizadas no meu aparelho celular, que já provavam o meu envolvimento nos golpes da organização.

Foram horas de depoimento, eu estava angustiado e esgotado física, emocional e mentalmente. Eu era jovem demais para vivenciar tudo aquilo, mas ele me pressionou para dar explicações das provas que foram encontradas.

Em alguns momentos, eu sabia do que ele estava falando, em outros não tinha a menor ideia. Eu não conhecia algumas pessoas que também foram presas, meu círculo de contatos era muito restrito, porque eu desenvolvia o meu trabalho e não me envolvia ou tinha contato com grande parte do grupo que foi preso.

Estava exausto, esgotado, não conseguia mais raciocinar para continuar depondo, por isso, o interrogatório foi encerrado. Já estava claro todo o meu envolvimento com a quadrilha e o papel que eu exercia.

Não havia necessidade de mais informações naquele momento, e eu fui dispensado.

De Volta para Casa

Afinal, ele era uma referência para todos nós naquele avião.

J

á sentia muito cansaço, estresse, uma coisa surreal. Eram quase cinco horas da tarde, eu tinha ficado um tempo sem fim na sala do Francischini, não suportava mais, mas enfim tinha acabado. Eu me senti vazio, uma sensação horrível e estranha, um pavor do que poderia acontecer comigo, com o Nilson e com nossas famílias, nunca havia passado por isso e não sabia o que esperar. Mas, ao mesmo tempo, uma sensação de alívio me inundava por tudo ter terminado. Mesmo tendo dúvidas sobre o futuro, pelo menos tinha ciência de que nada seria pior do que meus últimos dias antes da prisão.

Apesar da etapa de Porto Alegre ter se encerrado, ainda seríamos levados para Curitiba, onde estavam os mandatos de prisão.

Fomos para o aeroporto da Base Aérea, iríamos para Curitiba em um avião da FAB, um Hércules⁹⁷, avião superantigo e barulhento, totalmente diferente da primeira classe que eu estava acostumado a viajar. E mais uma vez uma grande escolta, viaturas da polícia local, motos com batedores, sirenes ligadas, carros pretos da Polícia Federal, formando uma fila enorme, até helicóptero fazia parte do transporte. Não tinha como ficarmos despercebidos, por onde passávamos o trânsito parava e todos ficavam olhando.

A manchete durante o dia nos noticiários da televisão foi o sucesso da operação da Polícia Federal que tinha prendido uma quadrilha com mais de quarenta pessoas envolvidas em crimes na internet. E para fechar a operação com chave de ouro, nada melhor que uma escolta daquela proporção para chamar a atenção de todo mundo que passava pelas ruas.

Quando chegamos à base aérea em Canoas, onde fica a sede da FAB, no Rio Grande do Sul, eu já estava mais calmo, mas ainda assim preocupado. Pela primeira vez eu vi o restante do grupo. Até então, tínhamos nos visto muito pouco, mas agora iríamos todos no mesmo avião para Curitiba.

Conforme os carros iam chegando, os agentes federais os estacionavam um ao lado do outro. O pessoal ia descendo e formando uma fila, um ao lado do outro. Fábio, Noturno, e o restante estavam todos lá, alguns conhecidos ou outros que eu não nunca tive contato.

Eu me lembro muito bem das instruções que nos deram antes de descermos do carro: não podíamos conversar entre nós; não era para fazer brincadeira que os militares não gostavam; a Polícia Federal não tinha jurisdição e era o exército que mandava, então era para nos comportar e evitar problemas no terreno deles.

Aproveitaram o local e a ocasião e colocaram medo na gente, e funcionou, ninguém nem piscava. Mas parece que minha arrogância sempre falava mais alto, eu me sentia superior por ser menor e

saber que eles não podiam fazer nada contra mim, e ficava enchendo o saco toda hora, uma hora queria água, outra hora queria ir ao banheiro, e assim foi enquanto esperávamos para embarcar.

Eu era o último da fila da esquerda, e o Nilson, o último da direita. A única coisa que deixaram para mim foi meu maço de cigarros, e aproveitei para fumar. Era final de tarde, ainda tinha um pouco de sol, e lá no canto eu via alguma coisa refletindo no meu olho, um reflexo de espelho bem na minha direção.

De repente, vi um agente correndo em minha direção, tomou o cigarro da minha mão, agarrou o meu pulso e me chamou de maluco. Aos gritos, falou que eu estava dentro de uma base militar, que era proibido fumar e que aquele reflexo que eu tinha visto era um cara apontando uma arma para a minha cabeça.

Ele falava alto e em bom som que eu era mais idiota do que parecia, idiota e prepotente. Eu fiquei parado, mais uma vez achei que podia tudo, nem tinha noção que estava fumando numa pista de base aérea, e que aquilo era definitivamente proibido. Um local com aviões militares, repleto de tanques de combustível, e eu escapei mais uma vez por um triz. Por sorte, o avião que iríamos estava pronto e começamos a subir. Eu queria sair dali o mais rápido possível.

O embarque foi um momento muito tenso para todo mundo.

O pior momento foi a hora que eu passei pelo Fábio e veio na minha cabeça tudo o que eu tinha passado, todas as coisas que aprendi, todo o respeito, toda admiração que eu tinha por aquele cara, e ele estava ali, sentado, algemado, como qualquer um de nós.

Todos os presos que entravam olhavam para ele, impossível não olhar, era como se pedíssemos ajuda. Afinal, ele era uma referência para todos nós naquele avião. Tentei conversar com ele, mas não foi possível, o barulho do avião era muito alto. Eu tinha a sensação de que ele olhava para mim me incriminando por alguma coisa. Na realidade, um olhava para o outro com ar de acusação, ninguém sabia quem tinha entregado quem, todos eram culpados e ao mesmo tempo inocentes até que se provasse o contrário.



Preso em Curitiba

E amanheceu, muito lentamente.

Quando

chegamos a Curitiba, no aeroporto Afonso Pena, a equipe de trabalho que nos trouxe entregou os presos para policiais federais de Curitiba. Todos já tinham dado seus depoimentos e foram encaminhados para a prisão.

Eu e o Nilson entramos numa viatura da Polícia Federal com dois agentes que não nos conheciam, nem a história da nossa prisão, ou que a gente não representava perigo e que não éramos criminosos comuns.

Eu já estava nervoso, porque não ia suportar passar por tudo aquilo novamente. Começou a me dar um desespero, porque seguiram em sentido a Tarumã, perto do Jockey Club, na direção da Casa do Menor de Curitiba. Daí me desesperei, não queria ser preso em uma instituição para menores.

Não adiantava argumentar com os agentes que nos escoltavam, eles iriam nos conduzir para onde tinham sido orientados, éramos dois menores infratores e lá que deveria ser nosso destino.

Já na Casa do Menor de Curitiba, nos deram um saquinho plástico para que a gente colocasse os pertences e senti de verdade, naquele momento, que estava sendo preso e comecei a entender o significado daquilo, de entregar os meus pertences pessoais e de que não haveria mais retorno

Nessa hora, eu saí correndo na direção da porta com muito desespero, e eles me impediram me jogando no chão. Eu bati a cabeça com toda força, mas continuei resistindo, eu não poderia ser preso, eu gritava, gritava muito. E depois de muita luta e argumentos, consegui que não ficássemos naquele lugar. Mesmo por pouco espaço de tempo, a situação foi horrível.

E, mais tarde, quando chegamos à Polícia Federal, pela primeira vez eu realmente percebi o monte de coisas erradas que tinha feito quando eu vi meu pai. E todos os momentos que passei e que foram marcantes não se comparam com o que eu senti naquele momento em que o encontrei. Ele estava lá, com o rosto sofrido, um pacotinho de doces e chocolates para eu poder me alimentar, que ele pegou rapidamente no restaurante quando recebeu a notícia de que eu estava indo para a sede da Polícia Federal.

Quando ele me viu, encarou-me com os olhos cheios de lágrimas, se sentindo impotente por não poder me abraçar ou mesmo amparar. Ficamos, por alguns segundos, nos olhando, sem poder fazer nada, apenas uma vontade enorme de nos abraçar e consolar.

Ele não pôde entrar, mas ficou lá não sei até que horas me esperando, acho que não conseguia ir embora e me abandonar. Nunca entendi completamente o sentimento que aflorou entre nós naquele

momento, só sei que foi a coisa mais forte e sofrida que vivi. Essa cena me persegue sempre que me lembro da prisão. Poderia passar por tudo novamente, mas não conseguiria ver meu pai daquele jeito outra vez.

Passamos a noite lá, sem conseguir dormir, e para usar o banheiro sempre havia um agente vigiando. Foi uma noite muito longa, ficamos lá à espera que o dia chegasse. E amanheceu, muito lentamente.

Só na manhã seguinte reencontramos o Fernando Francischini e toda a sua equipe. Fiquei muito surpreso quando encontrei o policial para quem telefonei quando estava tentando me entregar meses atrás. Não o conhecia pessoalmente, apenas por telefone.

Ele olhou para mim, apresentou-se e me perguntou por que eu não me entreguei quando tive a oportunidade.

Ele me disse que se eu tivesse me entregado naquele encontro que marcamos no Shopping Estação, eu poderia ter evitado tudo isso que estava acontecendo comigo naquele momento. A partir daí, acredito que Francischini ficou surpreso comigo, e passou a sentir uma simpatia por mim e até tentou me ajudar.

Logo em seguida, chegou meu pai com uma advogada. Ainda me lembro que eu estava sentado perto do balcão da Polícia Federal, e ela se aproximou falando alto com todo mundo, dando ordens e perguntando onde estava o Daniel, que eu não poderia estar ali, que ela exigia que me libertassem imediatamente.

Só nesse momento que eu pude ir ao encontro de meu pai e abraçá-lo. Ficamos em silêncio, abraçados por um longo tempo. Nessa hora, eu chorei como ainda não havia chorado, um misto de medo, angústia e, junto, um pedido de perdão.

Os policiais pediram para que fôssemos para a sala do Francischini para conversar, porque não queriam me liberar antes do meu depoimento em juízo, que se torna um registro definitivo. Apesar de eu já ter feito um depoimento em Porto Alegre, ainda queriam que eu falasse diante da promotoria e da juíza local.

Agora, meus depoimentos eram acompanhados pela advogada. Ficamos o período da manhã na Polícia Federal, e no período da tarde fomos de viatura da Polícia Federal até o gabinete da juíza para eu depor também.

Só após ter terminado é que fui liberado, mas nos meses seguintes continuou nossa maratona de depoimentos. Cada oportunidade era para um grupo de pessoas diferentes.

Com o Nilson aconteceu a mesma coisa. Os pais dele chegaram com o advogado e o tiraram de lá, foi a última vez que nos vimos.

Depoimentos e Prisões

Dias após minha prisão, fomos até Guaratuba.

C

onforme

o tempo foi passando e com a aproximação que tive com o pessoal da Polícia Federal, o relacionamento passou a ser mais cordial.

Quero esclarecer que a operação Ponto Com e a operação Ponto Com.PR são diferentes, mas relativas ao mesmo golpe. A operação Ponto Com foi deflagrada por causa de crimes virtuais, onde os acusados foram presos e condenados pelos crimes contra o sistema financeiro principalmente.

A Ponto Com.PR foi deflagrada no dia 14 de dezembro de 2005 com base nas provas obtidas e nos depoimentos dos que foram detidos na primeira operação. Essa se tornou outra investigação sobre o envolvimento de policiais nesse esquema, já que um dos motivos deste golpe permanecer tanto tempo no anonimato era porque policiais faziam parte da folha de pagamento.

A corregedoria da Polícia Civil queria resolver o caso por inteiro e punir os culpados, já que muitos policiais foram investigados, acusados, julgados e condenados. Outros foram absolvidos por falta de provas.

No primeiro depoimento em Curitiba, na Justiça Federal, conduzido por uma juíza que me fez muitas perguntas, algumas eu sabia responder, outras não.

Expliquei em detalhes todos os atos infracionais em que havia me envolvido, por exemplo, como e onde aplicava os golpes. A magistrada me ouviu com muita atenção.

A investigação sobre os delitos virtuais já tinha sido praticamente encerrada, a Polícia Federal já tinha provas suficientes para processar todos os envolvidos que faziam parte da organização.

Dias após minha prisão, fomos até Guaratuba. Era meu aniversário de 17 anos e iríamos comemorar com a família toda reunida.

Uma festa que não tinha motivos, mas mesmo assim fomos para a casa da minha avó, e quando chegamos, eu ainda estava em um estado de depressão profunda e nada conseguia me tirar daquela situação, mesmo família tentando me animar, tudo sem resultado.

Estava com muito medo, porque sabia exatamente o que eu tinha feito e represálias poderiam acontecer comigo e com minha família.

Todo o processo pareceu demorar uma eternidade, e conforme o tempo passava, outros acontecimentos vieram, e eu fui bloqueando na minha mente muitos dos fatos que ocorreram.

Em alguns depoimentos, eu acabei omitindo alguns detalhes, em reconhecimentos, não o fiz em relação a alguns envolvidos. E o processo acabou sendo arquivado, porque a grande maioria dos acusados foram liberados por falta de provas.

Mesmo alguns sendo presos e outros remanejados, a grande maioria saiu impune.

BRASIL

Acesso à informação

Participe

Serviços

Legislação

Canais

Operações 2005

Estatística de presos 2005

Operação	Total	Servidores Públicos	Policiais Federais	Data
Ponto Com	45	0	0	dez/05

A operação Ponto Com desarticulou uma organização especializada em crimes pela internet. Mais de 280 policiais foram mobilizados para cumprir 45 mandados de prisão, 63 mandados de busca e apreensão e um mandado de apreensão de menor. O crime se baseava no envio de mensagens eletrônicas, tipo spam, para captura de senhas. A ação foi realizada nos estados de Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

RESUMO DE OPERAÇÕES

*Fonte: www.dpf.gov.br/agencia/estatisticas/2005

- DPF 2005*

A Miséria

Foi assim que reuni forças para levantar e seguir em frente.

P

arece

exagero falar em miséria, tenho noção real do que essa palavra significa, mas esse era o meu sentimento e sensação naquele momento.

Quando estourou a operação Ponto Com, meu mundo desmoronou. Depois de viver por muito tempo sem ter nenhuma preocupação com o dinheiro, vivendo em hotéis caros, viajando, curtindo noites e noites nas baladas, mulheres e carros importados, vivendo somente no luxo, voltar a morar na casa dos meus pais, vivendo do “pouco” que eles podiam me dar, essa dependência tornou-se uma maneira de estar na miséria.

Uma cena muito marcante para mim aconteceu na casa de meus pais em Curitiba, no início de 2006, que estavam morando em um conjunto de apartamentos pequenos. Um período muito difícil, porque haviam gasto muito dinheiro com advogados para me defender.

Minha família estava totalmente desestruturada, e eu sabia que a culpa era minha, mas ao mesmo tempo não conseguia deixar de ter pena de mim. Eu também sofria muito e estava totalmente sem rumo.

Não tinha dinheiro para comprar cigarro e nem mais coisa alguma, olhava pela janela do apartamento na direção da parte alta e rica de Curitiba. Lugar onde sempre fiquei, olhava o relógio do Shopping Estação, e lembranças da vida de riqueza que vivi em Curitiba ainda estavam muito vivas em mim.

Eu me lembro que saí e no final da tarde me sentei em frente ao prédio, pensando na minha vida, sem perspectiva, sem planos, sem futuro. Nesse momento, passou por mim um artista de rua desses que se pintam de branco e imitam personagens famosos como estátuas nas praças e lugares de movimentos. E eu me mantive sentado, olhando para ele e pensando em quantas vezes passei por esses caras “voando” dentro de um carro, sem nem notar a sua presença.

Mas agora era diferente, eu estava tão amargurado, sozinho, sem amigos, sem cigarros, devia estar com um aspecto deplorável, porque o artista olhou para mim e perguntou se eu precisava de alguma coisa.

Eu pedi que me arranjasse um cigarro, ele pegou uma cartela cheia de cigarros e me deu. Depois me disse que sabia o quanto era difícil controlar a vontade de fumar e que, naquele momento, eu precisava muito mais do cigarro do que ele. E foi embora.

Isso para mim serviu como um tapa na cara e ao mesmo tempo parecia que era uma mensagem de Deus. Naquele momento, eu percebi que Ele usa algumas pessoas para ensinar as outras, e então

percebi que precisava reagir.

Eu fiquei noites sem dormir pensando que não poderia me entregar tão facilmente e que precisava me reencontrar, voltar a viver e esquecer de vez o passado. Foi assim que reuni forças para levantar e seguir em frente.

Mas Curitiba tornou-se um lugar em que eu não queria mais estar. Lembranças das perseguições de policiais corruptos surgiam todo lugar que eu fosse, e nessa época nos foi oferecida uma proteção especial, mas eu não quis, e meu pai preferiu enviar a família para Bauru.

Eu, minha mãe e minha irmã nos mudamos, e meu pai ficou em Curitiba, trabalhando no restaurante da família. Ele não poderia abandonar os negócios de forma repentina.



Fuga para Bauru

Eu sempre acreditava que a qualquer momento eles me encontrariam.

D

Depois da prisão e dos depoimentos, a vida de minha família em Curitiba transformou-se num verdadeiro inferno. A Polícia Federal nos ofereceu participação no “Programa de Proteção às Testemunhas”, eles queriam nos tirar

de Curitiba para nossa própria segurança. A proteção não foi aceita, e achamos melhor não ficar em Curitiba. Minha mãe, minha irmã, e eu nos mudamos para Bauru, para morarmos na casa da tia Neuza, mãe do Marcelo.

Chegamos a Bauru às pressas, tudo improvisado, mas pelo menos estávamos em segurança. Com o passar do tempo, montamos uma casa e ficamos um bom tempo morando em Bauru, separados do meu pai.

Uma fase muito difícil para mim, as lembranças ainda eram muito fortes, por isso, vivia entre a revolta de ter perdido tudo e o medo de aparecer alguém para me matar. Ninguém sabia onde estávamos, exceto meu pai e a Polícia Federal, porque eu ainda devia prestar depoimentos em Curitiba. No período de todo o andamento do processo, eu prestei depoimento várias vezes, todas que necessárias.

Os policiais chegavam sempre em no mínimo dois carros iguais, eu ia em um com minha mãe, sempre escoltados por agentes, e o outro carro era apenas para disfarçar em qual nós estávamos. Havia receio de que algo pudesse acontecer comigo, afinal de contas eu fui arrolado como testemunha. Em Curitiba, ficávamos hospedados em hotel, e na nossa porta, policiais federais, armados inclusive com metralhadoras, que faziam a nossa segurança o tempo todo.

Posso dizer que era apavorante. Lembro-me de que em uma madrugada um barulho muito forte irrompeu no hotel. Eles correram, armados, invadiram o nosso quarto e se posicionaram entre a cama e a porta.

Em outra ocasião, eu estava no quarto com um agente e no meio da madrugada eu estava assistindo televisão, não conseguia dormir. Fui até a janela para fumar um cigarro, não comentei nada porque pensei que ele estava dormindo. Sentei no parapeito da janela, acendi o cigarro e já no primeiro trago que dei e, sem perceber de onde vinha o golpe, fui literalmente atirado para longe da janela, caindo de qualquer jeito. Vi que o agente estava com a arma apontada para fora, como se algo estivesse acontecendo.

Ainda com sono, ele perguntou o que eu estava fazendo na janela, se estava acontecendo algo, e eu apenas respondi que estava fumando. Depois da minha resposta, ele ficou furioso e me disse que

antes de tomar uma atitude como aquela, eu deveria consultá-lo.

Eu sabia que tudo isso era para a minha proteção, porém, mais traumatizava que acalmava.

Depois de tomados os depoimentos, éramos reconduzidos para casa, e foi assim até concluírem a investigação e arquivarem o caso.

Quando voltava para Bauru, demorava semanas para me recompor, não saía de casa, por medo de estar sendo perseguido, mas também não queria ficar lá porque achava que eles chegariam e nos matariam.

Tinha muito medo, pensava que tinha obrigação de defender minha mãe e minha irmã, mas não encontrava forças para isso.

Em muitas noites, minha mãe precisava colocar o colchão na porta de entrada da casa onde morávamos para eu me sentir protegido e poder dormir um pouco.

Eu sempre acreditava que a qualquer momento eles me encontrariam. Além dos meus traumas, precisava lidar também com falta de perspectivas sobre o que faria na vida, pois tinha conhecimento apenas de assuntos relacionados ao computador.

Esse foi um período em que muitas empresas e bancos me procuraram para oferecer trabalho de segurança na internet. Sempre me procuravam, marcavam reuniões, conversávamos, eu mostrava as falhas em seus computadores e sistemas. Às vezes também simulava as invasões em seus aparelhos de celular e mostrava onde estava a fragilidade do sistema de segurança utilizado por eles.

Depois das reuniões, utilizavam as informações que eu havia fornecido, corrigiam suas falhas, mas o contrato de trabalho que haviam prometido nunca acontecia.

Esse tipo de comportamento me marcou profundamente, porque os empresários preferem trazer profissionais do exterior pagando muito caro, e assim impedem que o profissional daqui tenha real oportunidade de trabalho, mesmo tendo o mesmo conhecimento e capacitação que os estrangeiros.

Esse inferno fez parte de minha vida por quase dois anos.

E quando meu pai percebeu que as coisas estavam mais calmas em Curitiba, ele nos chamou de volta, estávamos todos juntos novamente!



O Recomeço

Decidi voltar a Bauru.

Lá eu tinha amigos e família. Seria um ótimo lugar para esquecer tudo

o que eu tinha vivido até então.

D

epois de tudo que aconteceu comigo, iniciei uma fase de buscas e descobertas sobre quem eu era de verdade e o que queria ser. Despertou em mim a necessidade de ser alguém, conquistar meu espaço por méritos próprios,

utilizar toda a capacidade que tinha para encontrar um trabalho que gostasse de fazer e que me desse o retorno financeiro que precisava. Busquei ser uma pessoa de sucesso na vida, só que agora de maneira honesta.

De início percebi que isso era muito mais difícil do que eu imaginava. Nesse país, infelizmente, a honestidade está meio fora de moda.

Não falo isso por demagogia, muito menos quero parecer hipócrita. Posso falar dessa maneira pois conquistei rapidamente muitas coisas cometendo fraudes. E com o meu trabalho honesto, demorei anos para conquistar o que possuo atualmente.

Percebo que demoro meses para ganhar o que ganhava antigamente em uma semana de trabalho. Mas mesmo assim não desisto. Acredito de verdade que aprendi a lição.

Mas vamos lá. Depois que parte da minha família parou de viver temporariamente em Bauru, voltamos para Curitiba, havia chegado o momento de me refazer. Não tinha mais Porto Alegre, não tinha mais vida fácil, não tinha mais dinheiro para esbanjar.

Voltei para Curitiba morando na casa com meus pais. Comecei a ajudá-lo no restaurante que ele possuía. Realmente eu tentei ajudá-lo, mas não conseguia me adaptar com esse trabalho. Além de não gostar de conviver com muita gente (e lá no restaurante sempre tinha várias pessoas, todas falando ao mesmo tempo, um tumulto, e isso me incomodava muito), tinha também o fato que esse era o negócio do meu pai, não era o meu negócio. Precisava descobrir o que eu queria fazer de verdade.

Encontrei um trabalho em uma empresa de comunicação e até me destaquei nele, mas eu não servia para ser empregado, ter horário preestabelecido, regras a serem cumpridas. Não consegui me adaptar a trabalhar dessa maneira.

Além das dificuldades que tinha de me encaixar em um trabalho, havia também outro problema, que para mim era muito mais complicado: eu não conseguia morar em Curitiba, eu não conseguia andar

tranquilamente pela cidade.

O que passei lá, os subornos, as ameaças, as perseguições, não saía da minha cabeça. Não me sentia em segurança.

Achei melhor ir morar e recomeçar a vida em outra cidade.

Decidi voltar a Bauru. Lá eu tinha amigos e família. Seria um ótimo lugar para esquecer tudo o que eu tinha vivido até então.

Chegando a Bauru, aluguei um pequeno apartamento próximo a USC⁹⁸ e fui morar sozinho. Comecei a sair nas ruas novamente com tranquilidade. Reencontrei amigos que não via há anos e principalmente voltei a sair e conviver mais de perto com meu primo Marcelo.

Nesse retorno, reencontrei também um colega de infância que não via há anos e que acabou se transformando em um grande amigo que me ajudou a superar muitas coisas e que continua comigo até hoje: o Carlos.

Relembrando como a gente se conheceu, lembro que éramos bem novos, ele era amigo do meu primo Marcelo, moravam no mesmo condomínio em Bauru. Eu já morava em Curitiba e vinha pra Bauru nas férias e ficava na casa do Marcelo, nessa época meu contato com ele era pouco.

Perdi o contato com esse pessoal, cada dia mais envolvido com a internet e me afastando das pessoas. Passaram-se muitos anos, e eu fiquei sem notícias deles. Agora com meu retorno a Bauru, reencontrei o Carlos, e nossa amizade começou a ficar mais forte, a gente começou a se conhecer melhor.

Ambos estávamos solteiro na época e saíamos e curtíamos muito, uma amizade de grande valor. Tínhamos uma excelente convivência sem interesse em nada, éramos verdadeiros amigos. Eu e o Carlos nos apoiávamos muito, falávamos de relacionamento, vida profissional, estudo, balada, família. Depois do Nilson, senti muita falta de um verdadeiro amigo. Eu e o Nilson perdemos contato devido às circunstâncias dos acontecimentos. O Carlos fez eu me lembrar de novo do quanto é importante termos pouco, porém um grande e verdadeiro amigo. Lembro-me de um acidente de carro que sofri na rodovia, bem próximo ao Posto Alameda, em que quase morri. O carro foi destruído, e eu saí com pequenos arranhões. Esse acidente acabou nos aproximando muito, eu estava arrasado e deprimido, estava perdendo aos poucos as poucas coisas que me restaram do tempo de luxo.

Nesses meus momentos de depressão e falta de dinheiro, era o Carlos que me fazia companhia e me ajudava. Fazíamos passeios mais econômicos ou ficávamos no apartamento com outros amigos jogando baralho e bebendo cerveja barata... Uma mudança...

Quando eu estava com algum dinheiro para gastar, íamos às cidades pequenas da região, e aí sim era a maior festa. Quando chegávamos com carrão importado e muito dinheiro para pagar cerveja para todo mundo, eu voltava a ser o DN de antes... Arrogante e esbanjador... Então, o Carlos me fazia voltar à realidade... Sempre me dizia: “menos Dani... Menos... Amanhã é outro dia”.

Com a convivência com o Carlos, percebi que ele ficava fascinado com a história que eu contava do meu trabalho em Porto Alegre. Ele ficava impressionado com todo o conhecimento que isso abrange,

de perceber o quanto éramos e ainda somos refêns da informática, como ela domina as pessoas sem a gente perceber.

Então, de uma certa forma, eu acabei o influenciando na escolha da carreira dele, a Ciência da Computação. Isso facilitou nosso relacionamento, pois agora tínhamos interesses em comum.

Apesar de eu ser bem fechado, nos identificamos bastante e começamos a fazer alguns trabalhos juntos.

Começamos a montar sites e formatar computadores para ganhar algum dinheiro, e com isso nós tínhamos sempre uma graninha. Eu me sustentava em Bauru com o dinheiro que meu pai me mandava e com esses trabalhos que fazíamos.

Até os dias de hoje, eu, o Carlos, o Alex e mais alguns amigos trabalhamos juntos em projetos relacionados à tecnologia da informática, trabalhamos juntos em vários projetos de aplicativos que quero ainda colocar no mercado.

Nessa fase da minha vida, reencontrei também a Flávia. Eu a conheci muito antes de vir morar em Bauru, ainda namorava a Carolina, e a gente se encontrava quando eu vinha passear na casa do meu primo Marcelo.

Depois de alguns anos, eu estava em Porto Alegre e estava na internet em uma sala de bate-papo, era bem de madrugada e eu a reconheci e a adicionei. Começamos a conversar. Nesse dia, eu estava um pouco alterado, tinha bebido um pouco a mais do que o de costume, e nossa conversa não caminhou legal.

Depois disso, mais uma vez, eu fiz uma loucura para chamar a atenção da Flávia. Eu estava em Bauru, ainda era *hacker*, e não parava de pensar nela.

Invadi o site da faculdade que ela fazia em Bauru e escrevi “Flávia, te amo”, uma declaração de amor para ela. Deixei no ar por um tempo, depois saí e deixei o site funcionando normalmente.

Ficamos muito tempo sem nos falar, mas eu sabia que ela ficava impressionada com as coisas que eu fazia. Ela sabia que eu era *hacker*, aliás, todo mundo em Bauru sabia o que eu era.

Quando me mudei para Bauru, a Flávia estava com um problema para resolver e me procurou. Ela chegou dizendo que tinha uma prima que estava precisando de ajuda. Essa prima tinha arranjado um namorado virtual, e elas estavam desconfiadas desse namorado, porque ele nunca aparecia, ele se dizia um homem perfeito, falava que era médico, que trabalhava em um hospital, que era um cara incrível, mandava foto, mas nunca aparecia nos encontros.

Sempre que eles marcavam encontro, ele desmarcava, nunca dava certo de se encontrarem. Já fazia muito tempo que eles estavam nesse relacionamento virtual, por causa disso a Flávia me pediu para ajudar a prima dela. Como eu estava interessado nela, achei um excelente pretexto para me aproximar.

Armamos todo um esquema no meu apartamento para hackear o cara, coloquei dois computadores e consegui descobrir algumas coisas. Poderia ter ido mais rápido para solucionar o problema, mas não era o que eu queria, fui bem devagar, ganhando tempo, valorizando meu trabalho. Percebi que a cada dia que a gente se encontrava para desvendar o misterioso namorado da prima, mais a gente se aproximava.

Invadi o e-mail do cara e consegui descobrir algumas coisas estranhas, que não se encaixavam na história que o suposto médico contava.

Em um determinado momento, nós descobrimos que não era um homem e sim uma mulher, que morava e trabalhava em Bauru, e enganava outras pessoas além da prima da Flávia.

Quando descobrimos tudo e eu a desmascarei, já não tinha mais desculpas para continuar encontrando a Flávia, mas como já estávamos muito próximos um do outro, continuamos a nos encontrar e acabou virando algo mais sério.

Começamos então a namorar. Tínhamos um namoro muito reservado. Além de namorados, éramos grandes amigos, compartilhávamos as coisas, nos ajudávamos e aprendíamos um com o outro. Foi uma fase diferente, mas muito importante.

Minha vida profissional estava se ajeitando, mas minha vida pessoal estava um pouco confusa.

Meu relacionamento com a Flávia era muito conturbado, enfrentávamos muitos problemas. A distancia e a incerteza do futuro nos preocupávamos muito.

Estávamos juntos naquele momento, mas em realidades muito diferentes. Tentávamos nos ajudar apesar de todas as dificuldades, nunca duvidamos do nosso sentimento, e ele nos fez continuar aceitando as diferenças pelo amor verdadeiro que nos movia naquele momento. Evoluímos juntos graças aos defeitos e qualidades que tínhamos.

Levo comigo uma grande lição que aprendi:

Eu me lembro uma vez que fomos a um restaurante, e na hora de pagar a conta me deram troco errado, me voltaram mais dinheiro do que deveriam ter voltado. Quando entramos no carro, eu contei a ela o que tinha acontecido achando o máximo. Ela olhou para mim me criticando, dizendo que eu estava errado, e me perguntou se eu tinha noção que a vantagem que eu tinha tido naquele momento teria que ser pago pelo caixa do restaurante, que aquele valor para mim não significava nada, mas para o funcionário poderia significar muita coisa.

Mas nessa época eu ainda estava muito confuso em quem eu era e quem eu deveria ser, ainda tinha vícios do meu passado. Com o passar do tempo, veio a convivência, e assim fomos nos formando. Sem dúvidas foi um grande aprendizado a ambos.

Acredito que certas coisas na vida tem que ocorrer, ela acreditava que Deus havia nos colocado juntos pra ajudarmos um ao outro.

Nosso relacionamento foi muito intenso, somos pessoas intensas. Além de namorados, nós nos

tornamos também grandes amigos, ao mesmo tempo em que ela me ajudava eu também a ajudava muito. Ela era uma pessoa muito inocente, confiava em todo mundo, era uma pessoa fácil de ser enganada.

Lembro-me de um episódio quando estávamos jantando de madrugada em um restaurante em Bauru. Eu sempre desconfiado, vi uma pessoa com atitudes estranhas, de alguma forma percebi que aquela pessoa estava mal-intencionada por algum motivo. A Flávia duvidou disso, mas mesmo assim resolveu me ouvir. Saímos de lá de uma forma muito sutil, e essa pessoa nos seguiu. Conseguimos despistar o cara e fomos embora. Acredito que nesse dia ela tenha aprendido que nem tudo é o que parece ser.

Eu continuava sendo uma pessoa desconfiada e reservada, não confiava em ninguém. Por causa dessas diferenças, nós nos identificamos e fomos ajudando um ao outro para corrigir esses nossos comportamentos radicais.

E com tudo isso começamos a viver a vida um do outro, eu vivia os problemas e conquistas dela, e ela as minhas.

Por motivos de trabalho, passei o ano de 2010 em Curitiba, mas vinha de quinze em quinze dias para Bauru para ver a Flávia e reencontrar meus amigos. Vinha de ônibus, que para mim era o maior sacrifício. Depois da vida que eu levei, ter que andar de ônibus era deprimente.

Chegar a Bauru era superlegal, eu me sentia tranquilo, me sentia em casa.

Na metade de 2011, não aguentava mais aquela vida de ficar viajando para ver a Flávia, de não ter onde ficar em Bauru. Quando eu vinha, eu dormia na casa do Carlos, sempre pedindo favor, não me sentia à vontade com isso, não queria mais essa vida. Decidi que alugaria um apartamento em Bauru, ficaria morando lá.

Meus pais concordaram e me ajudaram, porque sabiam que era difícil viver em Curitiba, o passado sempre me perseguiu naquela cidade, as lembranças ainda estavam muito fortes.

Então voltei a morar em Bauru.

Meu relacionamento com a Flávia estava balançado, ela resolveu ir terminar seus estudos em São Paulo, e achamos melhor terminar nosso namoro. Eu não queria mais namorar alguém que morava em outra cidade, já tinha tido a experiência quando namorávamos e eu morava em Curitiba e ela em Bauru, e sabia que isso não dava certo.

Nessa época, eu não esbanjava mais dinheiro, não pagava bebidas para todo mundo nas baladas, e muitos “amigos” interesseiros se afastaram. Mas se mantiveram ao meu lado os verdadeiros amigos, que sempre gostaram de mim pelo que eu era e não pelo que eu tinha.

Mesmo economizando, estava difícil me manter sozinho em Bauru, mas estava conseguindo.

Parecia que quanto mais eu tentava refazer minha vida, mais coisas ruins aconteciam. Estava

entrando em um novo processo de depressão, sem dinheiro, sem carro, sem a mulher que eu gostava, parecia que o mundo estava se virando contra mim novamente.

Foi quando meu pai, em uma negociação com meu tio, resolveu me chamar pra participar de um negócio em Curitiba. Eu topei, e juntos demos continuidade a um negócio já existente.

Mesmo estando a pouco tempo em Bauru, retornei a Curitiba com prazo de validade de um ano. Prometi à Flávia que voltaria em um ano. Nisso, ela também teria tempo pra concluir seus estudos em São Paulo, e aí sim poderíamos ficar juntos por inteiro.

Com essa nossa empresa, eu me tornei um empresário administrando um negócio junto com meu pai que já existia há vários anos. Sem dúvidas uma grande oportunidade familiar que recebi com muito responsabilidade, mas também com muito carinho e respeito ao meu pai e também aos meus tios, que me proporcionaram esse desafio.

Surgiu então a grande oportunidade que mudaria minha vida. Sempre acreditei que as coisas acontecem na hora certa, e esse era o verdadeiro momento de recomeçar, com maturidade e responsabilidade. Eu sabia que eu era uma nova pessoa.

Eu me agarrei a essa oportunidade, e em pouco tempo fiz a empresa prosperar e ser considerada uma das melhores do ramo em Curitiba.

Com o trabalho nessa empresa, eu me reaproximei do meu irmão Harison.

Ele veio trabalhar conosco, e nos tornamos grandes amigos e confidentes. Tive a oportunidade de conhecê-lo melhor e admirar sua honestidade, competência, determinação e, acima de tudo, pude tê-lo novamente como irmão e desfrutar das coisas boas que esse relacionamento familiar pode proporcionar.

Nessa época, minha família toda se uniu, esquecemos o passado e começamos a viver a vida de uma família normal, fazíamos as refeições todos juntos, conversando sobre o dia a dia, os negócios, os sonhos, o futuro. Minha vida era viver aqueles momentos, que eu considerava os melhores para mim.

Após esse ano, muitas coisas aconteceram, modificando minha vida para melhor, uma verdadeira maré de sorte, estava em um grande momento.

Comecei a manter o padrão de vida que sempre gostei de ter, adquiri bens materiais pelo esforço e pagamento do trabalho honesto que faço. Isso também era um desafio para mim.

Mas o prazo que dei a mim mesmo se esgotou e voltei para Bauru. Chegando a Bauru, continuei a conviver com os amigos e familiares que fui aprendendo a confiar durante todos esses anos de idas e vindas. Amigos que também estiveram comigo na minha fase difícil de recomeçar, que me ajudaram a entender que tudo o que eu passei era passado e que eu tinha um futuro pela frente e precisava recomeçar.

E foi o que eu fiz. Mesmo sendo proprietário de uma empresa em Curitiba, iniciei outros projetos, tomei gosto pela coisa e não consegui parar mais.

Tendo participações em áreas de ramo alimentício, de veículos e locações, sem dúvida alguma me sinto muito feliz e realizado com meu trabalho. Tenha muito respeito e carinho por meus familiares e amigos, e tomei como lema de vida uma frase que me faz valorizar tudo o que aconteceu comigo e todas as mudanças que ocorreram: “Deus não é um cara bom, ele é um cara justo”. Por isso, às vezes passamos por momentos tão difíceis e diferentes, mas acredito de verdade que as coisas são como têm que ser.

Com o meu retorno a Bauru, continuei a namorar a Flavia, e em um determinado período nos separamos com muito respeito um pelo outro. Seguimos caminhos diferentes, porém com muito carinho pela história que vivemos e entendendo que fomos importantes um para o outro no momento que deveríamos ser.

Hacker do Bem

Decidiu provar que era capaz de verdade.

D

epois

de contar tudo que eu passei sendo um *hacker*, achei importante mostrar a diferença entre mim e outros *hackers* que denominei como *Hackers* do bem”.

Para entender a diferença entre um *hacker* do bem e um que se envolve em crimes, é importante entendermos que os dois invadem por vocação, e na verdade a função real de ambos é descobrir falhas nos sistemas e em alguns casos tentar corrigi-los.

Alguns *hackers* fazem isso como trabalho, já outros, apenas como desafio, mas ambos possuem uma necessidade enorme de superação constante sobre os outros, buscam estímulos novos a todo momento.

No começo, os *hackers* atuam por prazer, por diversão, e conforme descobrem falhas no sistema, eles as usam para poder se destacar diante dos outros ou, em alguns casos, em busca de colocação no mercado de trabalho, mostrando essas falhas para que as empresas possam corrigi-las.

Acontece que no Brasil, nessa organização econômica, política e social que vivemos, ninguém oferece algum benefício para essas pessoas, porque não reconhece esse trabalho e nem o valoriza. A preferência é de trazer a mesma mão de obra de outros países, impedindo que o *hacker* brasileiro desenvolva seu trabalho.

Com isso, essas pessoas normalmente possuem duas vidas. Trabalham em empregos normais durante o dia, e à noite utilizam toda a inteligência e conhecimentos acumulados canalizando-os para invadir sistemas e descobrir suas falhas, ou seja, a grande maioria dos *hackers* possui a vida real e a vida virtual.

Nascem com esse dom. Se derem conta, seu processo de evolução será constante. Conforme se desenvolvem e se aperfeiçoam, vem a necessidade de usar todo o aprendizado com um propósito, não apenas como teoria ou simulação.

Quando chega nesse estágio é que o *hacker* precisa fazer uma escolha: continua apenas usando seu conhecimento como desafio, ou se aproveita dele para fraudar o sistema e conquistar bens materiais. Eu escolhi a segunda opção.

Mas mesmo assim tem aqueles que se mantêm firmes aos seus princípios. Não que não façam estrago, mas fazem as invasões apenas para chamar a atenção e mostrar a todo momento do que são capazes. Não ganham dinheiro com isso, mas causam um impacto social, político e, muitas vezes, econômico muito grande.

A população em geral sofre com esses ataques, porque um *hacker*, mesmo do bem, enfrentando um desafio, interrompe o sistema, derruba sites de prefeituras, governos, bancos, apenas para nos mostrar o quanto cada sistema é frágil.

E esses são pequenos exemplos apenas para mostrar como é perigoso confiarmos tantas informações pessoais aos computadores, o quanto dependemos atualmente de um sistema tão falho como é a internet. Somos reféns da era digital, estamos diretamente vinculados à internet, dependemos dela e vivemos em função dos computadores. Perdemos horas preciosas do nosso dia. Quando cai o sistema de conexão bancária e nossa agência fica sem comunicação, muitas vezes não conseguimos realizar os serviços bancários mais simples e comuns, como sacar ou transferir dinheiro.

Somos reféns da internet. Quando a polícia perde a conexão com o sistema integrado nacional de segurança, não consegue saber se um suspeito está com mandado de prisão em outro estado ou se o carro que foi apreendido é roubado ou não.

Aproveito esse capítulo para comentar de um caso que, para mim, é o exemplo mais claro de tudo isso que estou relatando.

Quando falo de *hacker* do bem, sempre me lembro de um grande amigo, o Pirata. Nós nos conhecemos há muitos anos, primeiramente no plano virtual e depois pessoalmente.

Hoje, quando nos encontramos, não tem como não relembrar as coisas que fizemos no passado.

Eu considero o ataque que ele fez em 2009 como o maior ataque de *hacker* já feito no Brasil. Ele pensa que não. O Pirata considera o meu ataque contra a Telemar o maior ataque realizado no Brasil.

Enfim, indiferente de qual tenha sido o maior, ambos, tanto eu quanto ele, fizemos um bom estrago. O que importa é que temos uma admiração mútua, ele pela superação que tive em minha vida, e eu, por ele nunca ter se corrompido.

Mas voltando ao ataque feito pelo Pirata em 2009.

Tudo começou quando ele soube que uma grande empresa de telefonia no Brasil estava analisando currículos para preencher uma vaga de técnico em redes na empresa.

Ele fez tudo corretamente, levou seu currículo até o departamento pessoal se candidatando a vaga, passou por uma entrevista e fez toda demonstração do que sabia a respeito daquela função.

Conversando com os funcionários da empresa, ficou sabendo que os conhecimentos que ele possuía iam muito além do que eles esperavam, muito superior às necessidades da empresa e que seria ótimo ter na equipe uma pessoa assim.

Solicitaram que o Pirata aguardasse o retorno da empresa, pois mesmo tendo gostado muito do teste dele, não tinham o poder de decisão, mas que com certeza ele seria contratado. Ele retornou para casa confiante e ficou à espera de uma resposta afirmativa.

Quando veio a resposta, ele foi informado que na análise de currículo, e que mesmo ele sendo

extremamente capaz, eles viram que ele não possuía diploma universitário, e que para ocupar a função era necessária a formação superior.

O Pirata não se conformou com a resposta negativa, não aceitava ter perdido o cargo apenas por não ter um diploma, mesmo tendo mostrado toda a sua capacidade.

Decidiu provar que era capaz de verdade.

Ele fez um estudo e identificou uma vulnerabilidade no NS da empresa, e atacou a empresa diretamente no seu ponto falho, o coração da empresa, deixando os serviços prestados pela mesma fora do ar durante uma semana.

Eles não conseguiram detectar a falha e buscaram mão de obra estrangeira para identificar o problema, que descobriu ser um ataque de *hacker*. Depois de uma semana solucionaram o problema.

A empresa foi penalizada e obrigada a restituir os usuários do estado de São Paulo que utilizavam esses serviços e se sentiram prejudicados com a interrupção do serviço e nos primeiros dias e nos dias seguintes ainda com muitas falhas, não estando à altura do que deveriam oferecer.

Na época, foi noticiado que a empresa teve um prejuízo de cerca de 150 milhões entre os serviços contratados para apurar as falhas e as indenizações a clientes. Esse exemplo eu considero o mais claro para mostrar o impacto que as ações de *hacker* provocam na sociedade.

Nesse caso, o Pirata usou de todo o seu conhecimento para provar seu valor, não ganhou dinheiro, foi apenas o desafio que o motivou, para mostrar que era melhor que todos que trabalhavam na empresa que não quis contratá-lo.

A maioria dos *hackers* são adolescentes e movidos pelo desafio, isso torna suas vidas mais instigantes. Conforme amadurecem, vão ficando ainda mais capazes, mas continuam a invadir só pelo prazer de invadir, prazer de tirar um grande site de notícias do ar, invadir sistemas que possuem informações importantes como o INFOSEG⁹⁹, interromper uma conexão utilizada por milhares de brasileiros só para chamar a atenção.

Quando se tornam adultos, eles invadem para mostrar que temos falhas enormes de segurança e percebem o poder que possuem nas mãos, descobrem tudo que são capazes. Nesse momento é que alguns se desviam para o lado da criminalidade.

Quando descobertos, são presos pela polícia e tratados como criminosos comuns. Não que não estejam fazendo algo errado, mas poderiam haver medidas sócio-educativas para reintegrar esse jovem à sociedade, prestando serviços para ajudar a prevenir a ação de outros *hackers* invasores.

Mas aqui no Brasil isso não acontece, aqui é bem diferente dos países de primeiro mundo. A Alemanha e os Estados Unidos, por exemplo, possuem programas muito interessantes para essas pessoas que são presas acusadas de cometer crimes virtuais.

O governo assume a reeducação dessa pessoa, instrui, educa, fornece acompanhamento psicológico e

transforma o *hacker* em uma pessoa com formação. Depois de formado, oferece trabalho para essa pessoa, as coloca a serviço da segurança contra ataques futuros. Eles são conhecidos como antihackers¹⁰⁰.

O Brasil também poderia ser desenvolvido nessa área. Os *hackers* brasileiros estão entre os melhores do mundo. Só não somos melhores porque nós não temos apoio, e temos problemas enormes na educação, que não nos possibilita um aprendizado de qualidade. Já saímos em desvantagem por não falarmos inglês, por isso demoramos muito mais para dominarmos os sistemas que foram criados em outros países.

Se o Brasil desse mais atenção ao trabalho do *hacker* e o usasse para o bem, teríamos muito menos falhas nos

serviços e muito mais tranquilidade e segurança para o usuário final, que é a maioria da população.

Considerações Finais

E os reconhecessem para ajudá-los, e não para puni-los.

S

Segundo noticiado pelo Jornal “Folha de São Paulo”¹⁰¹ em 02 de dezembro de 2005, toda a organização envolvida na operação denominada Ponto Com, com 39 integrantes, foi desmantelada e acusada de desviar mais de 60

milhões de reais.

Neste livro, procurei mostrar meu envolvimento na organização. Relatei também um pouco da minha vida, meus sonhos e minha realidade. Mas também procurei mostrar uma pequena visão do certo e do errado, da progressão da ambição, da falta de escrúpulos, e do retorno à vida com dignidade. Essa é a história de quem já viu o outro lado da moeda, uma vida escrita pelos moldes do capitalismo, da ganância, do medo e da solidão.

Por um longo tempo, fui escravo do dinheiro, nem sempre medindo esforços para atingir objetivos. De certa maneira, uma vítima social, vítima de novelas de ficção, vítima de bullying.

Uma criança sendo ensinada por adultos a fazer de tudo para conquistar bens materiais. Aprendi muito cedo que somos uma sociedade movida ao “quanto mais temos, mais seremos respeitados” e não ao “quanto mais somos, mais seremos reconhecidos”.

Nós nos esquecemos que devemos admirar o ser humano pelo que é e não pelo que possui. Muitas das pessoas envolvidas nessa operação eram boas, já possuíam um patrimônio considerável, mas a ganância falou mais alto.

Por isso, agentes da lei se corromperam, empresários fraudaram, jovens talentos promissores se desviaram, tudo por dinheiro.

Imagine toda essa força usada para o bem?

Imagine esses jovens produzindo para aumentar a competitividade do país. Mas não, nossa sociedade julga apenas quem tem, julga os que são. Somos o que temos e não o que somos, é só isso que importa.

Acredito que a sociedade, os empresários, os políticos, os formadores de opinião, na realidade todos nós, precisam ter uma visão diferente, uma visão mais humana. Se eu tivesse tido a chance de mostrar meu trabalho na época para produzir para o bem, com certeza não teria vivenciado tudo isso.

Precisamos definir melhor nossos objetivos, ou todo esse capitalismo irá acabar conosco. Não que eu seja contra termos boas condições de vida, mas com dignidade e com equilíbrio. Tudo o que eu vivi e passei me mostra isso.

Quando decidi falar sobre a minha vida, foi na esperança de que as pessoas prestassem atenção nessa obra e reconhecessem jovens como eu fui. E os reconhecessem para ajudá-los, e não para puni-los.

Nem todos têm a mesma sorte que eu tive, porque bons amigos me ajudaram, uma família que apoiou e me amparou, e sempre Deus ao meu lado, que me amou incondicionalmente e nunca me desamparou.

Mas sou uma vitória em meio a muitas derrotas.

Às vezes imagino uma guerra virtual ou um terrorismo virtual. Vemos todos os dias ataques sendo feitos em grandes organizações governamentais ou não, empresas como PayPal, CIA, NASA, etc., sendo atacadas com sucesso.

E se esses ataques fossem em uma de nossas usinas, nas nossas centrais de comunicação, no controle de tráfego aéreo, ou no controle de abastecimento de água. Será que o nosso país está pronto? Estamos tão preocupados com outras coisas, deveríamos refletir mais sobre esses assuntos. Tenho esperança e fé, creio em Deus que iremos evoluir, mas precisamos ter mais consciência.

Empresários, políticos, formadores de opinião, somos o reflexo de quem nos vê, somos espelho para os mais jovens. Então, vamos fazer diferente, vamos fazer certo e formar pessoas de bem.

E encerro com uma frase que levo comigo em tudo o que eu faço e vou fazer em minha vida:
“A vida é como um restaurante, não importa o quanto você coma ou beba, no final, a conta chega e você terá que pagar.” *Daniel Lofrano Nascimento*

Saiba mais

Spam zombies são computadores de usuários finais que foram comprometidos por códigos maliciosos em geral, como *worms*, *bots*, vírus e cavalos de troia. Estes códigos maliciosos, uma vez instalados, permitem que spammers utilizem a máquina para o envio de spam, sem o conhecimento do usuário. Enquanto utilizam máquinas comprometidas para executar suas atividades, dificultam a identificação da origem do spam e dos autores também. Os spam zombies são muito explorados pelos spammers, por proporcionar o anonimato que tanto os protege.

Data Center – Centro de Processamento de Dados (CPD) é o local onde são concentrados os equipamentos de processamento e armazenamento de dados de uma empresa ou organização. Também conhecidos pelo nome em inglês, Data Center.

Wi-Fi – também escrito Wifi, é uma tecnologia sem fio de área local, que permite que um dispositivo eletrônico faça troca de dados ou se conecte à internet.

Google – empresa multinacional de serviços on-line e *software* dos Estados Unidos. O Google hospeda e desenvolve uma série de serviços e produtos baseados na internet e gera lucro principalmente através da publicidade.

MIRC – é um cliente de IRC, criado para o sistema operacional Microsoft Windows, com a finalidade principal de ser um programa de *chat*, utilizando o protocolo IRC, onde é possível conversar com milhões de pessoas de diferentes partes do mundo.

IRC Services – um nome para um conjunto de funcionalidades implementadas em muitos modernos Relay Chat, redes de internet. Os serviços são automatizados com estatuto especial, que são geralmente usados para fornecer aos usuários acesso a determinados privilégios e proteção. Eles costumam implementar algum tipo de sistema de *login* para que apenas as pessoas na lista de controle de acesso possam obter esses serviços.

Notas

1 - **Vibe** – termo em inglês que significa vibração. A palavra é utilizada de maneira informal, geralmente por jovens e adolescentes. A *vibe* de uma pessoa é a vibração ou sensação que uma certa pessoa ou ação transmite.

2 - **Robinson Crusoe** – romance escrito por Daniel Defoe e publicado originalmente em 1719 no Reino Unido. A obra é a autobiografia fictícia do personagem-título, um naufrago que passou 28 anos em uma remota ilha tropical próxima a Trinidad, encontrando canibais, cativos e revoltosos antes de ser resgatado.

3 - **Anorexia nervosa** – disfunção alimentar caracterizada por uma rígida e insuficiente dieta alimentar, caracterizando em baixo peso corporal. A anorexia nervosa é uma doença complexa, envolvendo componentes psicológicos, fisiológicos e sociais. Ela afeta principalmente adolescentes. Cerca de 1 em cada 300 habitantes de países desenvolvidos já foram diagnosticados com anorexia.

4 - **Sonambulismo** – transtorno do sono mais comum entre crianças e adolescentes. Dormindo, a pessoa levanta durante a noite, anda sem rumo, abre e fecha portas e janelas e ainda conversa.

5 - **Timer** – termo em inglês utilizado para significar um temporizador, no caso mencionado, medidor de tempo manual. 6 - **Corsa** – modelo de automóvel da General Motors (Chevrolet) comercializado na América Latina e em alguns países da Ásia.

7 - **Tilibra** – empresa localizada na cidade de Bauru, estado de São Paulo, fabricante brasileira de cadernos e outros materiais escolares. Fundada em 1928 por João Batista Coube. A empresa pertenceu à família Coube até 2004, e atualmente pertence a ACCO Brands. Emprega cerca de mil profissionais na cidade de Bauru, onde estão instaladas duas unidades industriais e a parte administrativa. 8 - **Linux** – é um sistema operacional, programa responsável pelo funcionamento do computador, que faz a comunicação entre *hardware* (impressora, monitor, mouse, teclado) e *software* (aplicativos em geral).

9 - **Abril Cultural** – foi uma divisão do Grupo Abril fundada em 1968, sendo responsável pelo lançamento de mais de 200 fascículos, livros e discos no mercado editorial brasileiro. Foi transformada em 1982 na Editora Nova Cultural, passando a ser controlada pelo holding CLC (Comunicações, Lazer e Cultura).

10 - **Som Livre** – gravadora musical brasileira. Foi fundada em 1969 com a finalidade de desenvolver e comercializar trilhas sonoras de novelas produzidas pela Rede Globo, e pertence a SIGLA (Sistema Globo de Gravações Audiovisuais Ltda). Seu fundador e presidente é o produtor musical João Araújo. 11 - **UOL** – Universo Online é um provedor de conteúdo e um provedor de acesso à Internet brasileira, criado pela empresa Folha da Manhã, que edita o jornal Folha de S. Paulo. O UOL é atualmente o portal de internet brasileiro com maior índice de audiência, sendo superado em número de acessos no Brasil somente pelo Google, pelo Facebook e pelo YouTube.

12 - **Nickname** – apelido usado para identificação de usuários na internet, em programas de bate-papo ou mensagem instantânea.

13 - **Webcam** – é uma câmera de vídeo de baixo custo que capta imagens e as transfere para um computador. Pode ser usada para

videoconferência, monitoramento de ambientes, produção de vídeo e imagens para edição, entre outras aplicações.

14 - **BrasIRC** – primeira rede de IRC brasileira. O domínio primário é BrasIRC.com.br, tendo sido registrado em 16 de novembro de 1996. Após cerca de dois anos em atividade, houve conflitos em sua administração, resultando em uma separação da rede e criação de duas novas redes, a BrasNet e a BrasIRC.Net.

15 - **Hackear ou raquear** – verbos que costumam ser usados para descrever modificações e manipulações não triviais ou não autorizadas em sistemas de computação. 16 - **Hacker** – indivíduo que se dedica, com intensidade incomum, a conhecer e modificar os aspectos mais internos de dispositivos, programas e redes de computadores. Graças a esses conhecimentos, um hacker frequentemente consegue obter soluções e efeitos extraordinários, que extrapolam os limites do funcionamento “normal” dos sistemas como previstos pelos seus criadores; incluindo, por exemplo, contornar as barreiras que supostamente deveriam impedir o controle de certos sistemas e acesso a certos dados.

17 - **Crackers** – são *hackers* que usam seu conhecimento para fins imorais, ilegais ou prejudiciais. Suas motivações são muito variadas, incluindo curiosidade, necessidade profissional, vaidade, espírito competitivo, patriotismo, ativismo ou mesmo crime.

18 - **BrasNET** – uma das principais redes nacionais de Internet Relay Chat (IRC), teve suas operações encerradas após 11 anos de funcionamento. Concorrente direta da BrasIRC, que dividia o topo dos acessos de IRC no Brasil.

19 - **IRC** – Internet Relay Chat é uma camada de aplicação do protocolo que facilita a transferência de mensagens na forma de texto. O processo de chat funciona em um modelo cliente/servidor de rede. Clientes de IRC são programas de computador que um usuário pode instalar em seu sistema. Esses clientes são capazes de se comunicar com os servidores de bate-papo para a transferência de mensagens para outros clientes.

20 - **EFnet** – ou ErisFree network é uma rede de IRC, um protocolo de comunicação para a internet.

21 - **Ranking** – processo de posicionamento de itens de estatísticas individuais, de grupos ou comerciais, na escala ordinal de números, em relação a outros.

22 - **Exploit Vulnerability Database** – plataforma que visa a recolha, manutenção e divulgação de informações sobre vulnerabilidades descobertas que visam sistemas de computadores reais. Vários fornecedores de segurança também fornecem bases de dados de vulnerabilidades comerciais, empregando analistas em tempo integral para pesquisar e publicar informações de vulnerabilidade. 23 - **Half-Life 1.5 e Counter-Strike** – também abreviado por CS, é um popular jogo de computador, mais especificamente um *mod* de Half-Life para jogos online. O Counter-Strike foi um dos responsáveis pela massificação dos jogos por rede no início do século.

24 - **Snifava** – *Sniffing* em rede de computadores é o procedimento realizado por uma ferramenta conhecida como *Sniffer*. Essa ferramenta, constituída de um *software* ou *hardware*, é capaz de interceptar e registrar o tráfego de dados em uma rede de computadores. Conforme o fluxo de dados que trafega na rede, o *sniffer* captura cada pacote e eventualmente decodifica e analisa o seu conteúdo de acordo com o protocolo definido em um RFC ou uma outra especificação. O *sniffing* pode ser utilizado com propósitos maliciosos por invasores que tentam capturar o tráfego da rede com diversos objetivos, dentre os quais podem ser citados: obter cópias de arquivos importantes durante sua transmissão e obter senhas que permitam estender o seu raio de penetração em um ambiente invadido ou ver as conversações em tempo real.

25 - **DDoS** – ataque de negação de serviço, é uma tentativa de tornar os recursos de um sistema indisponíveis para seus utilizadores. Alvos típicos são servidores web, e o ataque também é conhecido por realizar alguns dos mais badalados eventos sociais do Brasil, aparecendo frequentemente nas mais renomadas publicações e colunas sociais do país. 35 - **Hotel Master Cidade Baixa** – empresa líder em hotéis em Porto Alegre, com nove unidades em diversos locais estratégicos da cidade e um total de 1479 apartamentos. O Master Cidade Baixa está localizado no bairro mais boêmio da Capital gaúcha. Situa-se perto do Parque Farroupilha, uma das áreas mais arborizadas da capital.

36 - **Pitty** – Priscilla Novaes Leone, nasceu em Salvador e é uma cantora brasileira de rock. Já passou por duas bandas antigas, Inkoma e Shes, e em 2003, com nova banda (Pitty), a cantora adotou definitivamente seu nome artístico. 37 - **Stratus** – é um sedan de porte médio-grande da Dodge-Chrysler, tem bastante espaço e se caracteriza pela maciez da suspensão e pela quantidade de itens de conforto. 38 - **Big Boss** – Termo em inglês utilizado para denominar uma pessoa considerada o patrão, ou o grande chefe. 39 - **Notebook** – ou laptop é um computador portátil, leve, projetado para ser transportado e utilizado em diferentes lugares com facilidade.

40 - **VAIO** – marca de notebooks, produzida pela Sony. A palavra “VAIO” vem da sigla Video Audio Integrated Operation (Operação Integrada de Áudio e Vídeo). Desde 2008, para celebrar 10 anos do padrão VAIO, seu nome foi mudado para Visual Audio Intelligence Organizer (Organizador Inteligente de Áudio e Vídeo), fazendo referência ao desenvolvimento de software para caixa de som e webcam embutidos.

41 - **Motorola V300** – quarto celular mais vendido da história, com aproximadamente 110 milhões de unidades comercializadas. Foi originalmente criado em 2004 para atender a um público pequeno, tendo um preço inicial elevado. Tinha um forte apelo no design, com espessura bastante fina e teclado desenhado a laser.

42 - **Check-in** – nomenclatura usada pela rede hoteleira para identificar a entrada do hóspede em um hotel. É composto pela verificação de reserva, o preenchimento do boletim de ocupação hoteleira, a apresentação das acomodações e a entrega da chave das mesmas ao hóspede. 43 - **Johnnie Walker** – marca de uísque escocês, pertencente à Diageo e é produzido em Kilmarnock, condado de

administrada pelo Instituto Ambiental do Paraná (IAP) e possui um restrito programa de manejo. Não é permitida a tração animal ou a motor na ilha. Existem muitas áreas onde não é permitida a presença de visitantes.

56 - **Pontal do Sul** – balneário brasileiro pertencente ao município de Pontal do Paraná, situado a cerca de 130 km de Curitiba, Paraná. Também recebe águas da Baía de Paranaguá, onde estão instalados o Iate Clube e também a saída das barcas que levam à Ilha do Mel.

57 - **BR-277** – rodovia federal inaugurada em março de 1969 e tem 730 km de extensão, com início no Porto de Paranaguá e término na Ponte da Amizade, em Foz do Iguaçu. 58 - **Hotéis Ibis** – empresa hoteleira internacional, de propriedade da Accor Hotels. Em 21 de janeiro de 2014, a empresa abriu o 1000º Ibis Hotel em Surabaya, Indonésia. 59 - **InterCity** – é uma rede de hotéis brasileira, com sede em Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul. A rede possui hotéis próprios, bem como administra hotéis de outros proprietários. É a pioneira e inovadora no segmento de hotelaria executiva no Brasil. Hoje possui 25 hotéis espalhados por 16 cidades no Brasil e Uruguai.

60 - **Ginásio Gigantinho** – ginásio poliesportivo brasileiro, situado na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Está integrado ao Complexo do Estádio Beira

-Rio, do Sport Club Internacional. Nele está localizada a sede da FECI (Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional). Foi inaugurado em 4 de novembro de 1973 e apresenta capacidade de até 14.000 pessoas. No Gigantinho, são realizados jogos de futsal, além de eventos musicais, culturais e educacionais.

61 - **Pearl Jam** – banda norte-americana de rock alternativo, formada no ano de 1990 em Seattle, Washington. Uma das bandas-chave do movimento grunge dos anos 90, o Pearl Jam foi criticado em seu início, sendo estereotipado como um grupo com propósitos somente comerciais. Todavia, através da carreira da banda, seus membros se tornaram notados pela sua recusa por aderir às tradicionais práticas da indústria musical, incluindo a recusa em produzir vídeos e o engajamento em um boicote contra a Ticketmaster. Desde sua formação, a banda já vendeu mais de 60 milhões de álbuns em todo o mundo. 62 - **Marky Ramone** – De nome verdadeiro Marc Bell, nasceu em 15 de julho de 1956, Brooklyn, Nova York, e 71 - **BMW Z3** – primeiro conversível da BMW com uma proposta um pouco mais simples, a fim de atender um grande mercado consumidor que desejava um veículo acessível e que transmitisse prazer ao dirigir.

72 - **CB (Sangue Bom)** – música de Marcelo D2. 73 - **Celebridade** – telenovela brasileira produzida pela Rede Globo e exibida originalmente de 13 de outubro de 2003 a 25 de junho de 2004. Foi escrita por Gilberto Braga, direção geral de Dennis Carvalho e Marcos Schechtman.

74 - **007** – também conhecido como James Bond, é um agente secreto fictício do serviço de espionagem britânico MI-6, criado pelo escritor Ian Fleming em 1953. O personagem já foi tema de um seriado de televisão nos Estados Unidos antes de chegar aos cinemas. Hoje, todos os 23 filmes oficiais do agente James Bond arrecadaram \$5.089.726.104 dólares em bilheteria, se tornando a segunda franquia mais lucrativa de todos os tempos. 75 - **Hugo Boss** – sinônimo de elegância e luxo, a Hugo Boss é um produto “Made in Germany” altamente respeitado no mundo da moda. Seus produtos vão desde coleções de roupas a óculos, perfumes, sapatos e relógios. Estão disponíveis em 124 países através de 1.500 lojas da grife (somadas as unidades próprias, franqueadas e parcerias) e em mais de 5 mil lojas de departamento e multimarcas.

76 - **Omega Seamaster** – relógio produzido desde 1948, um Omega Seamaster é produzido em aço inoxidável e pulseira gravada com o símbolo da Omega, resistente à água. O Omega tem sido associado aos filmes do James Bond desde 1995. Naquele ano, Pierce Brosnan assumiu o papel de James Bond e começou a usar o Omega Seamaster. Os produtores queriam atualizar a imagem do “superespão” para uma mais distintamente sofisticada. 77 - **Matrix** – produção cinematográfica estado-unidense e australiana de 1999 dos gêneros de ação e ficção científica. O filme foi dirigido pelos irmãos Wachowski e protagonizado por Keanu Reeves e Laurence Fishburne. Foi lançado em março de 1999. Matrix custou 65 milhões de dólares e rendeu mais de 456 milhões. Entrou para a lista dos filmes mais vistos da história.

78 - **BMW 550** – carro de luxo fabricado pela marca alemã BMW desde 1972. O carro está agora em sua sexta geração. É o segundo modelo mais vendido da BMW, logo atrás do Série 3, e em 2010 produziu cerca de 50% dos lucros da BMW.

79 - **Cartier SA** – empresa francesa que produz objetos de luxo, como relógios e joias. Foi criada em Paris, em 1847, por Louis-François Cartier, e tornada célebre por 89 - **Parque Barigui** – situado na cidade de Curitiba, capital do Paraná. Recebe o nome do rio Barigui, que foi represado para formar um grande lago em seu interior. Está entre os maiores da cidade, sendo também um dos mais antigos.

90 - **Shopping Estação** – Shopping Center de Curitiba, localizado em uma antiga estação ferroviária, foi inaugurado em 1997 e conta com cerca de 150 lojas, dois teatros e um museu, dez salas de cinema, uma praça de alimentação e um dos mais completos e modernos centros de convenções da América Latina: o Estação Convention Center. 91 - **Intuição** – processo pelo qual os humanos passam, às vezes e involuntariamente, para chegar a uma conclusão sobre algo. Na intuição, o raciocínio que se usa para chegar à conclusão é puramente inconsciente, fato que faz muitos acreditarem que a intuição é um processo paranormal ou divino. Apesar de já existirem muitas teorias sobre o assunto, nenhuma é dada ainda como definitiva. A intuição leva o sujeito a acreditar com determinação que algo poderá acontecer.

92 - **Hotel InterCity Porto Alegre** – localizado na região central de Porto Alegre, perto do Shopping e o do centro histórico de Porto Alegre.

93 - **A Paixão de Cristo** – filme norte-americano de 2004, do gênero drama bíblico, dirigido por Mel Gibson. 94 - **Meriva** – minivan compacta fabricada pela Chevrolet no Brasil e pela Opel na Europa.

95 - **COT** – Comando de Operações Táticas, unidade de operações especiais e Contra-Terrorismo da Polícia Federal do Brasil.

- 96 - **C4** – um dos explosivos com a maior velocidade de detonação conhecida.
- 97 - **C-130 Hércules** – Avião de carga da Força Aérea Brasileira construído em 1951. É responsável por transporte de pessoal e carga.
- 98 - **USC** – Universidade do Sagrado Coração. Universidade católica com 60 anos de existência completados em outubro de 2013. A USC Bauru possui mais de sete mil estudantes entre os mais de 25 cursos de graduação e pósgraduação.
- 99 - **INFOSEG** – uma rede que reúne informações de segurança pública dos órgãos de fiscalização do Brasil, através do emprego da Tecnologia da Informação e Comunicação. Tal rede tem por objetivo a integração das informações de Segurança Pública, Justiça e Fiscalização, como dados de inquéritos, processos, de armas de fogo, de veículos, de condutores e de mandados de prisão.
- 100 - **Anti-Hacker** – alguém que trabalha para evitar a ação negativa de outros *hackers*. São utilizados por empresas para proteger o sistema contra a invasão de *hackers* em suas redes.
- 101 - <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0212200526.htm>

que tenta tornar as páginas hospedadas indisponíveis na WWW (World Wide Web). Não se trata de uma invasão do sistema, mas sim da sua invalidação por sobrecarga.

26 - **Telemar** – foi uma empresa de telefonia que funcionou de 1998 até 2007, quando se transformou em Oi. O nome Telemar vem de TELE, telefonia, o serviço que a empresa presta, e MAR, a região no qual a operadora atua, que é o litoral sudeste, nordeste e norte do Brasil.

- 27 - **Spam** – termo usado para referir-se aos e-mails não solicitados, que geralmente são enviados para um grande número de pessoas.
- 28 - **Engenharia social** – em segurança da informação, se refere a prática de interações humanas para que pessoas revelem dados sensíveis sobre um sistema de computadores ou de informações. Este é um termo que descreve um tipo não-técnico de intrusão que depende fortemente de interação humana e envolve enganar outras pessoas para quebrar procedimentos de segurança.
- 29 - **Link** – ligação entre documentos na Internet. Podem ser ligações de um texto para outro texto, imagem, som ou vídeo (ou vice-versa). Um clique em um LINK te conduzirá automaticamente para o documento “linkado” (ligado). Atalho.
- 30 - **Keylogger** – vírus de computador que vem sendo desenvolvido por programadores que, tal como um vírus biológico, infecta o sistema, faz cópias de si mesmo e tenta se espalhar para outros computadores, utilizando-se de diversos meios. A maioria das contaminações ocorre pela ação do usuário, executando o arquivo infectado recebido como um anexo de um e-mail.

- 31v **Audi S2** – sedan médio da Audi que pertence ao Grupo Volkswagen AG, com quem compartilhou carrocerias.
- 32 - **Marea** – automóvel fabricado pela Fiat entre 1996 e 2008. O destaque deste carro ficou por conta da versão *2.0l 5 cilindros Turbo*, nele a potência desenvolvida era muito maior.
- 33 - **Bon vivant** – frase pseudo-francês adaptada para o Inglês, em meados do século 19, inspirado no francês “aquele que vive bem” *bon vivant*, ou seja, referindo-se a uma pessoa que aprecia as coisas boas da vida.
- 34 - **Hotel Copacabana Palace** – luxuoso e famoso hotel localizado em frente à Praia de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Na atualidade, o Copacabana Palace permanece como um dos mais importantes estabelecimentos hoteleiros da cidade e do Brasil, disponibilizando duzentos e vinte e seis apartamentos e suítes. É bastante conhecido em todo o Brasil por hospedar as celebridades internacionais que visitam a cidade do Rio de Janeiro. Além disso, o hotel
- Ayrshire, Escócia. É a marca de uísque mais distribuída no mundo, vendida em quase todos os países, com vendas anuais de cerca de 130 milhões de garrafas.
- 44 - **Golf** – automóvel fabricado pela Volkswagen. Foi lançado no mercado brasileiro em 1995 e foi na época o carro de maior sucesso de vendas na história da Volkswagen.
- 45 - **Jurerê Internacional** – localizado no Norte da Ilha de Santa Catarina, em Florianópolis, é um empreendimento imobiliário, um residencial e resort desenvolvido pelo Grupo Habitasul, ao lado da praia de Jurerê Tradicional. É hoje referência em urbanização orgânica e sustentabilidade para todo o País.
- 46 - **Mitsubishi L200** – pick-up mais popular da Mitsubishi Motors. Possui uma estrutura média e é equipada com um motor 2500 DI-D. Estreou no mercado em 1978. É fabricada também no Brasil em Catalão, Goiás.
- 47 - **Praia dos Ingleses** – situada no bairro de Ingleses, norte da Ilha de Santa Catarina, no município de Florianópolis, capital do estado brasileiro de Santa Catarina. É uma praia com 4,83 km de extensão, mar aberto, águas azuis e mornas e com poucas ondas, com muita areia, onde inclusive é praticado o surf de areia (*sandboard*).
- 48 - **Want You Bad** – música da banda estadunidense The Offspring, lançada em 2000 pela gravadora Columbia Records. A canção faz parte da trilha sonora do filme *American Pie 2*.
- 49 - **O Rappa** – banda brasileira conhecida por suas letras de forte impacto social. Embora seja de início principalmente rock, a banda também incorporou elementos de samba, rap e MPB.
- 50 - **Jota Quest** – banda de pop rock formada em Belo Horizonte, em 1993.
- 51 - **Skank** – banda brasileira de reggae e pop rock formada em 1991 na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais.
- 52 - **Audi RS2** – perua de passeio lançada pela Audi AG em 1995.
- 53 - **Café Curaçao** – bar, restaurante e casa de shows em Guaratuba, litoral paranaense, com capacidade para 10 mil pessoas.
- 54 - **Hotéis Candeias** – rede de hotéis que oferece estrutura completa para quem busca conforto no litoral do Paraná.
- 55 - **Ilha do Mel** – ilha brasileira situada na embocadura da Baía de Paranaguá, no estado do Paraná. A ilha é tornou-se conhecido por ser o baterista da banda de punk rock Ramones, substituindo Tommy Ramone, que saiu da banda em 1978.
- 63 - **Ramones** – banda norte-americana de punk rock formada em Forest Hills, no distrito de Queens, Nova York, no ano de 1974.

É considerada precursora do estilo e uma das bandas mais influentes e importantes da história do rock. Ao longo de seus 22 anos de existência, os Ramones totalizaram

2.263 apresentações ao redor do mundo. O último show foi realizado em Los Angeles, Califórnia, em 6 de agosto de 1996. Em 2 de março de 2002, a banda foi incluída no Salão da Fama do Rock and Roll. Em 2004, a revista *Rolling Stone* elegeu as cem maiores personalidades dos primeiros cinquenta anos do rock, ficando os Ramones em 26º lugar, e em 2011 a banda recebeu o prêmio Grammy Lifetime Achievement Award, que premia o artista por toda a sua obra.

64 - **Ford Courier** – picape pequena derivada do Ford Fiesta, compacto que chegou ao Brasil em 1995, importado da Espanha e que em 1996 começou a ser produzido no país. A Courier é uma substituição à robusta Pampa.

65 - **Marcelo D2** – Marcelo Maldonado Gomes Peixoto, nasceu no Rio de Janeiro, no dia 5 de novembro de 1967. É um rapper brasileiro, foi vocalista da banda Planet Hemp e hoje segue em carreira solo. Célebre por misturar o samba com a *black music*. Seu apelido veio na época em que seu filho Stephan tinha 2 anos: Marcelo costumava andar com o número 2 no peito, e por achar que seu apelido antigo, Marcelo Genciana, seria um nome artístico estranho, escolheu Marcelo D2.

66 - **Chalaça** – bar e casa de show inaugurada em 2003 em Porto Alegre, conta com ambientes climatizados, acesso a deficientes e área externa para fumantes.

67 - **MTV** – canal de televisão a cabo e satélite com o propósito original de exibir videocliques apresentados por personalidades conhecidas como “videojockeys”, ou VJs.

68 - **The Black Eyed Peas** – é um grupo de hip hop e de música eletrônica formado em Los Angeles, Califórnia em 1995. O grupo é composto por Will.I.Am, Apl. de.ap, Taboo e Fergie.

69 - **Pathfinder** – utilitário esportivo de luxo fabricado pela marca japonesa Nissan com capacidade para sete pessoas, incluindo o motorista.

70 - **Cherokee** – SUV compacto que foi desenvolvido e produzido pelo Jeep, divisão da American Motors, e continuou a ser construído e comercializado pela Chrysler depois de 1987.

seu filho Louis Cartier. Atualmente, faz parte do grupo suíço Richemont.

80 - **BMW 318** – carro da série 3 da BMW fabricado de 1990 a 1998, tendo sido oferecido com carroceria *coupé*. Essa geração é até hoje considerada um dos maiores sucessos da BMW.

81 - **Audi A4** – carro de modelo médio introduzido pela Audi em 1994 como substituto do Audi 80. O modelo foi construído sobre a plataforma da Volkswagen, também utilizada na quinta geração do Volkswagen Passat. O A4 foi inicialmente introduzido como um sedan de quatro portas; o Avant station wagon chegou um ano depois.

82 - **Nextel Telecomunicações** – subsidiária brasileira da NII Holdings, Inc, empresa de serviços de comunicação móvel, cuja matriz está sediada nos Estados Unidos, onde iniciou operações em 1987. A origem do nome é “Next” (em inglês significa próximo, posterior, próxima geração) e “tel” de telefone. No Brasil, o início das operações deu-se em 1997 com o sistema de rádio. A partir de 2010, a empresa foi autorizada pela Anatel a ingressar no Serviço Móvel Pessoal (SMP), obtendo licenças para cobertura nacional de voz e dados de telefonia celular de terceira e quarta gerações.

83 - **BMW 540 e BMW 550** (Nova série 5 da BMW) – foi um dos carros de luxo mais confiáveis do mercado. Ele também foi considerado um dos carros mais seguros para as estradas durante a sua produção, oferecendo *airbags* e uma estrutura corporal muito rígida para proteger os ocupantes em caso de acidente.

84 - **F-250** – picape produzida pela Ford do Brasil desde 1999, quando substituiu a F-1000, e descontinuada em 2012 para dar lugar a nova Ranger.

85 - **Audi A3** – Carro hatch médio de motor dianteiro transversal e tração dianteira ou integral, feito sobre a plataforma do VW Golf. Ele vem sendo produzido desde 1996, na Alemanha, e tinha a missão de ser o modelo de entrada da marca Audi no Brasil, reconhecida por seu padrão de qualidade e refinamento de luxo.

86 - **Itapoá** – pequena cidade na parte norte do estado de Santa Catarina, Brasil. Faz fronteira com os municípios de São Francisco do Sul, no sul, e de Garuva, no leste. No norte, faz fronteira com o estado do Paraná.

87 - **Paralamas do Sucesso** – banda de rock formada no Rio de Janeiro no final dos anos 70. Seus integrantes desde 1982 são Herbert Vianna (guitarra e vocal), Bi Ribeiro (baixo) e João Barone (bateria).

88 - **Vectra Challenge** – veículo fabricado pela Chevrolet. O Vectra Challenge é uma série especial com nome alusivo aos eventos esportivos da categoria Stock Cars.



www.ideaeditora.com.br

idea@ideaeditora.com.br <http://twitter.com/ideaeditora> www.facebook.com/ideaeditora

Table of Contents

1 Anorexia e Visões
2 Malandragens de Garoto
3 Contato e a Identificação com a Internet
4 A Conquista do Reconhecimento
5 Internet x Brincadeiras x Trabalho
6 Porto Alegre
7 Festas, Baladas e Descanso Merecido
8 Minha Vida em Hotéis
9 Amor de Adolescente
10 O Show
11 Meus Heróis
12 Liberdade para Agir
13 Fábio, Noturno e Eu
14 Quebrando as Amarras
15 Trabalhando entre Curitiba e Piracicaba
16 Sequestros e Ameaças
17 De Volta a Porto Alegre
18 A Operação Ponto Com
19 Superintendência da Polícia Federal em Porto Alegre
20 De Volta para Casa
21 Preso em Curitiba
22 Depoimentos e Prisões
23 A Miséria
24 Fuga para Bauru
25 O Recomeço
26 Hacker do Bem

